

Do Processo à Obra, da Ruína ao Projeto:
O Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo

Magda Letícia Farinha Afonso

M
2020



Magda Afonso Do Processo à Obra, da Ruína ao Projeto:
O Complexo turístico do Luziamar, Viana do Castelo



M.FAUP 2020

Do Processo à Obra, da Ruína ao Projeto:
O Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo
Magda Letícia Farinha Afonso



DO PROCESSO À OBRA, DA RUÍNA AO PROJECTO:
O Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo

Magda Letícia Farinha Afonso
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Sob a orientação da Professora Doutora **Maria Teresa Fonseca**
Ano letivo 2019/2020

Em memória do Arquiteto Francisco Alves Nogueira.

Agradecimentos

Ao Senhor Agostinho Rites, proprietário do antigo Complexo do Luziamar, que me ofereceu entusiástico apoio para esta Dissertação em Arquitetura pela FAUP, e disponibilidade para visitar inúmeras vezes o local.

Ao Arquiteto Miguel Nogueira, pelo apoio, partilha de conhecimento e informações úteis sobre o seu pai, o Arquiteto Francisco Alves Nogueira, personalidade que se tornou central neste trabalho.

À Câmara Municipal de Viana do Castelo, à senhora dona Maria do Rosário Lebreiro que possibilitou a consulta do Arquivo Municipal e de toda a documentação necessária para instituir esta tese.

À minha orientadora, professora Maria Teresa Fonseca, por tornar isto tudo possível e acompanhar todo o meu processo de desenvolvimento desta dissertação. Por ser uma figura determinante para a minha forma de pensar e fazer arquitetura, pela disponibilidade, entusiasmo, conversas interessantes e motivadoras que fizeram com que o presente trabalho se desenvolvesse.

Aos meus pais, um agradecimento muito especial, pelo apoio incondicional, pelo amor e dedicação, porque sem eles, nada disto seria possível. Devo uma nota especial para a minha mãe que corrigiu o meu manuscrito.

Ao Duarte e à Ana, irmão e namorada, um agradecimento especial por estarem sempre presentes e me apoiarem, continuando a ensinar-me, todos os dias, algo de novo e, sobretudo, pela paciência inesgotável.

Ao Luís, pelo companheirismo, partilha de conhecimento, paciência e cumplicidade ao longo de todo o curso e vida.

Ao Tiago, pelo apoio e palavras, um agradecimento especial.

A todas as amigas que este curso me proporcionou.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação.

Sumário

Resumo	8
Abstract	9
Introdução	11
Um velho livro de teoria, Giedion	15
Espaço	16
Tempo	34
Espaço-Tempo	38
Um Arquiteto	43
Biografia de Francisco Alves Nogueira	44
Uma Obra	51
O Processo	52
A Entrevista	64
O Local	66
A Obra	68
Um Concurso	91
O Estudo e Desenho	93
O Projeto	110
O Quarto	134
Considerações Finais	155
Referências Bibliográficas	153
Lista de Imagens	159
Anexos	161
Entrevista – Arq. Miguel Nogueira	168
Processo de Aceitação do Luziamar	176
Entrevista – Eng. Agostinho Rites	203

Resumo

A Arquitetura dos dias de hoje, é resultado da evolução do tempo associada a um determinado espaço, originando assim, o conceito espaço-tempo.

Como ponto de partida, esta dissertação pretende analisar este conceito, aplicando-o ao edifício em estudo, o antigo Complexo Turístico do Luziamar.

O estudo desta construção dos anos 70, levou ao desenvolvimento de uma extensa pesquisa acerca da história do edifício, desde o Arquiteto até ao Projeto de Arquitetura.

Todos estes fatores, serviram de base ao objetivo final deste trabalho, que vai ao encontro de um concurso de ideias lançado pela entidade proprietária deste Complexo. Desta forma, propôs-se um Projeto de Arquitetura, com a finalidade de reinventar este edifício, inserido num contexto de hotel-aparthotel, onde foi focado o estudo do desenho tanto do quarto, como do apartamento.

Com esta intervenção, procurou dar-se uma continuidade ao edifício, sem esquecer a sua história.

Palavras-chave:

Espaço-Tempo, Desenhos de Arquitetura, Processo de Projeto, Construção e Ruína, Profissões do Arquiteto, Forma e Continuidade

Abstract

The Architecture is a consequence of the time progress in a determined space, originating the space-time concept.

Firstly, this thesis intended to analyse that concept, considering the specific case of the old building "*Complexo Turístico do Luziamar*".

This building, constructed in the 70's decade, was extensively studied through a long research about its story and its founder architect.

With this work, it was intended to answer to the building owner, which looks for new solutions to the space. In this way, it was proposed an Architecture Project about an Hotel-Aparthotel, with particular attention on the rooms and apartments details.

This intervention, tried to give another life to this deteriorated construction, without forgetting its story.

Key words:

Space-Time, Architectural Drawings, Design Process, Construction and Ruin, Architect's Professions, Form and Continuity

Introdução

O espaço e tempo, fatores intrínsecos à arquitetura, estão interligados por uma corrente infinita de acontecimentos. Isto faz com que o mundo da arquitetura seja continuamente interpelado por mudanças, estando em constante evolução. Enquanto o espaço se caracteriza pela sua estaticidade, o tempo destaca-se pelo seu dinamismo, onde vários acontecimentos se sucedem levando a alterações no meio, nomeadamente no próprio espaço. É através desta estreita ligação entre o espaço e tempo que a arquitetura se revela, se mostra significativa e se reinventa.

Com o passar do tempo, é bastante frequente notar alterações nos edifícios (espaços), que podem mesmo entrar em “fim de vida”, resultando na sua desocupação e degradação. Para que este processo seja retrocedido, surge a importância da reabilitação que representa uma renovação de obras devolutas, ou até mesmo ruínas. Isto, remete para uma nova forma de arquitetar, de dar um novo começo a uma massa edificada que já teve uma história, onde se incluem edifícios simbólicos, históricos, ou outros construídos para determinada função.

Um caso muito interessante que levou à reflexão sobre a relação espaço-tempo, foi o antigo edifício do Complexo Turístico do Luziamar, que atualmente se encontra num avançado estado de degradação. Assim, a presente dissertação procura ir ao encontro de um misto de ideias e pensamentos ocultos neste edifício. Todo o seu potencial encontra-se restrito por uma área abandonada e interdita, com arquivos num avançado estado de deterioração. Esta obra dos anos 70, é sinónimo de uma arquitetura incompreendida que está, há aproximadamente 30 anos, num terreno ao abandono, onde as dunas são o ponto de destaque e as árvores uma essência do local. A ideia é reinventar um projeto que não foi bem-sucedido, trazendo a este espaço uma forma que devia estar embutida nas raízes do terreno, há mais de meio século.

Este trabalho tem como intuito abordar vários temas, que pretendem analisar a obra em causa até à projeção de uma solução adequada para lhe dar uma nova vida. As várias pesquisas e entrevistas realizadas ajudaram a encontrar uma nova forma e identidade a atribuir ao edifício. O estudo dos desenhos de arquitetura, retidos nos arquivos, permitiram perceber alguns dos problemas que a obra atravessou até ser concretizada, após vários esforços que levaram à aceitação do seu projeto, e posterior desenvolvimento. O estudo das várias formas em que o edifício se desenhou, permitirá também ao leitor perceber o caminho entre projeto, construção, usos, até, ocasionalmente, à ruína. Neste trabalho é perceptível a importância do património arquitetónico que, neste caso, será transformado

através de um novo projeto, nunca desconsiderando a sua história anterior. A dissertação será dividida em quatro capítulos, descritos de seguida.

No primeiro capítulo, “Uma Teoria”, será feita uma abordagem ao tema base desta dissertação: o espaço, o tempo e a sua junção. Pretende-se explicar como estes conceitos se relacionam com a arquitetura, assim como a sua evolução até aos dias de hoje. Mais ainda, perceber a importância da expressão espaço-tempo na arte arquitetónica, nomeadamente na obra a requalificar.

No segundo capítulo, “Um Arquiteto”, será descrita a biografia do arquiteto Francisco Alves Nogueira responsável pelo projeto do antigo edifício do Complexo Turístico do Luziámar. Foi possível compilar através de pesquisas e entrevistas, todo o seu percurso desde a infância até à sua morte, destacando a sua contribuição para a arquitetura, em particular o Luzimar.

No terceiro capítulo, “Uma Obra”, será feito o estudo detalhado sobre o antigo Complexo Turístico do Luziámar, situado na Praia do Cabedelo, em Viana do Castelo. Este capítulo subdivide-se em “O Processo”, “A Entrevista”, “O Local” e a “A Obra”. Será cuidadosamente analisado o Processo que antecedeu a obra, de forma a clarificar e dar a conhecer procedimentos que foram efetuados para a aceitação deste projeto, em conjunto com um percurso cronológico, desde o ano da abertura do Complexo até ao seu encerramento, que resultou no seu abandono, num espaço onde o tempo se faz notar. A Entrevista consistirá na análise da conversa com o proprietário do terreno, que está recetivo a um novo aproveitamento do local, através de um programa Hotel-Aparthotel. Depois, será detalhadamente descrito o Local, traduzindo a essência do espaço. Por fim, apresentar-se-á uma cuidadosa reflexão sobre a Obra, realçando as várias mudanças efetuadas na execução do projeto no terreno e as suas referências.

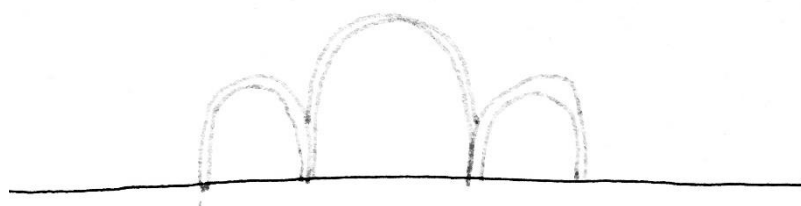
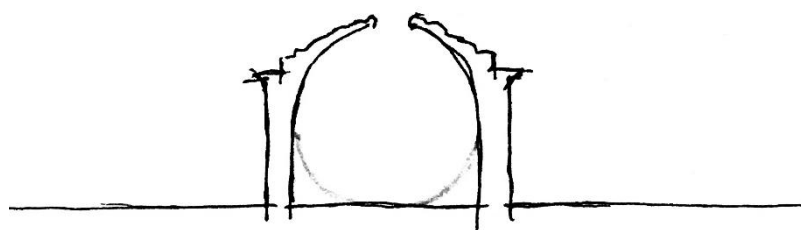
No quarto capítulo, “Um Concurso”, será abordada a requalificação do Complexo, subdividindo-se em “O Estudo e Desenho”, “O Projeto” e “O Quarto”. O Estudo e Desenho traduzirá as várias opções de obras e tipologias estudadas e seu fundamento, que resultarão numa solução final descrita no Projeto. Aqui, apresentar-se-á o projeto de um programa Hotel-Aparthotel, os respetivos desenhos e a memória descritiva. O Quarto abordará a temática das diferentes tipologias de quartos, em contexto apartamento ou dormitório, inseridos numa unidade hoteleira.

Um velho livro de teoria, Giedion

Espaço

Tempo

Espaço-Tempo



^{01.} Esquema de
simulação do Espaço.

Espaço

O mundo da arquitetura está repleto de temas e estudos relacionados com o desenho do edifício ao longo do tempo, referentes ao seu espaço exterior, interior e interior-exterior. Esta foi uma das teorias exploradas por Sigfried Giedion, através das Conceções Espaciais.

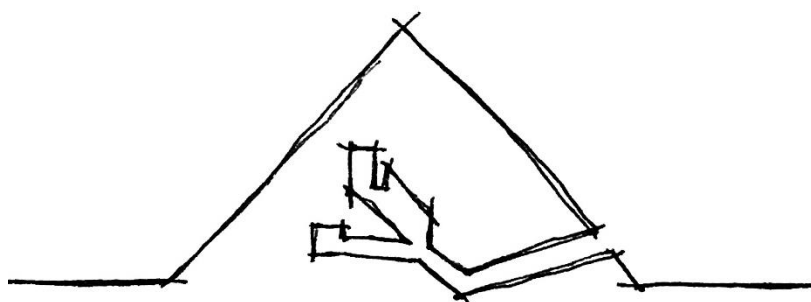
¹ GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transicion*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969. p. 3.

“Las tres concepciones arquitectónicas del espacio, que ejemplifican un de los aspectos que las grandes épocas tienen en común: su actitud hacia el espacio.”¹.

A arquitetura foi transmutada por força da mudança de ideias ao longo do tempo, que se regem por fenómenos de transição. Esta ideia fundamenta-se no livro de Siegfried Giedion, *“Espaço, Tempo e Arquitetura”*, onde aprendi que a arquitetura evolui consoante o espaço e o tempo, existindo uma notória simbiose entre ambos. Esta evolução espaço-temporal, acompanhou as várias mudanças culturais, a evolução tecnológica e construtiva, que fizeram da arquitetura o que ela é no presente e será no futuro, adaptando-se às constantes mudanças.

Nas páginas que se seguem, sem querer ou poder fazer notável teoria sobre o espaço-tempo, achei oportuno reproduzir alguns dos apontamentos que ao longo do meu curso, e muito ingenuamente, fui retirando de um dos primeiros e mais queridos livros, porque o projeto central que me ocupou, afinal, tem como tema central, a questão de efeito do tempo nos espaços da arquitetura. Uma vez que nunca visitei as obras que se seguem, espero que um dia também possa desenhá-las tal como desenhei o antigo Complexo Turístico do Luziamar.

^{02.} Primeira Conceção
Espacial – o espaço
exterior.



Primeira Conceção Espacial

*“Las tres largas épocas de la evolución de la arquitectura no pueden ser tratadas con la misma extensión. La primera concepción del espacio fue la de las primeras civilizaciones superiores: Egipto y Mesopotamia.”*².

² GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transicion*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969. p. 3.

Giedion com este pensamento mencionou a primeira conceção espacial, relacionando-a às grandes civilizações da História Antiga da Arquitetura, tais como o Egipto e a Mesopotâmia. Estes povos ficaram reconhecidos pelas várias construções que realizaram, envolvendo elementos arquitetónicos como as pirâmides, os zigurates e os templos, que fizeram parte dos primeiros passos da história da arquitetura ocidental. Esta primeira fase baseia-se nas ideologias referentes à monumentalidade, à volumetria e ao desenho dos cheios e vazios, caracterizando o espaço e tempo impregnado nas suas origens.

O povo egípcio foi uma das civilizações mais ligadas à adoração do divino. Por conseguinte, acreditava que existia vida para além da morte, uma crença que foi exibida pelo propósito das suas construções. Os egípcios construíram muitos elementos funerários, como é o caso das pirâmides, que serviam de conservação para os corpos e para a própria mumificação, dispondo grandes sarcófagos numa câmara que se encontrava no interior da grande massa da pirâmide. Estas imponentes construções, encontram-se dispostas ao longo do rio Nilo, de acordo com a orientação solar. A ideia da sua grandiosidade era pensada para que fossem observadas a longa distância, uma vez que o seu alto índice de reflexão sobre as superfícies, enaltecia a sua presença. Estas construções caracterizavam-se pelo seu grande volume, com uma massa três vezes maior que o seu próprio espaço interior, uma vez que na época não existiam conhecimentos, nem meios suficientes que conduzissem a um melhor aproveitamento do espaço. A própria localização traduz a necessidade de aproveitamento do rio como meio que agilizava o transporte dos grandes blocos inerentes à sua construção. A grande preocupação com a aparência exterior faz perceber que os egípcios associaram o poder à grandeza das suas obras. A sua arquitetura traduziu-se em grandes formas, expostas num terreno plano demarcado pela paisagem e, pelos altos e baixos do grande mar de areia, confrontado pelo Nilo. Tal como os egípcios, numa outra época, um povo que também era ligado à adoração dos deuses, eram os gregos.



^{03.} Pirâmides de Gizé,
Cairo, Egípto, 2700 a.C.



^{04.} Acrópole de Atenas,
Atenas, Grécia, 450 a.C.

*“La relación de la arquitectura griega con las que la precedieron y sucedieron revela la importancia de los fenómenos de transición.”*³.

³ GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transicion*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969. p. 4.

Giedion, refere que o povo grego era também muito ligado ao espiritualismo e ao celestial. Ao ser um povo crente, acreditava que a paisagem era um símbolo de algo mimético ligado a uma realidade cósmica, em que todos os elementos da natureza tinham um significado mítico, espiritual e religioso. Através da paisagem, visualizavam imagens antropomórficas como uma forma de ter o divino sempre presente. Sendo a natureza muito importante para os gregos, criou-se uma relação tão vasta entre obra e paisagem.

As crenças criadas pelos gregos eram generalizadas pelas suas obras arquitetónicas, como é o exemplo dos templos, relacionados com a religião através de uma ideia de altar, onde a devoção era feita pelo povo, exteriormente, sem qualquer acesso ao espaço interno, para que a construção fosse adorada pela sua monumentalidade e imponência no terreno. Os gregos, também eram um povo bastante prudente, quanto aos detalhes exteriores. Eles sabiam corrigir os erros através da procura da elegância, das ilusões de óticas, dos ritmos das colunas, da dimensão e das modinaturas, que se sobrepunham aos olhos do povo. Uma obra cheia de destreza que chegava a ter concavidades cuidadosamente colocadas para serem vistas pelo observador quando a luz incidisse nelas. Estas construções dispostas por colunas cuidadosamente detalhadas e desenhadas, assentavam sob uma plataforma que lhe conferia um maior destaque e presença no espaço.

Por exemplo, o Pártenon representa exatamente a forma de um templo clássico grego, que através do seu estatuto na Acrópole se demarca da envolvente pelo seu volume escultórico. Construído no local mais elevado da cidade, existe uma maior perceção visual sobre a construção e, do próprio templo, uma vista esplendorosa sobre a cidade.

Com o pensamento de Giedion, o Pártenon é um paradigma ideal que explica, no seu detalhe, a ideia de conceção espacial. Isto porque, à semelhança dos egípcios, vai em busca da proporção divina através de vários espaços regrados, não pelo triângulo de ouro, usado nas pirâmides, mas pela proporção do retângulo de ouro.

O Pártenon demonstra, mais uma vez, a preocupação dos gregos com o exterior das suas construções. A fachada do mesmo vai ao encontro da perfeição, baseada em elementos estéticos estudados para tal efeito. As colunas são um elemento que justifica este pensamento, através de pequenas distorções afirmadas por uma curva estudada para criar o efeito que os gregos pretendiam, um testemunho às correções óticas.

⁴ GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transicion*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969, p. 18.

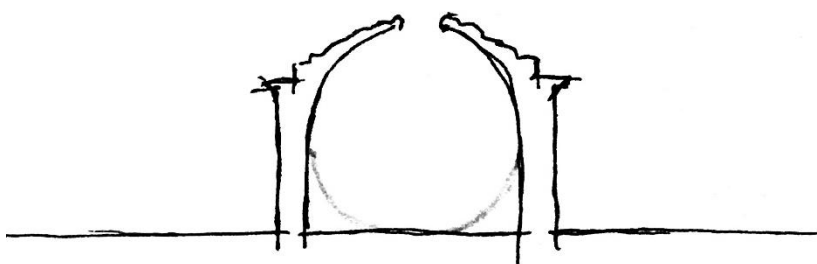
*“Al igual que las pirámides y templos de Egipto, los templos, los edificios de asamblea y las stoas de Grecia se alzaban en el espacio como objetos escultóricos independientes.”*⁴.

⁵ GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transicion*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969, p. 86 – 87.

Esta conceção espacial é alusiva, tanto às pirâmides egípcias, como aos templos gregos, devido aos volumes escultóricos dispostos no espaço, que revelam uma enorme vontade de uma construção afirmada pelo seu exterior. Para ambos os povos, a ideia de conceção espacial é fundamentada no exterior. Isto, denotava a sua enorme vontade de demonstração da grandiosidade arquitetónica ao observador, a grande base desta primeira conceção espacial.

*“Podemos seguir el desarrollo de esta actitud a través de los complicados trazados de los templos (...) egipcios para llegar finalmente a la estructuración de los santuarios gregos, última etapa de la primera concepción del espacio.”*⁵.

05. Segunda Conceção
Espacial – o espaço
interior.



Segunda Conceção Espacial

*“La segunda concepción espacial consideraba el espacio sinónimo de espacio excavado interior. A pesar de las profundas diferencias, esta, segunda concepción espacial abarca todo el período desde el Panteón hasta fines del siglo XVIII.”*⁶.

Giedion menciona que, no império romano, acontece o oposto relativamente ao povo egípcio e grego. Os romanos queriam resolver questões relacionadas com a utilidade dos edifícios. São exemplo disso os portos, os mercados, as termas e os teatros. Nesta civilização, a habitação requeria um maior estudo a nível interior, ao contrário dos edifícios de carácter religioso, o que mostra a evolução das características e necessidades da civilização.

Com o império romano surge a segunda conceção espacial, identificada através da mudança de ideais que se ligava à cultura desta civilização. Nasce, assim, uma arquitetura que não constrói só pela perceção visual, mas que engloba outros componentes percetivos. Com isto, o espaço exterior perde a importância que a primeira conceção espacial lhe proporcionou, dando destaque ao espaço interior, apresentando novos elementos arquitetónicos como as abobadas e os arcos.

*“Las arquitecturas romana, medieval, renacentista y barroca, pese a todas sus diferencias estilísticas, se ajustan a la misma concepción del espacio.”*⁷.

A arquitetura romana aceitou a influência da arte grega nas suas construções, de forma a reconfigurar o interior das mesmas. Assim, surgiram novas formas, como os círculos e o sistema axial. Este sistema, sob a base de eixos, geometrizava as habitações e espaços comuns, facilitando aos habitantes a condução para o interior das mesmas. Com o surgimento da circunferência, os romanos utilizavam esta, como um meio para desenhar espaços interiores, através de áreas abobadadas.

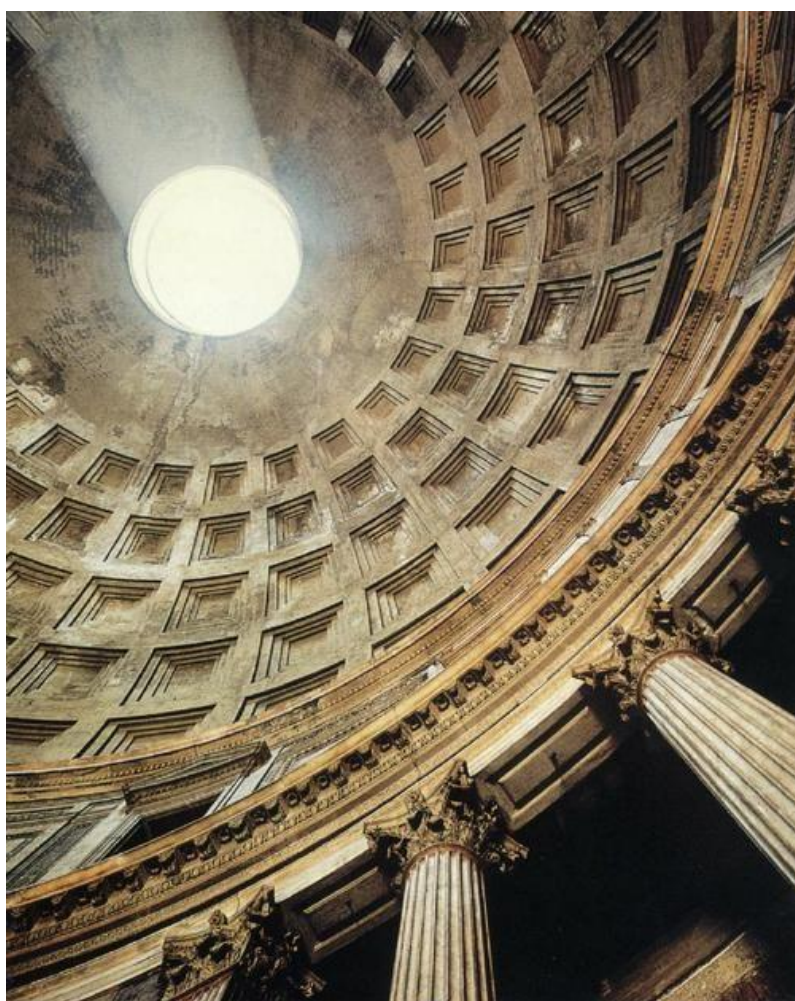
A relevância que o espaço interior assume nesta época, como é o caso do Panteão de Roma, mostra ao observador um interior com livre circulação, em que a luz a passa a ser um novo elemento, que demarca o interior das construções.

*“El Panteón representa, además, el clímax monumental del proceso evolutivo que llevó desde el tolo y la gran obertura hasta la segunda concepción del espacio.”*⁸.

⁶ GIEDION, Sigfried, *Espacio, Tiempo y Arquitectura: El futuro de una nueva tradición*. Editora Dossat, S.A., Madrid, 1982. p. XXIX.

⁷ GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transicion*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969. p. 4.

⁸ GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transicion*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969. p. 178.



^{06.} Panteão de Roma,
Roma, Itália, séc. II d.C.

Segundo o pensamento de Giedion, o Panteão é um exemplo exponencial que vai ao encontro das características desta segunda conceção espacial. Isto, devido à sua monumentalidade interior, através do seu desenho e construção, que parece ser fora de época, ultrapassa todos os níveis da arquitetura, magnetizando o observador até à atualidade. Tal, representa o grande passo da fisionomia das coberturas abobadadas, que transpõe o espaço interior ao monumental espaço exterior. Assinala-se, assim, um grande feito que é o domínio do interior sob o exterior.

⁹ GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transicion*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969. p. 184.

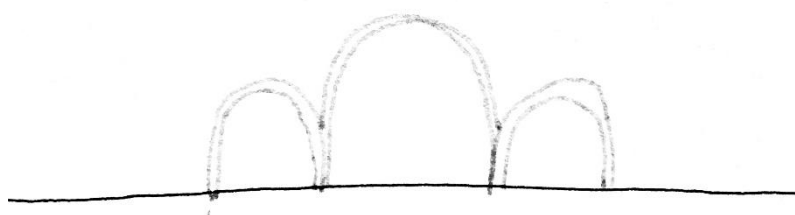
“El interior del Panteón expresa un concepto sublime, pero reducido a su formulación más simples.”⁹.

A grandiosidade do espaço interior do Panteão é baseada no desenho, através da extrema simplicidade do seu círculo, que se inscreve num quadrado. O observador tem acesso ao seu interior através de um pórtico que faz a transição do exterior para o interior. Através deste elemento, a monumentalidade e primazia do interior são completamente escondidas, o que faz com que sejam completamente reveladas após a sua passagem.

O Panteão demonstra a sua construção contida numa forma circular. O espaço interior é concebido por um espaço fechado, onde surge a relação com o céu através de um rasgo zenital circular. Este demarca o movimento natural da luz solar para o interior da construção. Interessante é perceber que este circuito solar, que está inscrito dentro do interior do Panteão, marca o movimento da luz sobre a própria cúpula, onde se consegue ter uma perceção do tempo no espaço. O rasgo zenital surge, no entanto, como um vazio que demarca a representação ligada ao cosmos, apresentando um movimento constante que está em permanente mutação, inscrito dentro de uma atmosfera interior.

É importante perceber que consoante os povos, civilizações ou culturas, a arquitetura encontra-se num movimento interrupto, que se traduz numa forma diferente de construir. O Pártenon, por exemplo, mostrava a adoração ao divino, sendo que a comunidade não tinha acesso ao seu interior, valorizando-se a perceção visual. Em contrapartida, o Panteão era aberto à comunidade, onde existia um espaço interior de livre circulação, sendo igualmente um símbolo de poder do império.

^{07.} Terceira Conceção
Espacial -
espaço interior-exterior.



Terceira Conceção Espacial

“La tercera concepción espacial se inicia con la revolución óptica en el comienzo de este siglo que abolió la perspectiva con un solo punto de vista. (...) Brotan nuevos elementos: una interpenetración hasta ahora desconocida de espacio interior y exterior”¹⁰.

¹⁰ GIEDION, Sigfried, *Espacio, Tiempo y Arquitectura: El futuro de una nueva tradición*. Editora Dossat, S.A., Madrid, 1982. p. XXIX.

Com o desenvolvimento das civilizações surge uma nova conceção espacial. Esta terceira conceção, surge com o intuito de fazer crescer um novo conceito no mundo da arquitetura. Com isto, a inquietação de conseguir visualizar o tempo no espaço ganhou força, através da simultaneidade entre o interior-exterior, num método que se liga ao movimento. Isto, com o desígnio de alcançar algo de novo, de diferente, em constante evolução. Desta forma, a ciência e a arte juntam-se para perceber o mundo com uma nova mentalidade.

¹¹ GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transición*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969. p. 324.

O papel dos engenheiros, nesta nova fase, foi importante para conduzir a arquitetura por um novo caminho. Na Feira Mundial de 1889, por exemplo, foram construídas duas das maiores estruturas em ferro, a Torre Eiffel e a Galeria das Máquinas. Aqui, foi possível visualizar a construção de estruturas completamente abertas, que desenvolveram um novo conceito para a arquitetura, fazendo com que as estruturas fechadas perdessem expressão. Este fenómeno fez com que o interior e o exterior se unissem num só, o que levou a que uma nova tipologia espacial nascesse, onde a luz penetra o espaço interior através de vários pontos, com o movimento natural do sol. Deste modo, tornou-se mais perceptível a visualização do tempo no espaço, mostrando uma evolução relativamente ao que acontecia no Panteão, em que apenas uma única abertura fazia esse efeito.

É importante referir que inicialmente este tipo de construções não foram aprovadas ou entendidas pelos arquitetos da época, tendo sido as artes plásticas que em muito contribuíram para esta nova conceção espacial. Desta forma, os arquitetos começaram a compreender melhor este tipo de construções, pela interpretação das várias esculturas e pinturas, que envolviam este novo conceito de interior-exterior.

“Fueron los pintores quienes, tras el uso y abuso decimonónicos de las formas y estilos históricos, esfera inconsciente de nuestro ser.”¹¹.

Outrora, na época do Renascimento, os artistas ocidentais estavam completamente maravilhados com a perspetiva ótica, sendo que as obras denotavam a preocupação de representar o real. Como é o caso de Leonardo da Vinci, um artista que estudava a fisionomia do corpo humano para conseguir retratá-la na sua forma mais pura. No entanto, com o surgimento da terceira conceção, a arte foi perdendo



08. Torre Eiffel, Paris,
França, 1889.



09. Galeria das Máquinas,
Paris, França, 1889.



10. *La tour Eiffel*, Robert Delauney, 1910.

11. *Femme nue*, Alexander Archipenko, 1916.

12. Pavilhão Suíço, Paris, França, 1931.

¹² GIEDION, Sigfried, *Espacio, Tiempo y Arquitectura: El futuro de una nueva tradición*. Editora Dossat, S.A., Madrid, 1982. p. 456.

¹³ GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transición*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969. p. 328.

essa tendência de perspectivar apenas o real, começando os artistas a ir em busca de uma nova expressão mais dinâmica do espaço, o cubismo.

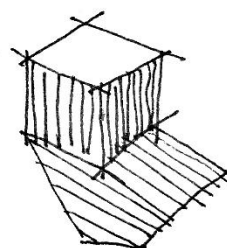
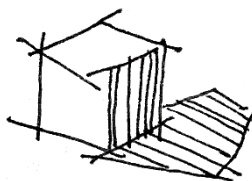
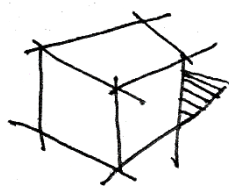
“Los planos del cubismo, avanzando y retirándose, interpenetrándose en suspensión, a menudo transparentes, si nada que los constriña a una posición realista, se hallan en contraste fundamental con las líneas de la perspectiva que convergen en un solo punto focal. (...) Ahora se presentan como un medio artístico, (...) representando fragmentos de objetos identificables, (...) de manera que su interior y su exterior pudiesen ser vistos simultaneamente, (...) formas absolutamente irracionales, (...) unicamente a diferentes estados de ánimo.”¹².

Delauney, é um exemplo do cubismo, nomeadamente na sua pintura da *La tour Eiffel*. A estrutura representada, foi esboçada através de várias sobreposições de planos, de forma a conseguir transmitir a luz e transparências sobre um volume. Este raciocínio artístico sintetizou o pensamento associado a esta conceção, de uma forma mais simples e intuitiva, para a arquitetura. Também o escultor Alexander Archipenko contribuiu para esse mesmo efeito, ao desenvolver a *Femme nue*, acabando por juntar o negativo com o positivo numa só obra, representando a fusão entre o interior-exterior. Um exemplo da aceitação desta terceira conceção espacial, por parte dos arquitetos, é a obra de Le Corbusier, o Pavilhão Suíço na Cidade Universitária de Paris. O pavilhão resulta de uma sobreposição de matérias unidas como uma só, num processo de fachadas, representando a dualidade entre o transparente-opaco que permite a interação entre o interior-exterior.

“Esta fluctuación de volumen y vacío, de exterior e interior, fue recogida por la arquitectura, en cuyas obras se interpenetraban continuamente el espacio exterior y el interior, estableciendo así nuevas interrelaciones.”¹³.

A terceira conceção espacial é o resultado da influência da pintura e escultura, arquitetura e engenharia. Representa uma junção da primeira e segunda conceções espaciais, pela união dos elementos individuais característicos de cada uma, respetivamente, exterior e interior num só, destacando o elemento tempo.

13. Esquema de simulação
do Tempo.



Tempo

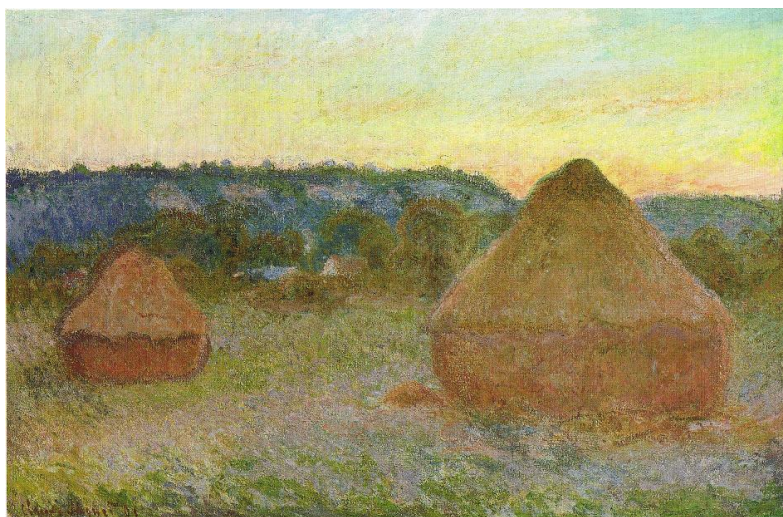
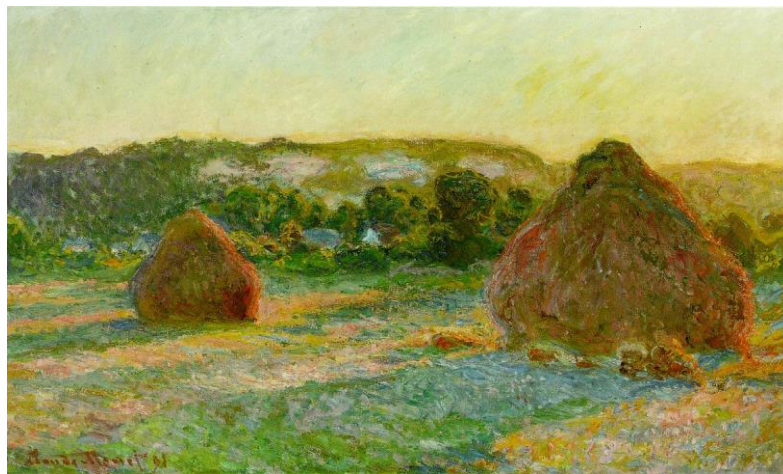
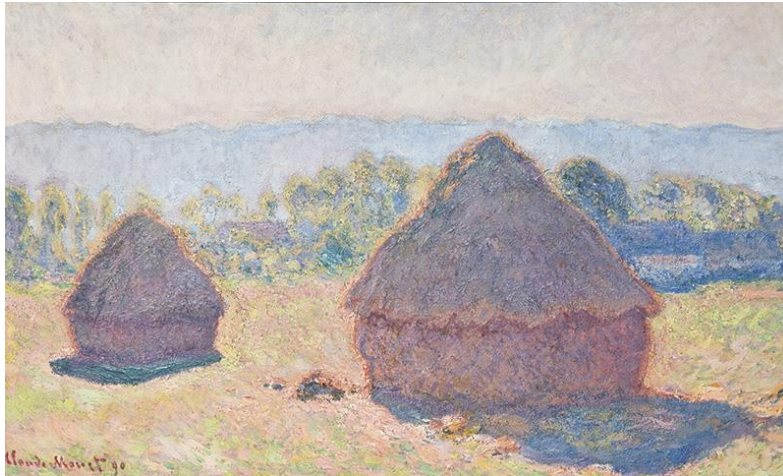
Geralmente, identificamos o tempo como uma mera passagem aplicada ao sistema de horas, minutos e segundos. Porém, este está muito mais relacionado com a questão do espaço, do que aquilo que parece. É necessário perceber que o tempo está em constante movimento, ancorado a um espaço.

Sobre a linha do tempo num espaço, conseguimos assimilar as inerentes mudanças que levam à atualização do passado. Ou seja, quando construímos algo referente a um espaço e tempo, surge sempre algo de novo, que invalida a permanência do existente, que acaba por ser alterado.

Alguns pintores utilizaram esta razão nas suas obras, como é o caso de Claude Monet. Este pintor, fascinado pelos momentos transitórios, representa várias vezes o fator do tempo no espaço, nomeadamente na obra com duas casas de palha, dispersas na paisagem. Nesta, transmite as várias mutações inerentes ao tempo num determinado corpo no espaço, através de ajustes de cores, sombra, textura e luz. Também, outros pintores representaram o fator tempo desde o amanhecer ao entardecer, retratando o conceito de *timepiece*.

Na arquitetura o tempo é visualizado de uma outra forma, a partir do estilo e estado da construção. O estilo arquitetónico permite facilmente identificar qual a época da sua conceção. Entenda-se que ao longo de tempo, o estilo sofreu alterações devido ao avanço tecnológico, cultural e social. Portanto, cada estilo está associado a uma espécie de janela temporal que não cessa, mas que se altera continuamente, fazendo com que exista uma lógica correspondência entre o estilo e o tempo. Um fator que potencializa isso é a definição das várias etapas da arquitetura. Por exemplo, analisando duas obras, uma clássica e outra modernista, é possível verificar, através do destaque das formas, um progresso tanto a nível do desenho como da técnica, em si. Por outro lado, o estado da construção também espelha as consequências do tempo, como é o caso do desgaste verificado nos materiais. Por exemplo, na biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, o tempo é simbolizado pelo desgaste do piso de madeira quer pelo arrastar das cadeiras, quer pela circulação dos estudantes perto das estantes.

No processo de vida de um edifício, verifica-se que este se pode tornar completamente devoluto após a utilização do Homem. Neste processo de abandono, toda a construção começa a apresentar sinais evidentes de um tempo que consegue ser observado pelo seu estado de degradação. Com isto, a arquitetura retém um papel importante de poder reerguer algo esquecido, dando-lhe uma nova função e significado.

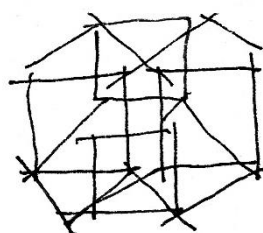
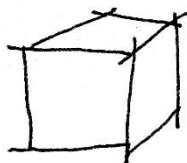
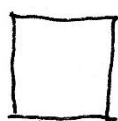


14. Claude Monet,
*Grainstacks, in Bright
Sunlight*, 1890.

15. Claude Monet,
*Wheatstacks (End of
Summer)*, 1890–91.

16. Claude Monet,
Wheatstacks, 1890–91.

¹⁷. Esquema de simulação
do Espaço-Tempo.



Espaço-Tempo

Apesar da singularidade dos conceitos *espaço* e *tempo*, é necessário perceber que ambos estão relacionados entre si, surgindo a definição espaço-tempo. O espaço absorve as propriedades de um tempo, tal como o tempo retém as qualidades de um espaço. A arquitetura está profundamente interligada com este fenómeno espaço-tempo.

A arte egípcia, por exemplo, cresceu sobre as formas mais simples, que no seu tempo eram vistas como uma complexidade extrema. Além de serem pouco ricas no detalhe, estavam profundamente ligadas a um significado e a um contexto. Estas formas apoiavam-se nos princípios da frontalidade, definido, mais tarde, pela bidimensionalidade. As representações bidimensionais que os egípcios realizavam, quer para contar a história do seu povo, quer para homenagear os seus deuses, eram determinadas por apenas dois elementos, a altura e a largura. Contudo, com os avanços das civilizações, a percepção espacial foi aprimorada, deixando de lado os desenhos bidimensionais. Com isto, o Homem passou a representar, através de uma nova componente, a tridimensionalidade. Esta capta a ilusão de ótica, como é o caso das evoluções geométricas que renunciam a frontalidade, dando o elemento da profundidade às representações espaciais. Assim, dá-se uma grande revolução referente à arte, em que um novo pensamento de ver o mundo surge, atribuindo novos paradigmas à expressão humana.

Esta evolução contínua dá ainda origem a um novo fenómeno que nasceu da negação ao comodismo, em busca de novas expressões. A evolução da ciência, relacionada com a teoria da relatividade, faz então surgir a quarta dimensão, como é o caso do cubismo, já descrito anteriormente.

Na bidimensionalidade o elemento atribuído a esta representação, foi a frontalidade, que por sua vez se associou à frontalidade na tridimensionalidade. Ambas, se juntaram depois ao tempo na quarta dimensão. Por conseguinte, foram quebrados padrões e barreiras impostos ao longo do tempo, fazendo com que o fenómeno espaço-tempo fosse criado, relacionando-o à arquitetura por meio da arte. Portanto, tudo tem uma continuidade relacionada com o ontem, hoje e amanhã, que se espelha na arquitetura associada a um espaço.

Na presente dissertação, a dicotomia espaço-tempo aplica-se à requalificação do antigo Complexo Turístico do Luziámar, projetado e desenhado pelo Arquitecto Francisco Alves Nogueira.

Um Arquiteto

Biografia de Francisco Alves Nogueira

Biografia de Francisco Alves Nogueira

¹⁴ Entrevista – Arq.
Miguel Nogueira, 2019.
Anexo, p. 168

Nascido em Lisboa, no vigésimo segundo dia de novembro de 1926, Francisco José Gouveia Alves Nogueira passou parte da sua infância em Lourenço de Marques, atual Maputo. Isto, porque o seu pai, José Alves Nogueira, tinha uma carreira como administrador em várias colónias. Durante esse tempo, até à 4ª classe, foi educado pela sua mãe, Alzira Rosa Gouveia Nogueira e por uma professora particular, de origem inglesa. Tendo perdido um ano, regressou a Portugal, estudou e fez o liceu no Colégio das Caldinhas, em Santo Tirso, como aluno interno.

Francisco Alves Nogueira sempre teve uma ligação alusiva ao mundo das artes, devido ao contexto familiar.

“A minha avó era uma pessoa que gostava muito de artes, ela pintava, bordava, todas as coisas que as senhoras de antigamente faziam. A irmã do meu pai, que estudou na África do Sul, também teve uma educação ligada às artes decorativas, e teve outro irmão arquiteto”¹⁴.

Portanto, Francisco Alves Nogueira sempre esteve inserido dentro do contexto artístico que o levou a enveredar pela mesma área.

Depois de acabar o liceu, nas Caldinhas, fez a sua admissão para o curso de Belas-Artes de Lisboa, na década de 50. Aqui realizou o seu 1º ano, sendo que depois se mudou para a escola de Belas-Artes do Porto, onde mais tarde terminou o curso.

Ao longo do seu percurso académico conheceu vários escultores e pintores, como é o caso de Álvaro Rocha, Gustavo Bastos, Henrique Cayatte e Fernando Lanhas. Como a escola do Porto era pequena, havia uma grande interação entre os estudantes dos vários cursos. Também conheceu arquitetos como Pádua Ramos, José Carlos Loureiro, Mário Bonito, João Andresen e Álvaro Siza Vieira. No seu percurso académico teve como professor, o arquiteto Fernando Távora e, ainda, o arquiteto José Carlos Loureiro. Como mestres, os arquitetos Carlos Ramos e Rogério de Azevedo.

Francisco Alves Nogueira teve acesso a várias referências literárias, nacionais e internacionais, tais como *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, dos anos 50, *Módulo*, *Arquitectura Portuguesa*, *Arquitectura* 54, entre outras. Na altura, a biblioteca de Belas-Artes era muito limitada e muitas informações só se adquiriam através de viagens, algo excêntrico para a época. Assim, os estudantes partilhavam conhecimento sobre os grandes nomes da arquitetura, uma vez que a informação demorava a chegar a Portugal. Desta forma, Francisco Alves Nogueira, conseguiu ter acesso ao conhecimento e à cultura arquitetónica dos grandes arquitetos Frank Lloyd Wright, Le Corbusier, Groupius, entre outros clássicos.



18. Fotografia do
Arquiteto Francisco Alves
Nogueira, de vespa.

¹⁵ Entrevista – Arq. Miguel Nogueira, 2019. Anexo, p. 173 “*Havia uma outra revista de arquitetura portuguesa dos anos 50, 60, onde aparecem alguns colegas do meu pai como o Andersen, o Mário Bonito, o Távora, o Rogério de Azevedo.*”¹⁵.

¹⁶ CODA – Concurso para a obtenção do diploma de arquitetura

¹⁷ Entrevista – Arq. Miguel Nogueira, 2019. Anexo, p. 172

¹⁸ Entrevista – Arq. Miguel Nogueira, 2019. Anexo, p. 174

Em meados dos anos 50, Francisco Alves Nogueira casou-se, e mais tarde teve três filhos. Um ano depois, finalizou a prova CODA¹⁶, na qual obteve 18 valores, tendo como temática uma moradia em Malveira da Serra, Cascais. Ao regressar a Lisboa, Francisco trabalhou para o arquiteto Brito e Cunha, um grande urbanista que desenvolveu vários Planos Diretores Municipais, (PDM), naquela época. Ao mesmo tempo desenvolveu vários projetos fora de Portugal, como é o caso do Norte de África, uma zona onde tinha grande influência, e em França.

O arquiteto em questão teve uma formação muito forte na área do Urbanismo, devido ao trabalho que desenvolveu no gabinete do arquiteto Brito e Cunha, onde mais tarde foi chefe de gabinete. Na mesma altura, Francisco teve um pequeno gabinete próprio, na Covilhã. Simultaneamente, deu aulas de Geometria Descritiva no antigo Liceu de Oeiras, atual Escola Secundária Sebastião e Silva.

Em meados da década de 60, regressou ao Porto ao ganhar um concurso para a ampliação do Hospital de Santo António, juntamente com o seu cunhado arquiteto Eduardo Brito. Contudo, esse investimento não foi aprovado pelo Antigo Tribunal de Contas, o que fez com que o projeto fosse abandonado, ficando o arquiteto José Carlos Loureiro a realizar esta ampliação.

*“O meu pai foi sempre assim num low profile, nunca procurou muito as luzes da ribalta. Ele era uma pessoa muito tranquila, mas não era nada vaidoso, gostava de fazer o trabalho dele.”*¹⁷.

Francisco Alves Nogueira trabalhou sempre numa profissão liberal, chegando a ter uma sociedade informal com o seu cunhado, entre 1967 e 1973. Em seguida, trabalhou juntamente com três colaboradores, mas num gabinete relativamente pequeno.

Quanto à sua arquitetura, passou sobretudo por duas fases. Na primeira, Francisco seguia uma arquitetura arrojada, embora dentro da linguagem daquele tempo, com referências a Fernando Távora.

*“Quer em termos de linguagem, e quando arriscamos mais corremos mais o risco de datar uma determinada obra de arquitetura, quer nos materiais que utilizamos. Portanto, tem que haver determinada coerência, eu acho que ele era extremamente coerente nas coisas.”*¹⁸.

Durante o desenvolvimento da CODA, distinguiu-se com uma expressão mais jovem e irreverente, em que havia mistura dos materiais sem hesitação. Mais tarde, o arquiteto adotou uma forma de projetar mais ponderada, optando por não seguir linhas muito arriscadas. Denotava uma grande preocupação com os materiais que eram aplicados nos edifícios, sempre ligado ao pensamento de que



19. Fotografia, revistas de arquitetura de Francisco Alves Nogueira.

¹⁹ Entrevista – Arq. Miguel Nogueira, 2019. Anexo, p. 174

²⁰ NN Arquitetura e Planeamento, Lda.

o edifício tinha de sobreviver ao tempo, tanto na durabilidade dos materiais como na linguagem da obra. Defendia, assim, a ideia de que os materiais comprometiam o edifício a determinada época, marcando a questão do tempo na sua linguagem.

Em 1975, o arquiteto esteve ligado à consultoria de várias Câmaras do país, em termos urbanísticos. Foi consultor na Câmara Municipal de Tomar, Baião e Torres Novas. Mais tarde, foi convidado para trabalhar na Câmara Municipal da Maia, onde exerceu durante 10 anos. Neste período, realizou grandes obras estruturais, nomeadamente a zona industrial da Maia e fez parte do desenvolvimento do PDM da Maia, juntamente com o engenheiro Lameiras.

“Também teve alguma interferência por parte da câmara, como consultor do presidente. Ele teve essa vida mais ligada ao urbanismo e menos à arquitetura.”¹⁹.

Em 1994 nasce a empresa NNArquitectos²⁰, depois de muitos anos de colaboração entre o arquiteto e o seu filho Eduardo Miguel de Brito Nogueira. Um ano depois, Francisco reformou-se da empresa devido a problemas de saúde. Contudo, trabalhou na Câmara Municipal da Maia, até 1996. Embora reformado, continuou a colaborar na sua empresa, até ao ano de 2012, com 86 anos, continuando a andar de vespa regularmente.

Faleceu aos 92 anos, 9 de julho de 2019, deixando um grande legado ao urbanismo e arquitetura, sendo uma das obras o Complexo Turístico do Luziamar, estudado nesta dissertação.

Uma Obra

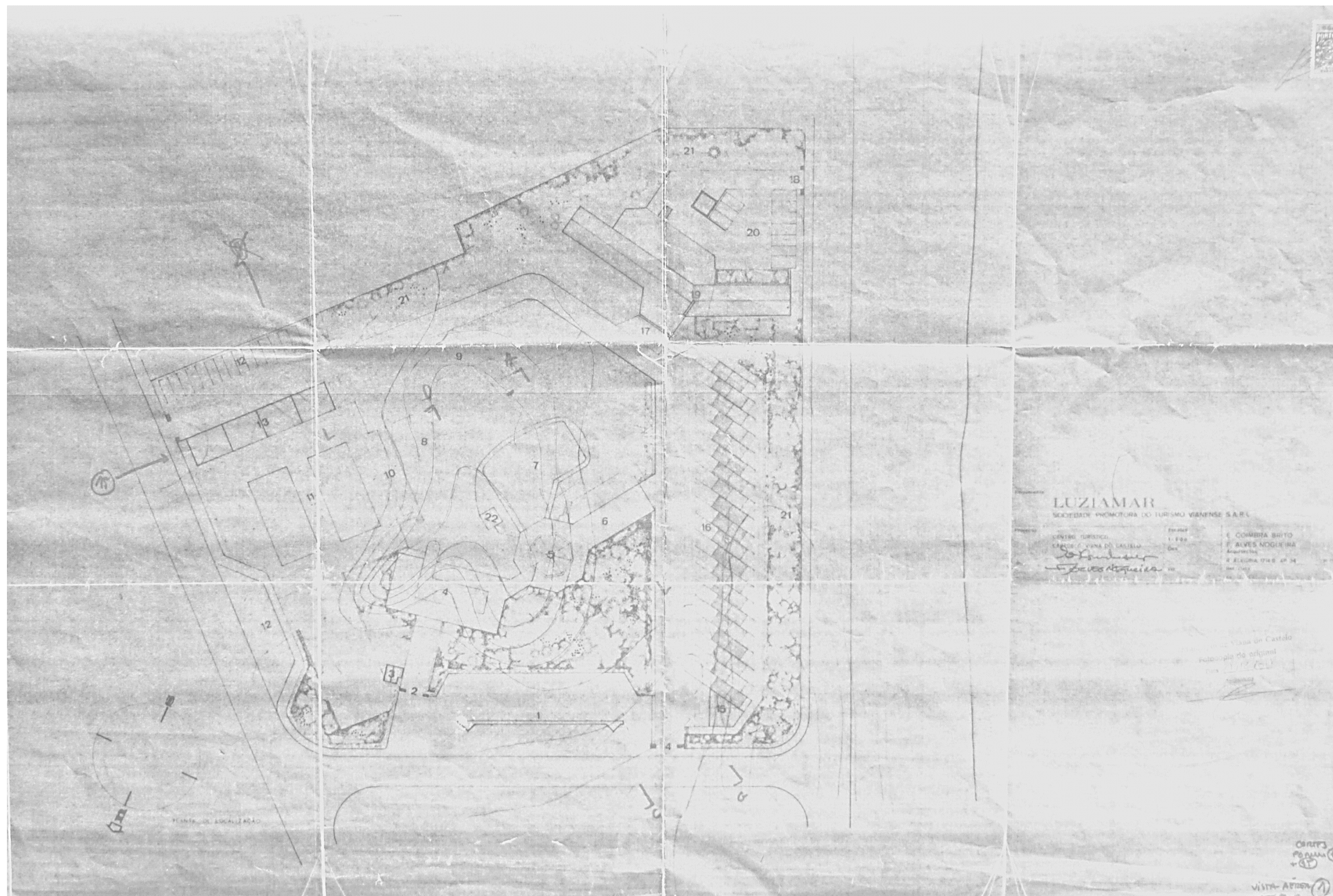
O Processo
A Entrevista
O Local
A Obra

O Processo

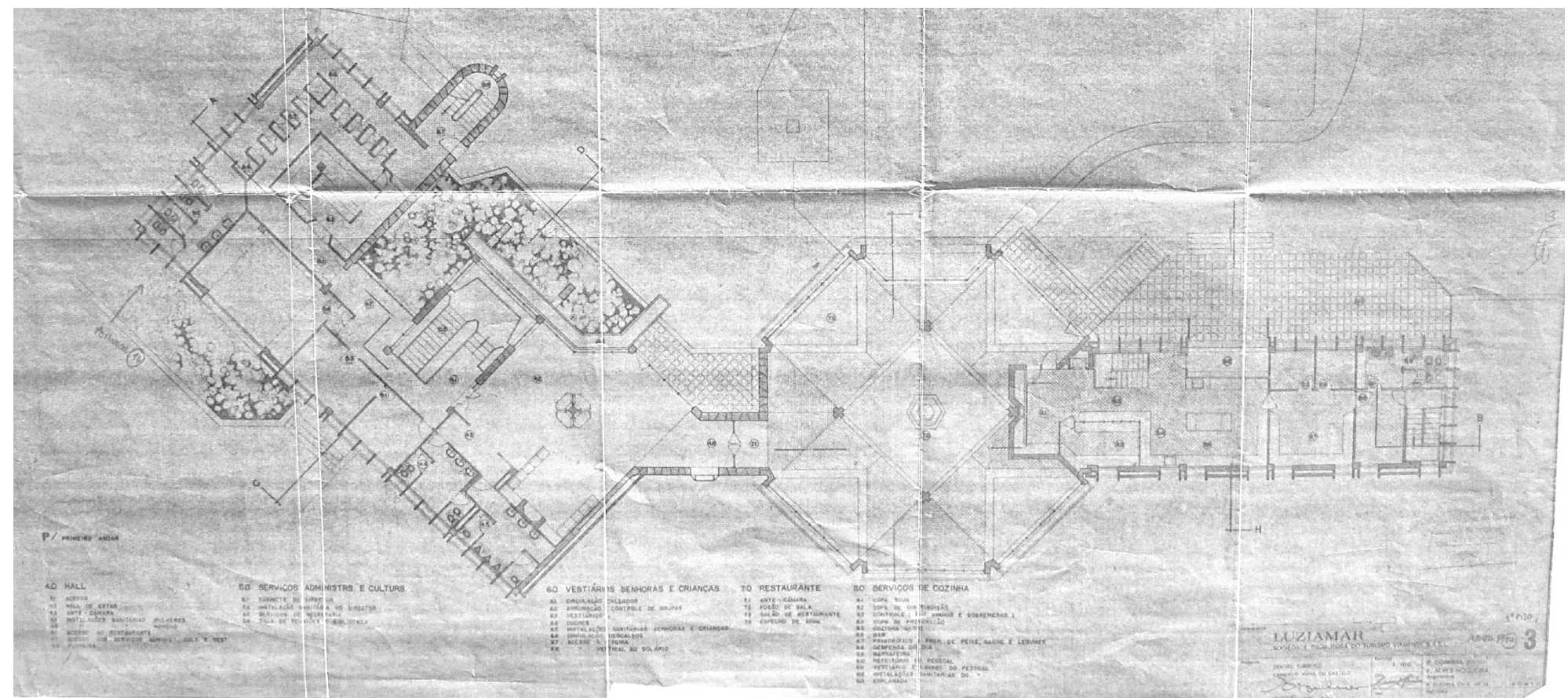
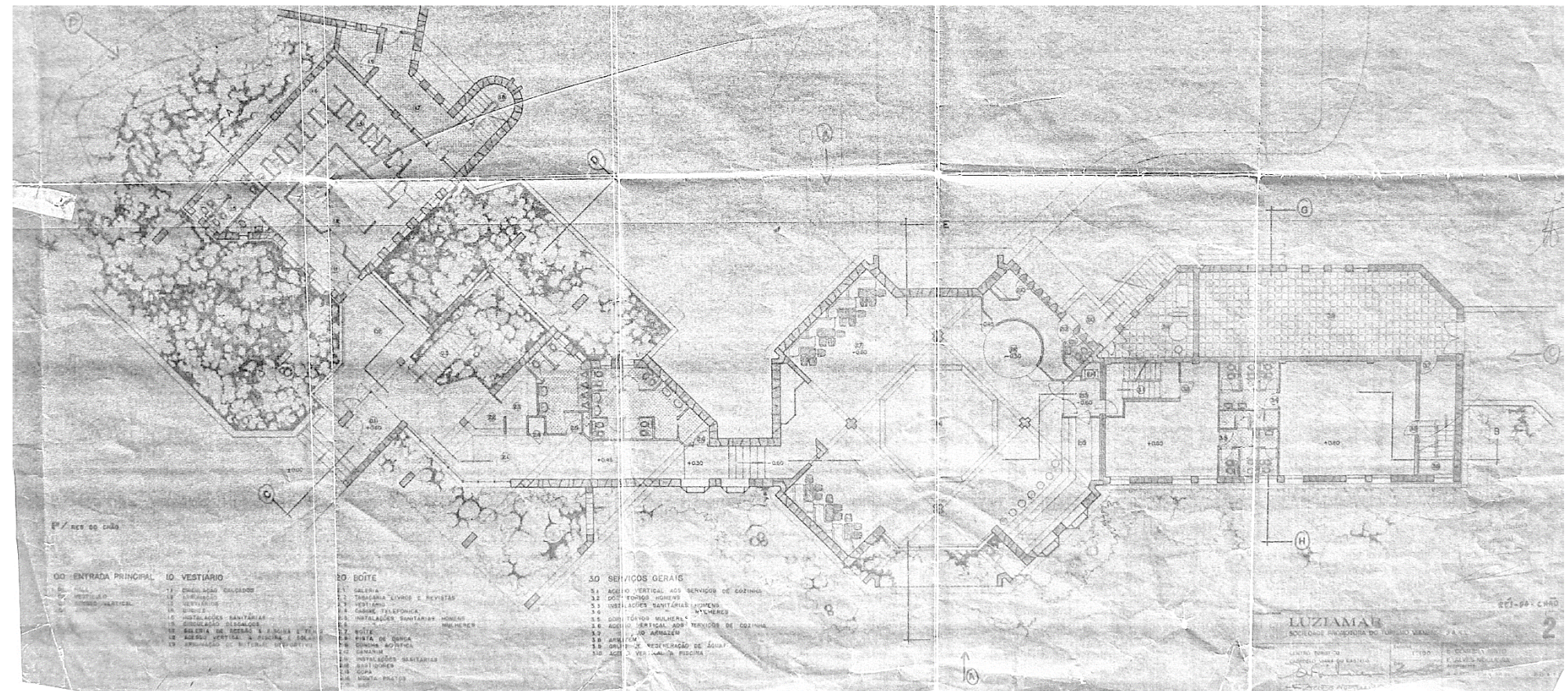
²¹ Processo de
Aceitação do Luziamar,
1969-1988.
Anexos, p. 180

Ao longo do seu percurso como arquiteto, Francisco Alves Nogueira projetou um edifício solicitado pela empresa “A LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L.”²¹. Note-se que todo o seu processo de concretização nasceu de uma prolongada troca de correspondência entre várias entidades. Todos os arquivos encontrados sobre o edifício, incluem informação desde a iniciação até à aceitação do projeto.

O pedido de abertura do processo surgiu no dia 16 de julho de 1969, dirigido ao Presidente da Câmara de Viana do Castelo. A administração da empresa “A LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L.” informou que tinha adquirido um terreno junto ao pinhal da Praia do Cabedelo, (freguesia de Darque, Viana do Castelo), com o intuito de solicitar uma licença para a construção de um novo edifício, projetado pelo arquiteto Francisco Alves Nogueira. Junto deste, foi anexado um documento com o termo de responsabilidade do arquiteto em questão, a memória descritiva da obra e o prazo da sua construção, (12 meses). No entanto, este pedido necessitou de anterior aprovação pelos Serviços de Turismo, notificado por António Bacelar, Engenheiro-Chefe da Repartição de Obras. Na memória descritiva indicava-se, que no pinhal da Praia do Cabedelo, se pretendia construir uma Unidade Turística, sendo o seu programa explicado por nove etapas.



²⁰ Implantação geral, Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:500.



21- Planta do r/chão,
Complexo Turístico do
Luziamar, 1969, escala
1:200.

22. Planta do 1º piso,
Complexo Turístico do
Luziamar, 1969, escala
1:200.

Primeira Etapa

Indicou onde seria o primeiro corpo, relativo aos balneários, boíte e restaurante. Todo o desenho do corpo, a Nordeste, foi pensado na topografia do terreno, onde se apoiaria em duas elevações. Na zona do desnível natural do terreno localizou-se o ponto da entrada principal, o qual dava acesso ao um grande *hall*. Este possuía uma entrada direta para os balneários, outra para a boíte e umas grandes escadas de acesso ao piso superior, o restaurante.

²² Processo de Aceitação do Luziamar, 1969-1988. Anexos, p. 177

Os balneários foram desenhados segundo um circuito, que separava os “*calçados*” dos “*descalços*”, isto é, foi pensado como um núcleo interno de vestuários que continha dois balcões, um que estava direcionado para a zona dos “*calçados*” e outro para a zona dos “*descalços*”. Os balneários eram constituídos, também, por áreas para duche e sanitários, sendo o do r/chão dedicado aos homens. No piso superior a este encontrava-se uma mesma disposição de cómodos, desta vez dedicado às mulheres e crianças. Já na cobertura, deste volume, situava-se um terraço dedicado a uma zona de solário.

Desde o *hall* até à zona da boíte existia uma galeria com acesso a uma tabacaria e às instalações sanitárias. No final desta galeria, encontrava-se a boíte, que se inseria num octógono. Era constituída por uma enorme sala que se encontrava a uma cota inferior à do *hall*. Este espaço tinha sido desenhado através de vários recantos ao longo da sala, no qual a pista de dança se encontrava ao centro. Juntamente à ligação ao corpo de serviços encontrava-se umailharga da copa-cozinha, que constituía um pequeno bar.

“Na boíte procurou-se uma organização de espaço através de pequenos recantos acolhedores, que rodeiam a pista de dança cujo pé direito será reduzido a 2,40 utilizando uma ramada de madeira que será igualmente apetrechada de luz e fontes sonoras.”²².

No segundo piso encontrava-se, não só o restaurante, mas também a zona administrativa do edifício. O restaurante inseria-se no piso superior do octógono, onde existia uma vista sobre a piscina, duna e pinhal envolvente. Ao centro desenhou-se um fogão de sala, que conseguia dar conforto ao espaço. Quanto à copa, esta surgiu através da ligação com o corpo de serviços.

Segunda Etapa

Destacou a zona de armazéns, dormitórios do pessoal, cozinha e copas. Este corpo completava o lado Sudoeste do volume principal, servindo de apoio tanto à boíte, pelo piso inferior, como ao restaurante, pelo piso superior. Quanto ao piso inferior, este foi desenhado com espaços dedicados a dormitórios femininos e masculinos, com as suas devidas instalações sanitárias. Já o piso

²³ Processo de Aceitação do Luziamar, 1969-1988. Anexos, p. 178

superior era composto pela cozinha, refeitório do pessoal, copas de preparação, com as devidas instalações sanitárias.

²⁴ Processo de Aceitação do Luziamar, 1969-1988. Anexos, p. 178

Terceira Etapa

²⁵ Processo de Aceitação do Luziamar, 1969-1988. Anexos, p. 178

Correspondeu às piscinas de adultos e infantil. A piscina dos adultos encontrava-se ancorada a um dos lados do octógono, e era constituída por três níveis, 2,90, 1,50 e 0,90 metros de profundidade. Esta foi pensada tanto para um carácter de lazer como para competições infantis, sendo que no futuro se pensou na possibilidade de criar uma escola de natação. Uma vez que nesta área existia um farol, a única intervenção possível foi a sobrelevação do maciço de base. Quanto à piscina infantil, esta estava junto à piscina dos adultos, destacando-se num círculo.

“Prevê-se ainda um grupo de regeneração de água devidamente equipado com filtro de areia, desinfeção e clarificação, que ocupará uma zona junto à boíte com acesso próprio ao exterior. A entrada de água da piscina far-se-á ao nível mais alto sendo a sua saída para o grupo de regeneração efetuado na cota mais baixa. Equipam ainda a piscina, uma prancha de saltos e de tabogan.”²³.

Quarta Etapa

Correspondeu ao parque desportivo, destinado a um campo de ténis, um bate-bolas e quatro filas de bancadas. Para este campo, o acesso fácil aos balneários era conseguido, uma vez que se encontrava perto do corpo deste.

“A planura do terreno facilitou e até certo ponto ordenou a implantação prevista, que por capricho topográfico nos ofereceu ainda as bancadas projetadas, para o ténis.”²⁴.

Quinta Etapa

Referiu o parque infantil que se encontrava a uma cota baixa em relação à localização das piscinas, conseguindo assim haver uma boa visibilidade, para vigilância dos progenitores sobre as crianças. O parque encontrava-se vedado em todas as direções, para que as crianças não fugissem.

“Possuí um pequeno labirinto, um “toboggan”, um avião, a roda de cavalinhos e as caixas de areia tão apreciadas.”²⁵.

Sexta Etapa

Correspondeu a uma zona comercial ao fundo do terreno, mais propriamente a Leste. Com este volume pretendia-se criar vários estabelecimentos comerciais, como lavandaria, mercado, etc. O intuito deste corpo comercial era destinado tanto a pessoas do hotel como a externos.

“A sua localização sem ser propriamente a de um lugar geométrico é aceitável até porquanto se destina não só a servir todo este agrupamento mas também os residentes na vizinhança, com a vantagem de não permitir um devassamento da unidade que se procura realizar.”²⁶.

²⁶ Processo de Aceitação do Luziamar, 1969-1988. Anexos, p. 179

²⁷ Processo de Aceitação do Luziamar, 1969-1988. Anexos, p. 179

Sétima Etapa

Referiu um Motel com receção e administração na zona Sul do terreno. Ao desenhar uma estrada paralela às dunas surgiu a ideia de criar um Motel, disposto em várias habitações. Previa-se, para estas, que o piso r/chão fosse ocupado pela garagem para o automóvel e que o primeiro andar fosse ocupado com sala de estar e kitchenette, um quarto e uma instalação sanitária.

“A receção controlará todas as entradas e saídas sendo ainda aí efetuados os registos de admissão bem como a administração. Uma pequena sala de espera equipada com serviços sanitários, um quarto e banho para o empregado de serviço completam o conjunto.”²⁷.

Oitava Etapa

Descreveu o Hotel residencial em que se estipulava que este estivesse integrado num segundo faseamento da obra, tal como o Motel. Assim, o arquiteto sugeriu um edifício com um número máximo de cinco pisos, que se localizava na zona Sul, junta à praia. No entanto, esta ideia ainda não estava muito definida nesta fase.

Nona Etapa

Apresentou as infraestruturas e a parte construtiva. Neste ponto, o arquiteto revelou quais os materiais a serem usados para a composição do edifício, tal como o número de acessos que este teria. Para o projeto desenharam-se quatro entradas em todo o seu perímetro, devidamente protegido, sendo destacados quatro parques de estacionamento para todos os possíveis automobilistas. Quanto ao processo construtivo, este tinha sido pensado numa linguagem que fizesse a junção de estruturas mistas, de alvenaria e de betão

armado. Sendo assim, o exterior iria ser composto por betão à vista, reboco pintado, alguma cerâmica, tinta plástica branca e todas as caixilharias de madeira.

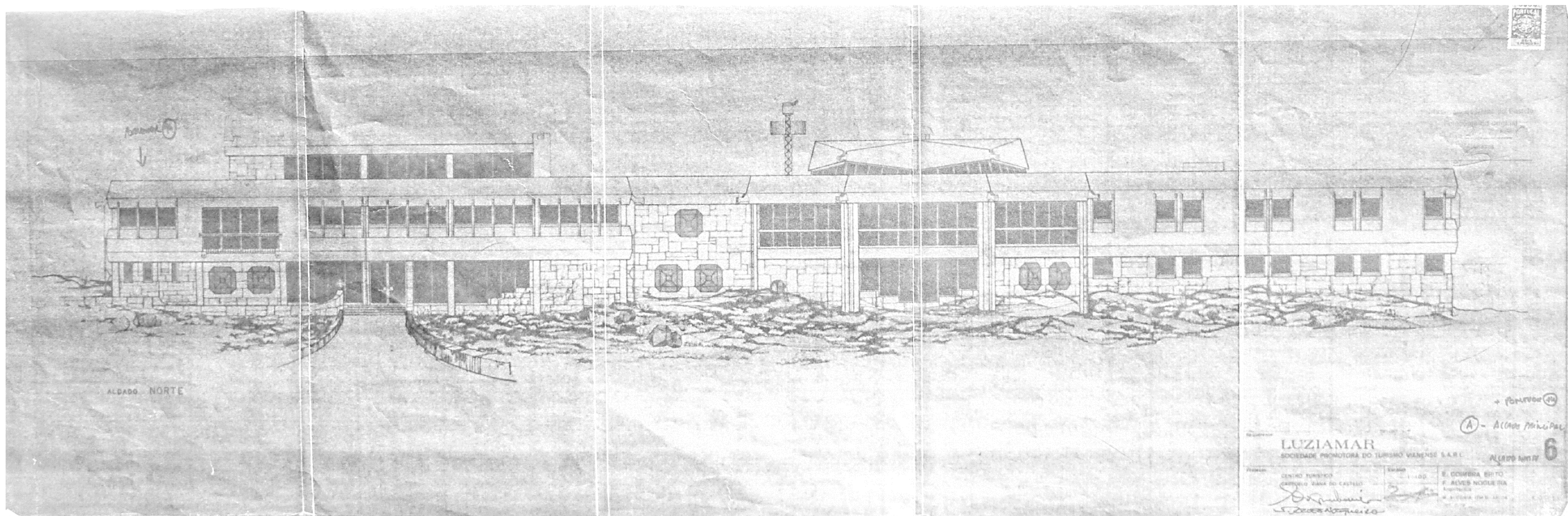
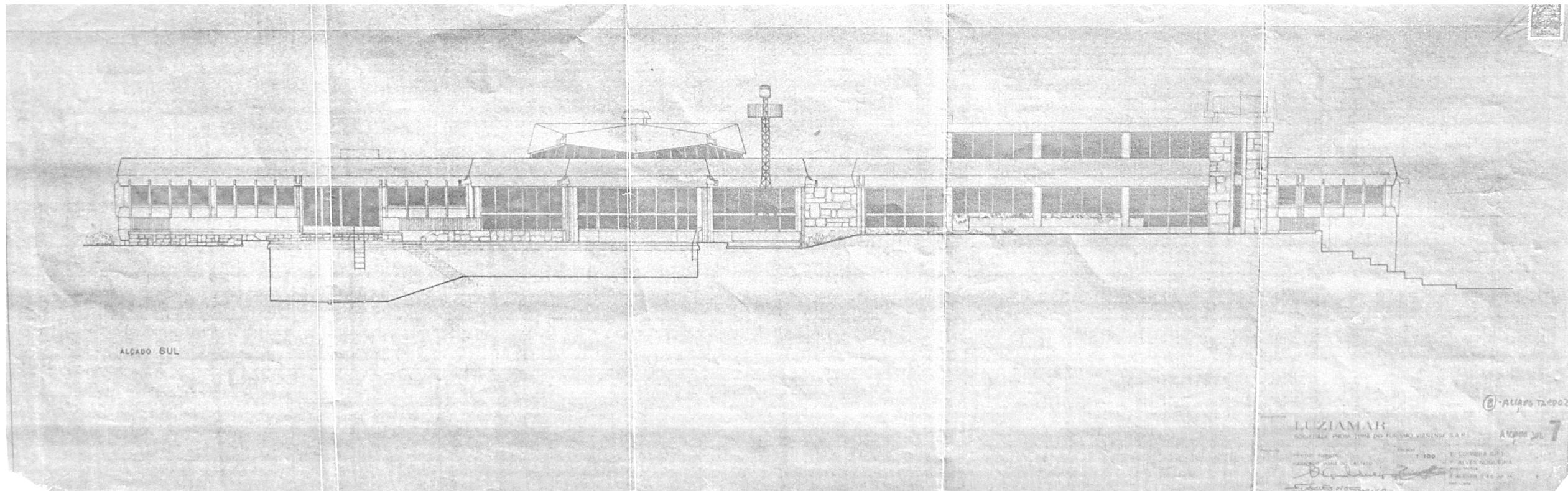
“Os pavimentos serão de alvenaria de granito, tijoleira ou madeira conforme o destino das dependências. Do mesmo modo se aplicarão lambris laváveis e impermeáveis nas zonas de serviço, balneários e sanitários. Haverá um especial cuidado nas impermeabilizações e drenagens, prevendo-se na cobertura o emprego de telas asfálticas.”²⁸.

Depois do envio da memória descritiva, surgiu uma correspondência do Comissariado do Turismo, pela parte do Chefe da Representação de Projetos, Jorge Santos Costa. Esta pedia ao Presidente da Câmara de Viana do Castelo, que informasse a Direção Geral dos Serviços de Urbanização (D.G.S.U), sobre todos os aspetos do conjunto turístico, tal como a sua localização, volume, integração, aspetos estéticos e o próprio interesse da iniciativa, fazendo-se acompanhar pelo respetivo parecer.

Depois de ser devidamente informada a D.G.S.U., pela parte do Engenheiro Diretor José Manuel Oliveira Valença, respondeu ao Presidente da Câmara de Viana do Castelo. Neste deferimento, solicitou-se o parecer do inspetor das obras públicas e do arquiteto urbanista do Cabedelo, em relação ao projeto que se pretendia montar naquele local. Neste seguimento, o Presidente da Câmara informou o inspetor das obras públicas e o arquiteto João António de Aguiar. Nesta correspondência foi solicitado, com a maior urgência, o seu parecer pedido pelas duas entidades já referidas, Direção Geral do Turismo, (D.G.T.), e D.G.S.U.. Também foi informado, pelo Presidente da Câmara, o arquiteto urbanista Carlos Alberto de Carvalho Dias, sobre o mesmo assunto.

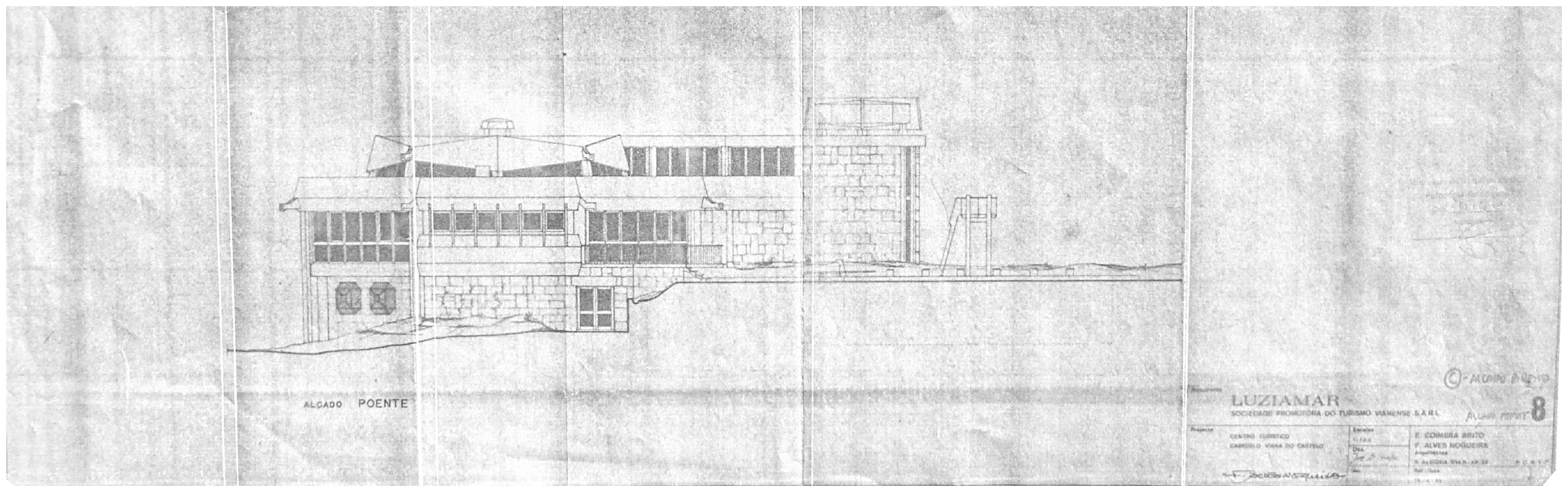
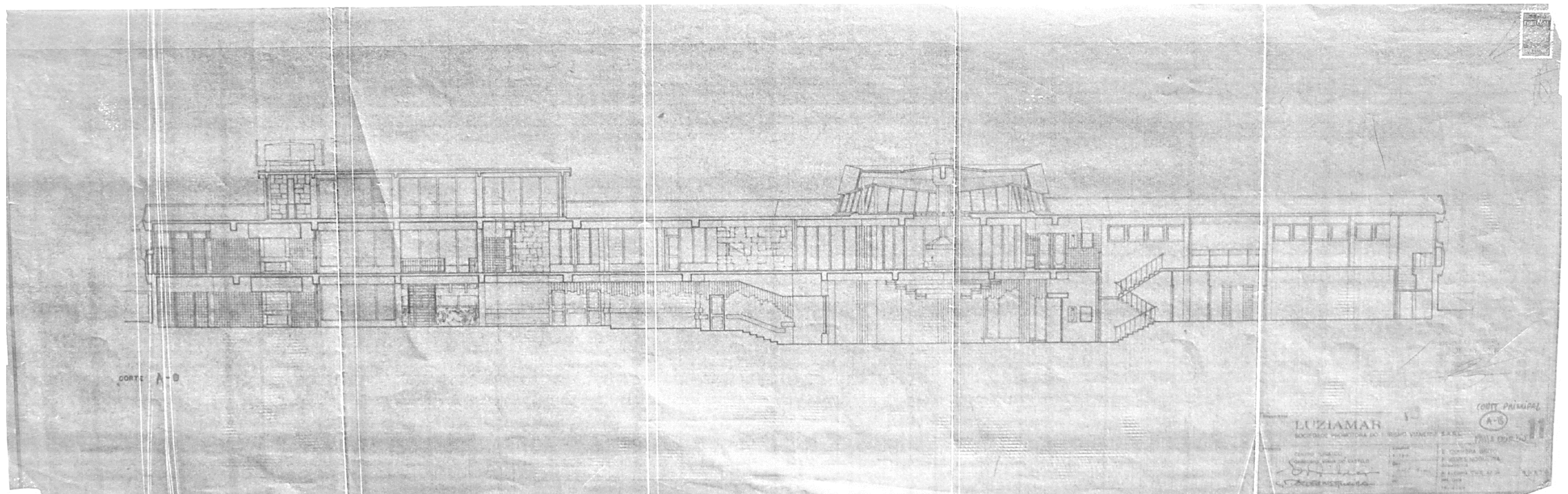
O parecer do arquiteto Carlos Alberto Carvalho Dias foi positivo em relação ao aspeto geral do projeto. Contudo, opôs-se ao estacionamento que estava previsto para o local. Afirmou que tal parecia insuficiente para servir todo o Complexo. Ao mesmo tempo, propôs que a rua a Nordeste fosse modificada, quanto ao seu desenho e tamanho, conseguindo assim triplicar a capacidade de parqueamento. Também, indicou que o estacionamento a Sul, a favor da área do Hotel, estava bastante pequeno, devendo assim ser duplicado.

Numa outra carta, o arquiteto deu o seu parecer em relação ao terreno. Pediu ao Presidente da Câmara que o mesmo fosse novamente levantado, porque se encontrava totalmente desatualizado, sugerindo que a informação fosse passada à D.G.S.U..



23. Corte do lado Norte, Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:200.

24. Corte do lado Sul, Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:200.



25. Corte longitudinal
Complexo Turístico do
Luziamar, 1969, escala
1:200.

26. Corte transversal,
Complexo Turístico do
Luziamar, 1969, escala
1:200.

O Comissariado de Turismo, de Viana do Castelo, aceitou todos os aspetos a construir nesta primeira fase. Porém, concordou com o parecer do arquiteto Carlos Carvalho Dias, relativamente à necessidade de aumento do estacionamento automóvel. Quanto à segunda fase do empreendimento achou que os 5 pisos do Hotel residencial eram excessivos, mas não se alongou mais porque os projetos, tanto do Motel como do Hotel, ainda não estavam completamente definidos.

²⁹ Processo de Aceitação do Luziamar, 1969-1988. Anexos, p. 192

Através de um ofício da D.G.S.U., percebeu-se que a obra foi aceite pela Câmara Municipal, uma vez que não se viu qualquer inconveniente no projeto proposto. Além disso, todo o projeto tinha sido descrito devidamente, sabendo-se que o terreno teria um total de área de 2 ha e que a sua área construída, quanto à primeira fase, abrangia os 1 000 m². Sendo que este terreno, segundo o estudo de revisão do Antepiano de Urbanização da Praia do Cabedelo, este terreno tinha sido designado como uma zona de recreio e turismo, no PDM.

Depois de todos os pontos estarem devidamente explicados, pensados e informados, aconteceu, a 5 de março de 1970 a “55ª Reunião conjunta dos Técnicos da D.G.S.U. com os da D.G.T.”, enviada à Câmara Municipal pelo Engenheiro Diretor José Manuel Oliveira Valença. Nesta reunião concluiu-se, segundo a D.G.S.U., que a capacidade de estacionamento fosse aumentada; que a entrada do Hotel fosse efetuada pela rua C, (paralela ao Motel), eliminando a rua E, (junto à duna); que todos os auto parques e acessos ao Motel, pela rua E, fossem eliminados; e que a zona da rua E fosse claramente destinada a uma zona de cafés, bares e lazer. Quanto ao volume que integrava os balneários, boíte, restaurante e piscina de adultos, foi aprovado. Para a piscina foi solicitado um projeto completo para que pudesse ser referido nos pontos de vista sanitários. Conclui-se que para a primeira fase haveria um prazo de seis meses para a entidade reunir todos os elementos que estiveram em falta na reunião ocorrida. Isto é, a primeira fase do empreendimento foi aprovada, porém salientando-se que a aprovação da segunda fase estaria dependente do devido estudo e conclusão dos desenhos. Depois de ser apresentada formalmente a ata anterior, seguiu-se, pela parte da D.G.S.U., a descrição da mesma onde foram apresentadas as entidades integradas.

O arquiteto que deu o seu parecer nesta reunião, foi o arquiteto Mário Bonito. A sua interferência nesta reunião surgiu devido ao fato de nesta altura pertencer à D.G.S.U.. Foi por si salientado que toda a marginal da rua E deveria ser apenas dedicada a espaços verdes com cafés, bares, esplanadas e parques. Deste modo, as moradias podiam ser eliminadas, uma vez que “*contribuíam para definir alinhamentos rígidos, compartimentações desnecessárias, e incidências de trânsito mecânico*”²⁹, como afirmou. Assim, existia

um outro tipo de continuidade entre as zonas verdes, dunas e praia, criando uma ligação direta do Hotel com o mar. Sendo assim, o arquiteto colocou a hipótese de dar à rua C a funcionalidade que a rua E tinha. Também, referiu que se as moradias do Motel não pudessem ser eliminadas, a rua C faria a respetiva serventia.

Outro ponto destacado, neste caso, pelo urbanista foi novamente a falta de estacionamento e o fato de que a totalidade do projeto ocupar demasiada área do terreno. No entanto, o empreendimento quanto à primeira fase parecia bom e equilibrado. Assim, pela parte da D.G.S.U., a primeira fase do projeto estava aceite, desde que tivesse em consideração o que foi referido anteriormente.

O Engenheiro Diretor de Serviços, José Gomes de Almeida, também deu o seu parecer ao concordar com tudo o que tinha sido mencionado anteriormente, pelo arquiteto Mário Bonito, apenas sugerindo que os pontos destacados deveriam ser discutidos com os técnicos da D.G.T.. Seguidamente, os Engenheiros Diretores Gerais, Celestino da Costa e Macedo dos Santos, também concordaram com o que foi dito anteriormente. No dia 5 de maio de 1970, o Presidente da Câmara enviou para o Administrador da Luziamar, a “55ª Reunião conjunta dos técnicos da D.G.S.U. com os da D.G.T.”, com todo o seu teor.

De seguida, a Direção de Urbanização do Distrito de Braga, também revelou o seu parecer. Esta interferência deveu-se ao facto da Direção de Urbanização de Viana do Castelo, ter pedido o seu parecer sobre o projeto. Assim, o arquiteto chefe, Francisco Augusto Batista, afirmou que na totalidade do projeto os elementos do campo de jogos e Motel, se encontravam muito perto do edifício principal, tendo uma disposição de corpos um pouco compacta. Também, ressaltou a afirmação feita pelos Urbanistas do Distrito de Viana do Castelo, relativamente à carência de estacionamento. Assim, conclui que o projeto poderia ser aprovado, porém acrescentou que era necessário o parecer do Secretário Nacional de Informação, (S.N.I.).

Todo este processo, de aceitação do projeto solicitado pela “LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L.”, se desenvolveu através de um conjunto de entidades responsáveis por questões que não competiam apenas ao arquiteto decidir, projetar e resolver, mas sim a um conjunto de entidades.

Com esta descrição foi possível perceber o processo pelo qual uma obra passa, desde o papel até à sua conceção no terreno. Tanto o desenvolvimento como a aceitação deste projeto demoraram anos a ser concluídos. A ideia deste edifício turístico surgiu no início da década de 60, e somente na década seguinte foi aceite, sendo a sua construção finalizada, em 1974. Contudo, só o edifício principal, com balneários, boíte, restaurante, armazéns, dormitórios do pessoal, cozinha e copas, em conjunto com as piscinas, dos adultos

e crianças é que foi construído conforme projetado pelo arquiteto, Francisco Alves Nogueira. Os restantes volumes, como é o caso da zona comercial, parque infantil e parque desportivo não foram construídos, apesar de fazerem parte da primeira fase.

Nesse mesmo ano, a 27 de fevereiro, foi solicitado o alvará de licenciamento sanitário para a abertura do restaurante e discoteca, tendo sido aprovado a 12 de março, pelo presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Como o Luziamar pertencia a uma grande quantidade de acionistas, no início da década de 90 começou a entrar em falência, apesar do Complexo Turístico do Luziamar ter funcionado durante cerca de 20 anos, sendo um ponto de referência por todo o Norte de Portugal e Galiza.

Em meados da década de 90, o terreno do Luziamar foi comprado pelo sócio gerente Agostinho Damião Rites, da empresa *Construções Rites, Lda*. Nesse mesmo ano, entrou em contacto com o arquiteto Francisco Alves Nogueira para que, eventualmente, retomasse o projeto que não estava concluído. Porém, o assunto foi esquecido e o edifício em questão continua em constante degradação.

A Entrevista

³⁰ Entrevista –
Proprietário Agostinho
Rites, 2019.
Anexos, p. 203

³¹ Entrevista –
Proprietário Agostinho
Rites, 2019.
Anexos, p. 205

³² Entrevista –
Proprietário Agostinho
Rites, 2019.
Anexos, p. 205

Após a análise do processo, contido no Arquivo Municipal da Câmara de Viana do Castelo, surgiu a oportunidade de falar com o atual proprietário do Complexo. Agostinho Rites, fundador da empresa *Construções Rites, Lda*, desde 1969, teve a chance de adquirir este terreno, tendo como principal objetivo requalificar o edifício existente.

*“O Luziamar é um edifício que como nós sabemos está lá à longa data, que está desativado, e onde se está a tentar reabilitar a área total, que está lá no fundo semiabandonada. Portanto, estamos a trabalhar em projetos para reabilitar aquele edifício de tal forma a que seja viável. Estamos a tentar que aquilo deixe de ser um cemitério”.*³⁰

Agostinho Rites adquiriu este terreno, em meados da década de 90, tendo desde essa altura a ideia de implantar neste local um edifício de 100 apartamentos. Contudo, o edifício não foi concretizado devido a alguns fatores relacionados com o desenho do projeto. Neste seguimento teve algumas propostas para o local, mas não foram aprovadas por não serem viáveis para o terreno.

Na atualidade, o proprietário pensa em reabilitar o edifício de forma a que este vá ao encontro dos critérios estabelecidos no PDM, destacado como zona de empreendimento turístico. Porém, afirmou que um investimento de um Hotel para o terreno não seria muito rentável, uma vez que já existe o Hotel FeelViana. Com isto, sugeriu que tal reabilitação pudesse resultar num projeto de Aparthotel, onde haveria o melhor dos dois mundos, sendo algo que não existe no local.

*“Penso sim, reabilitar o Luziamar como aparthotel, incluindo nessa construção uma zona de almoços, um bar sem ser muito industrial, onde um casal posso ir jantar, tomar café, mas sem cheiro a discoteca.”*³¹

Além de já ter uma ideia de programa implementada para o local, realçou que ainda não havia uma proposta afirmada, sendo que se encontra disposto a aceitar várias propostas alusivas ao antigo Complexo Turístico do Luziamar.

*“Aquilo que gostaria de ver era o Luziamar reabilitado, como já disse, para uma coisa ou outra. Estou na disposição disso, para vários estudos e várias propostas. (...) Agora só preciso de um projeto aprovado para reabilitar o Luziamar, e que não me criem problemas. A cidade só tem a ganhar com isso!”*³²

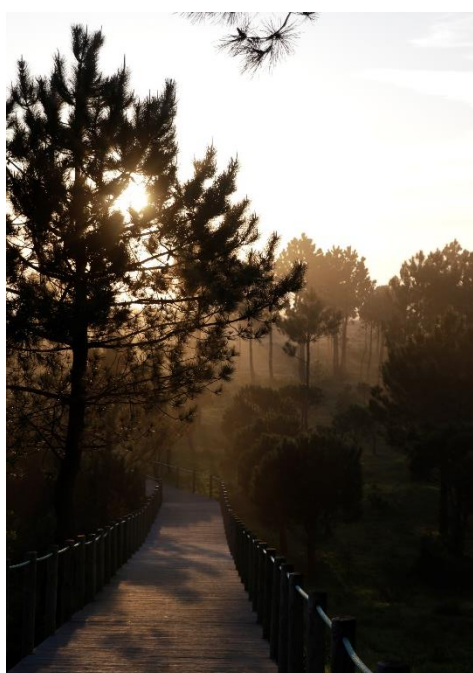
O Local

³³ PIRES, Amílcar Gil, A
quinta de recreio em
Portugal: vilegiatura,
lugar e arquitetura. Casal
de Cambra, Caleidoscópio,
2013.
p. 51

“A definição de uma área no terreno é fundamental para a identificação do tipo de Lugar criado. Pode tratar-se, simplesmente, de uma clareira no bosque ou de um campo de jogos. Pode ser pequeno ou estender-se até ao horizonte e não é necessário que tenha forma retangular nem que seja obrigatoriamente plano, os seus limites podem estar bem definidos ou podem, mesmo, fundir-se com a envolvente.”³³.

Depois de conhecer as ideias do proprietário para o local, foi o momento de conhecer melhor o edifício em estudo e a sua envolvente. Este encontra-se estrategicamente implantado junto à Praia do Cabedelo, em que os desportos náuticos assumem um papel de destaque durante todo o ano, tornando a zona bastante ativa e apelativa para os turistas. Apesar de se encontrar, aproximadamente, a 5 quilómetros do Centro Histórico da cidade, esta zona beneficia de uma recente rede de percursos pedonais e ciclovias, que facilitam essa ligação. Em suma, esta é uma zona privilegiada devido à maresia da praia, ao som das ondas do mar, ao silêncio que se envolve com a natureza e à vegetação que diferencia o local. O pinhal, onde se insere o Complexo, é um fator característico e a duna a sua essência. A imponência deste edifício é notada entre as casas unifamiliares e o Hotel FeelViana, que se encontram na envolvente.

A observação e análise resultou num estudo, ao princípio mais generalizado, direcionado depois para o particular, de forma a perceber e tirar proveito dos pontos fortes e favoráveis do terreno e do edifício em si.



27. O envoltivo, marcado pelo pinhal, vista da piscina do Complexo.

28. Percursos envoltivos, de acesso à praia.

29. Aproximação à representação da duna no espaço.

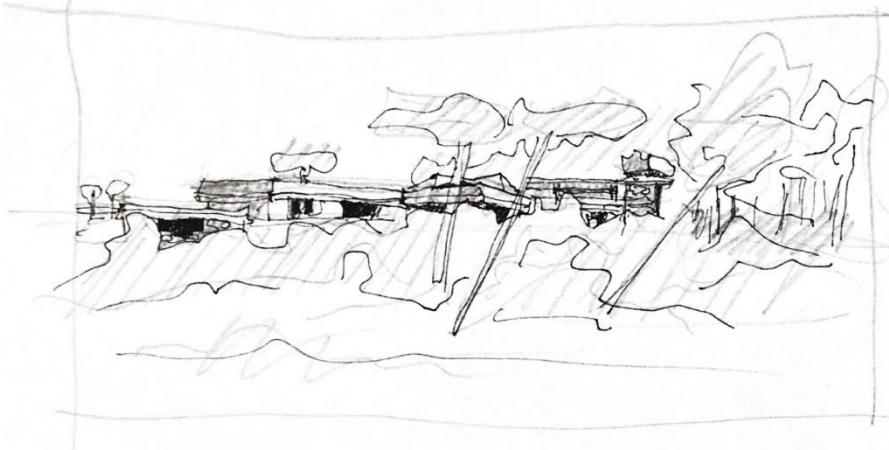
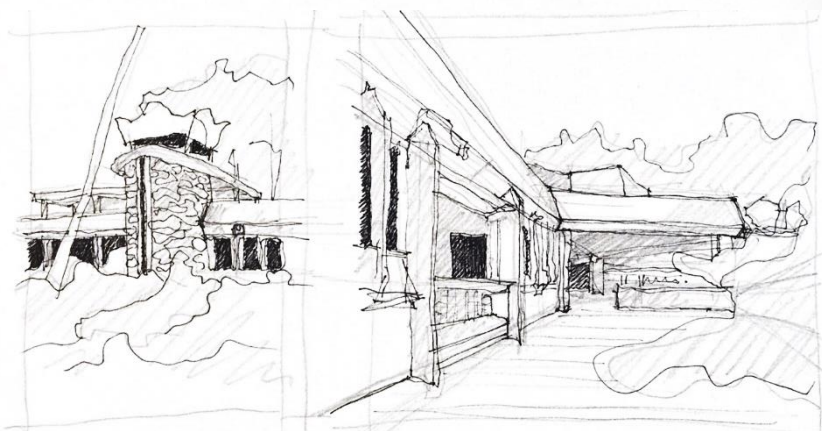
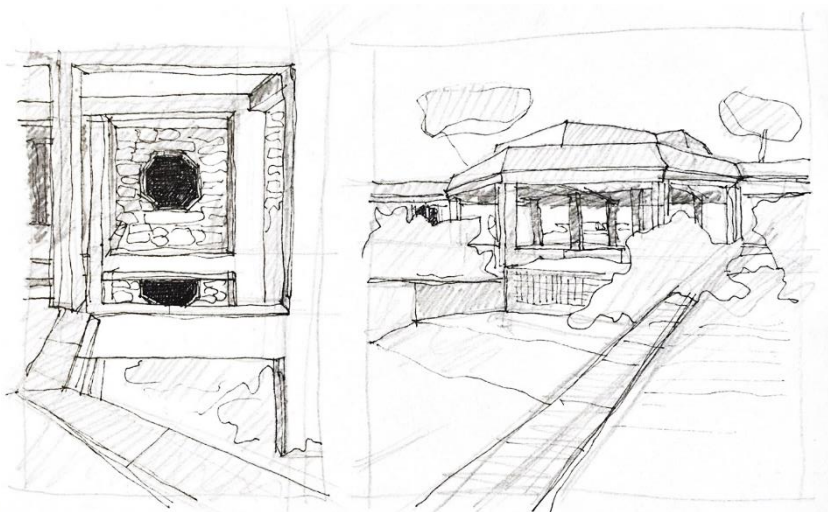
A Obra

A implantação do edifício encontra-se astuciosamente colocada nas elevações do terreno, dando destaque ao corpo central em forma de octógono e aos restantes volumes anexados. Toda a linguagem que envolve o Complexo demarca-se por vários planos de luz e sombra, evidenciando assim os elementos mais importantes e trabalhados pela estrutura.

Na visita ao local, após a análise do projeto, denotou-se a existência de um novo volume, implantado na zona a Sul, anexo aos restantes. Este, não constava na documentação apresentada no arquivo. Uma vez que o projeto tinha alterações face aos elementos construídos, foi necessário realizar vários levantamentos, de forma a esclarecer as diferenças existentes entre o projeto consultado e a construção existente no local.

Uma das alterações, pouco relevante, consistiu na disposição das paredes divisórias do volume do armazém e dormitórios. Relativamente ao volume dos balneários, definido inicialmente pelo arquiteto, este passou a corresponder a uma zona de bar, percebendo-se através de elementos decorativos existentes no teto. Com esta alteração, surgiu um novo volume anexado aos armazéns, com apenas um piso. Esta construção anexa é que integrou os balneários masculino e feminino, com acesso direto à zona da piscina, mas apenas pelo exterior. Na zona do restaurante e boíte, observaram-se pequenas alterações, mas apenas em aspetos pontuais. Já a cobertura do projeto, encontra-se igual à planta original. Por último, com a análise dos alçados do projeto, denotaram-se algumas diferenças ao nível das aberturas, face aos elementos construídos.

As diferenças assinaladas anteriormente, entre o projeto de licenciamento e o que foi efetivamente construído, são bastante comuns no decorrer de uma obra, uma vez que durante o processo construtivo podem surgir alterações. Estas são acordadas pelo dono de obra, projetistas e empreiteiros, de forma a adaptarem algumas questões que apenas se observam no local da obra, no sentido de melhorar a utilização do edifício no seu tempo de vida. O projeto de licenciamento deveria conter as alterações efetuadas ao projeto, através de aditamentos ao processo entregues nas Câmaras Municipais, o que nem sempre é efetuado.



30. Esquisso, vista para a zona das escadas da entrada.

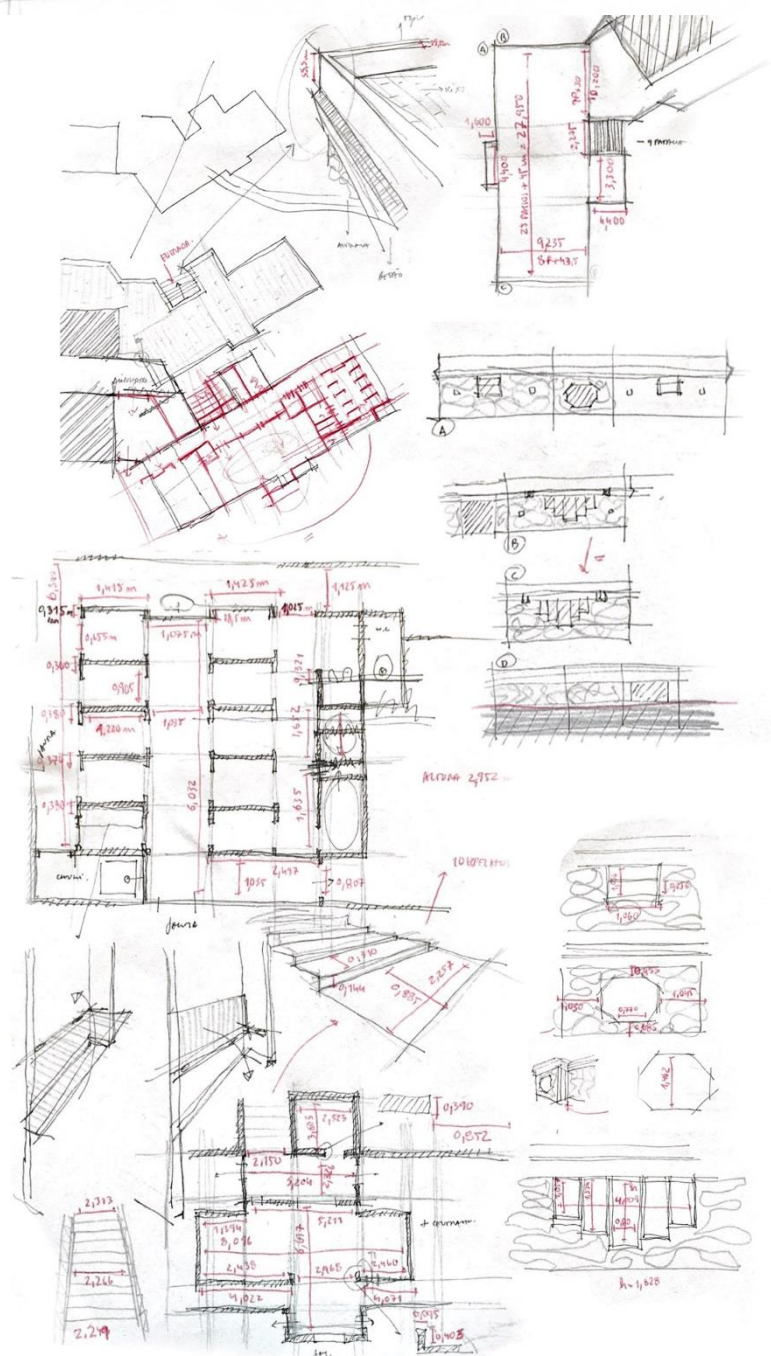
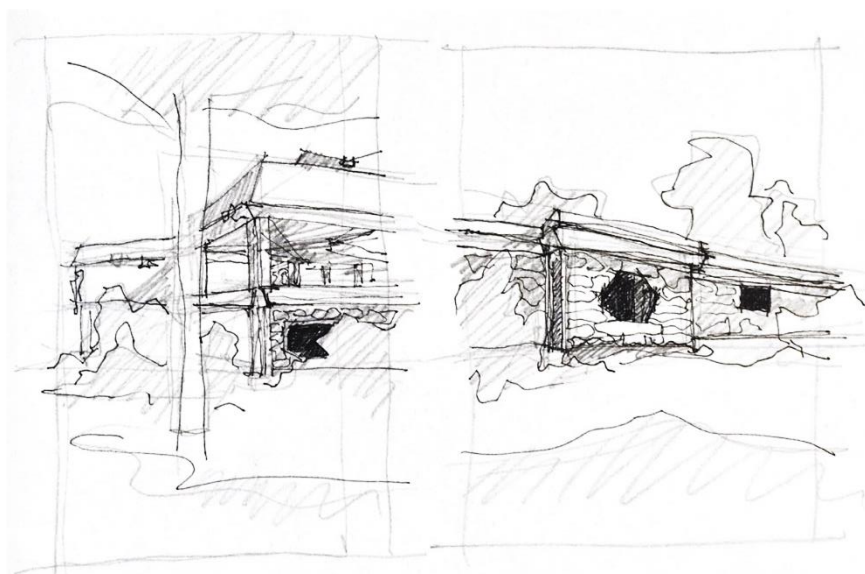
31. Esquisso, vista da piscina para o volume central, restaurante.

32. Esquisso, vista do volume vertical, caixa de escadas para a cobertura.

33. Esquisso, vista com o bar da piscina e do volume central, restaurante.

34. Esquisso, vista da frente do edifício.

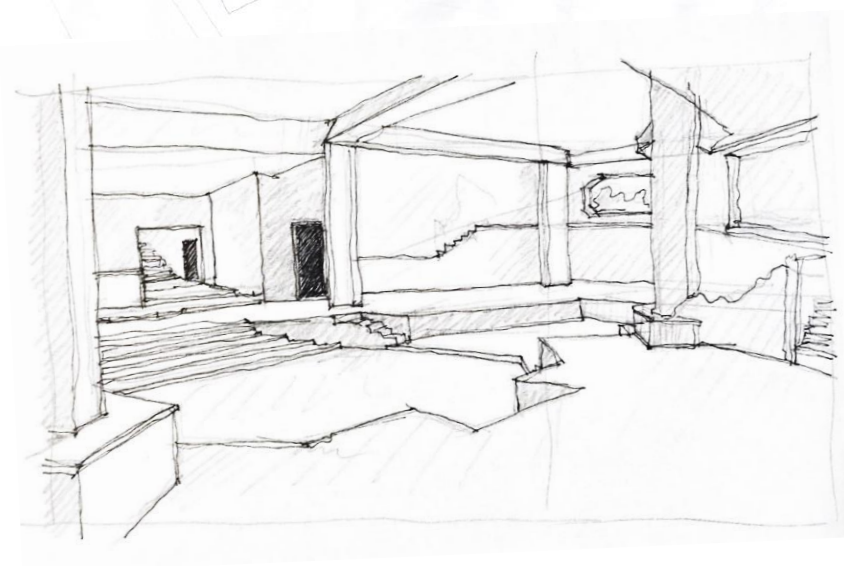
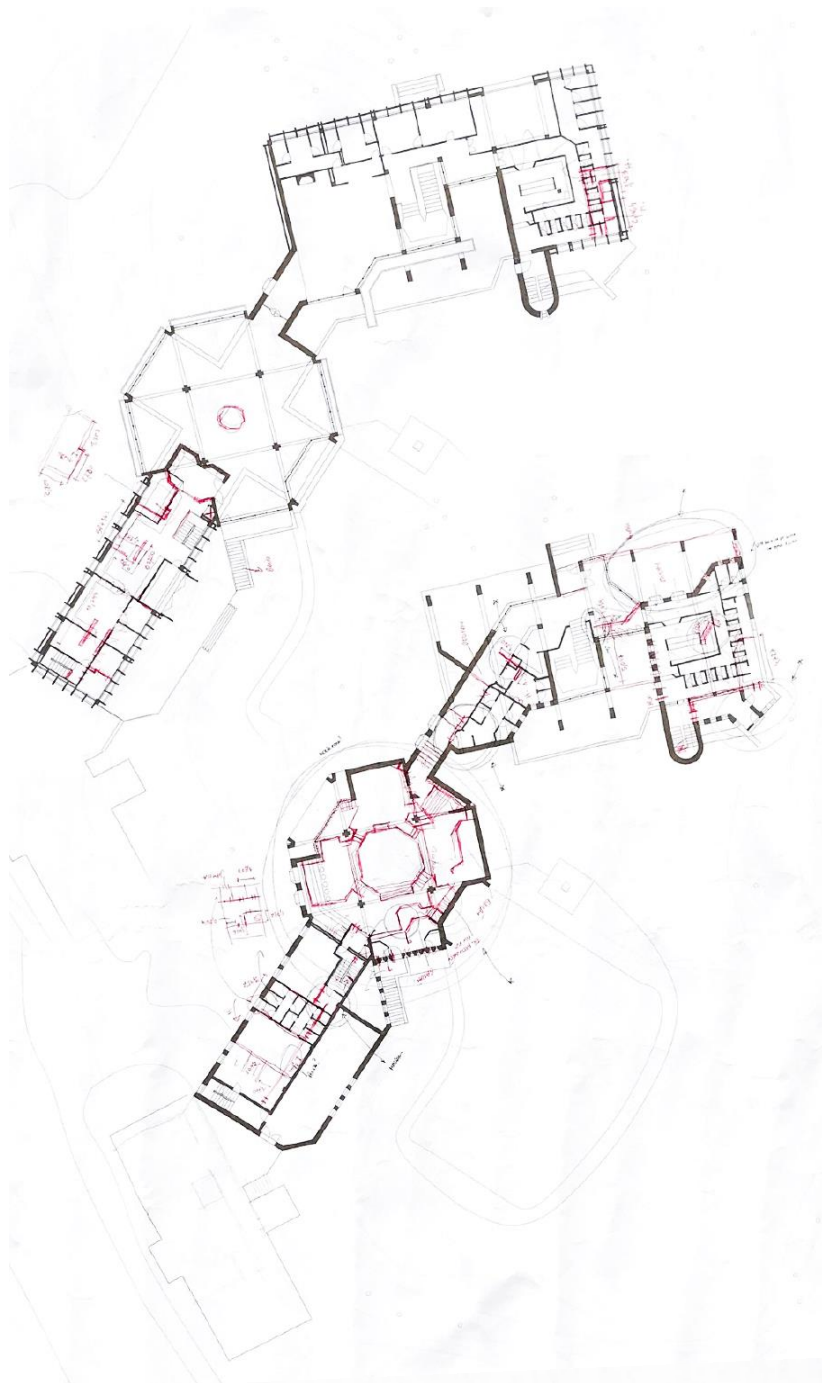
35. Esquisso, vista da parte traseira do edifício.



36. Esquisso, vista da frente do volume central, Restaurante e Discoteca.

37. Esquisso, vista para novo volume dos Banheiros.

38. Conjunto de desenhos de levantamento, do novo volume dos Banheiros.

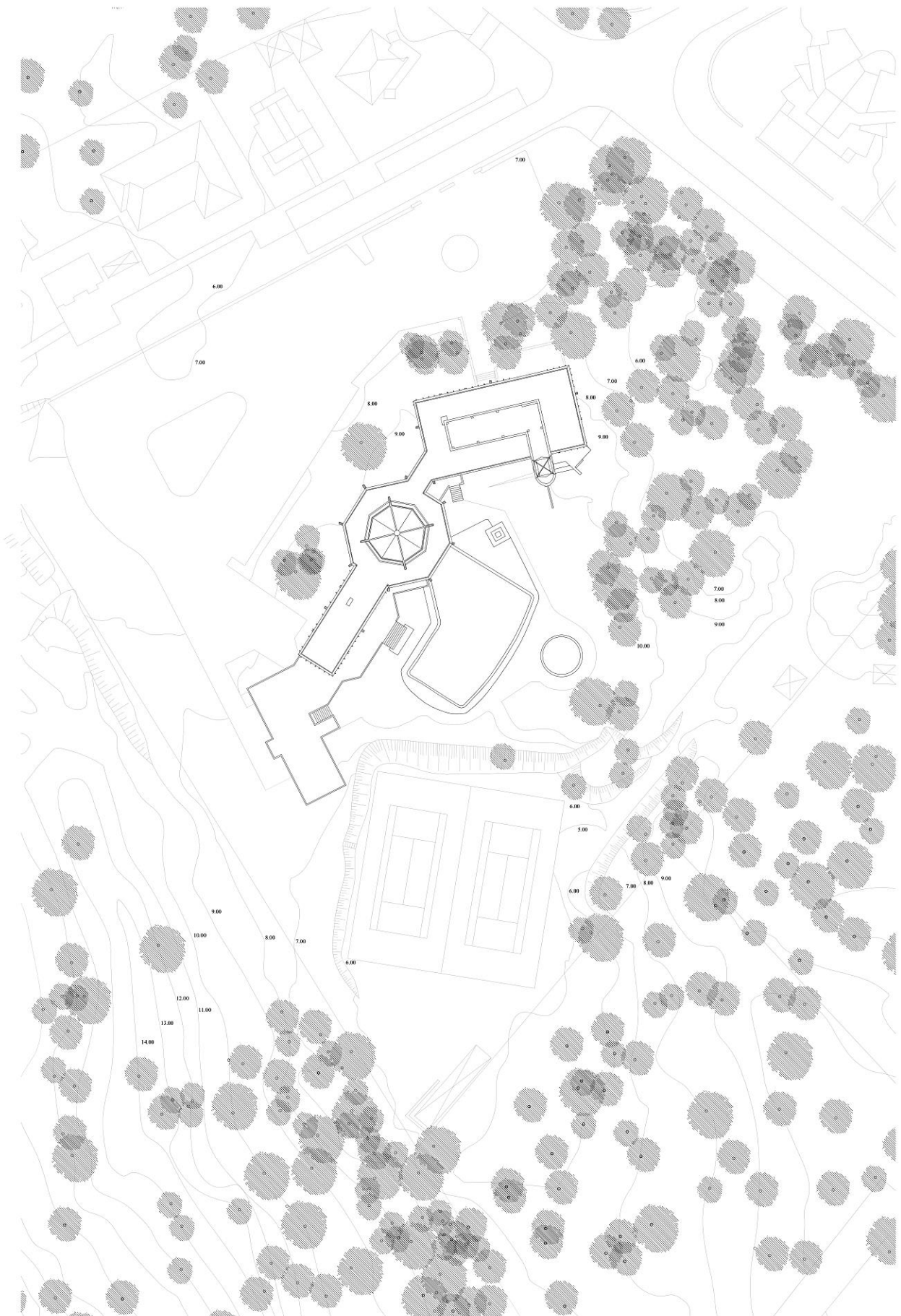


39. Esquisso, vista para do interior da Discoteca.

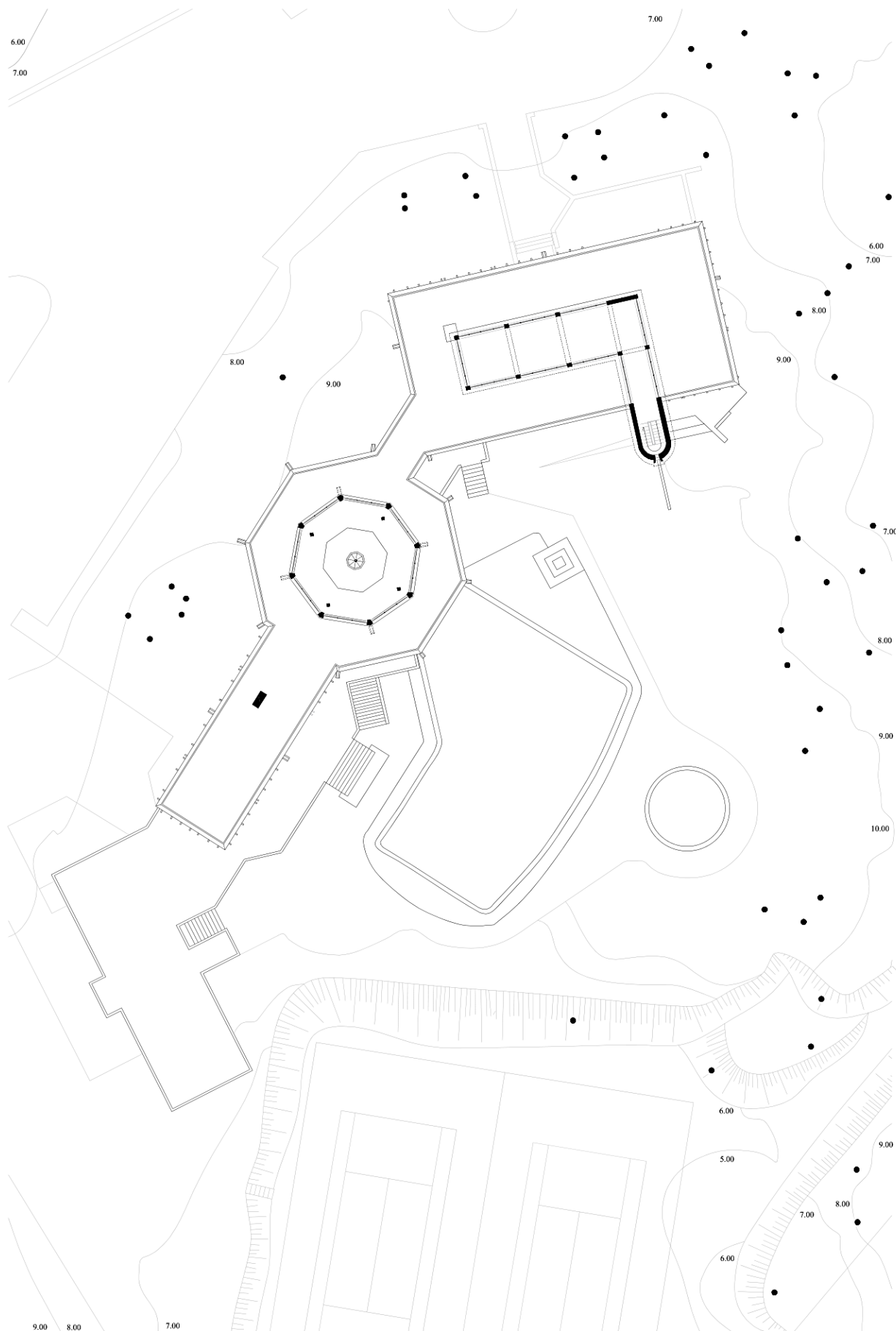
40. Levantamento do conjunto de plantas, r/chão e 1º piso.



41. Vista aérea do local de inserção do Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo.



42. Implantação,
1:1000.



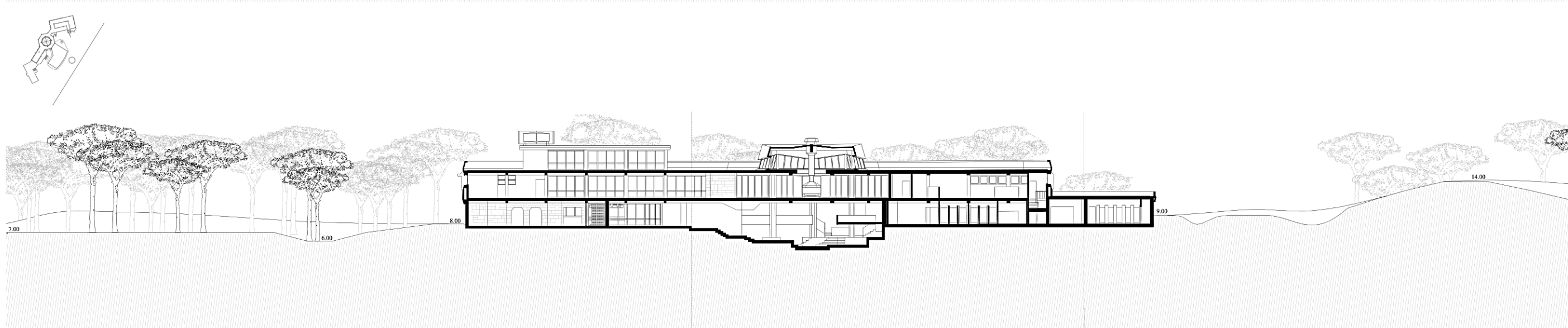
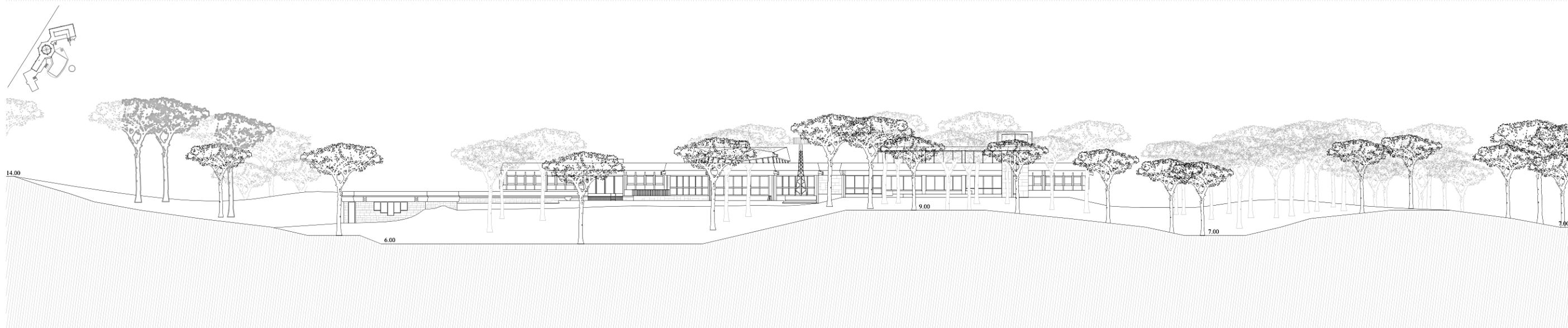
43. Planta da cobertura,
1:500.



44. Planta do 1º piso,
1:500.



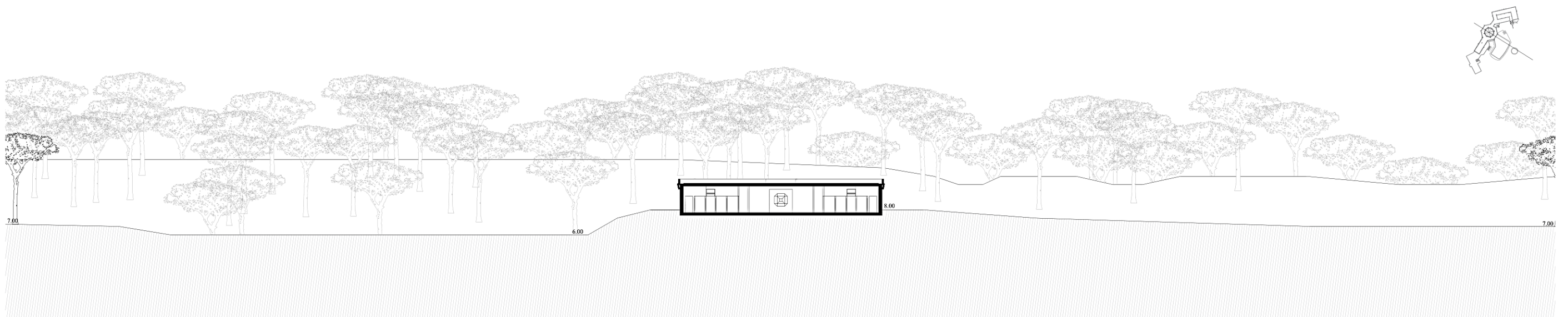
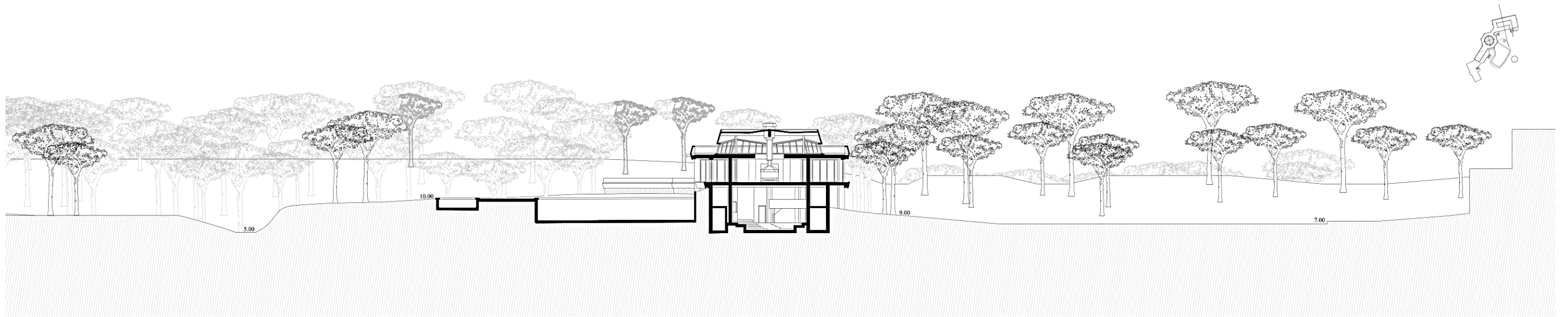
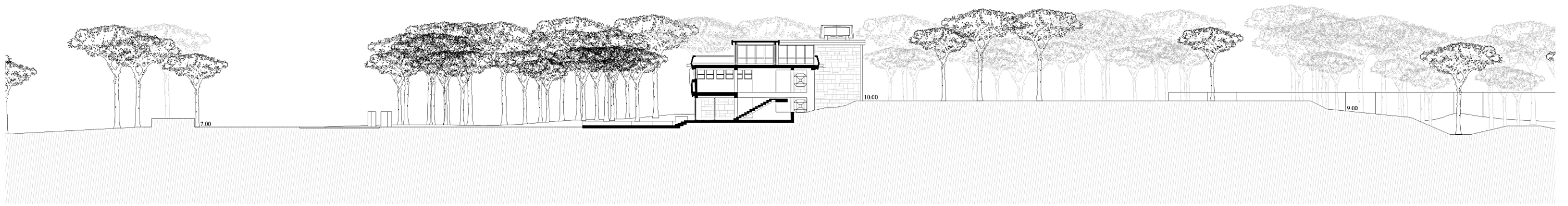
45. Planta do rés-do-chão,
1:500.



46. Alçado Norte,
1:500.

47. Alçado Sul,
1:500.

48. Corte longitudinal,
1:500.



49. Corte pela entrada principal,
1:500.

50. Corte transversal,
1:500.

51. Corte pelos balneários,
1:500.



Após se terem efetuado, a limpo, os desenhos do levantamento, procedeu-se à interpretação do desenho de arquitetura na observação da obra como um todo. Esta interpretação consistiu na pesquisa de vários arquitetos que se estima que tenham servido de influência para o arquiteto Francisco Alves Nogueira, durante o seu percurso académico e profissional, como descrito anteriormente na sua biografia.

No percurso efetuado pelo Complexo, foram analisados vários elementos de destaque através do desenho. No edifício em questão, os elementos externos acabam por ser mais perceptíveis que os elementos internos, dado estes encontrarem-se bastante degradados, impossibilitando assim a análise dos detalhes. Por outro lado, neste projeto consegue-se perceber que existe uma forte relação entre exterior-interior, onde o envolvente se encontra bastante presente no interior do edifício. Este facto deve-se, em grande parte, à dimensão das aberturas e à sua localização estratégica.

Na análise da arquitetura em questão conseguiram-se perceber algumas das influências do arquiteto Francisco Alves Nogueira, destacando-se o mestre e arquiteto Fernando Távora, e arquitetos internacionais, tais como Alvar Aalto, Louis Kahn e Le Corbusier.

³⁴ TÁVORA, Fernando, **Fernando Távora**

Da Organização do Espaço, FAUP publicações, 2006. p.58.

Na arquitetura do Complexo Turístico do Luziamar é evidente a percepção dos traços de Fernando Távora, na arquitetura de Francisco Alves Nogueira.

³⁵ TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, FAUP publicações, 2006. p.viii-ix.

*“Em verdade há que defender, teimosamente, a todo o custo, os valores do passado mas há que defendê-los com uma atitude construtiva, quer reconhecendo a necessidade que deles temos aceitando a sua actualização, quer fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas.”*³⁴.

No edifício em estudo revemos muito a sua influência quanto às questões de modernidade, no entanto, o arquiteto Fernando Távora também foi um grande defensor da tradição arquitetónica, devido à sua formação académica. Uma das obras mais emblemáticas deste arquiteto foi o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira, sendo esta uma referência que se encontra muito presente na obra do Complexo referido. Esta afirmação de uma arquitetura moderna vai em busca das formas plásticas e de novas configurações construtivas, para criar uma nova arquitetura integrada no seu próprio tempo.

*“... O Mercado da Feira (...) é, em meu entender, a obra mais tensa e por isso mesmo com mais significado da nossa arquitectura moderna em transição para o racionalismo crítico. Tensão que vem da dialética entre integração e ruptura, entre espaço interno (que é exterior e semi-exterior) e sítio; entre percurso e pausa; entre tecnologia nova e construção comum; estando sempre estes termos – e outros – assumidos como opostos mais resolvidos em forma simples. Obra que transcende o panorama português para se classificar entre as obras primas da arquitectura europeia dos anos 50.”*³⁵.

Uma das características que mais interliga estas duas obras é a questão do pormenor das coberturas. Fernando Távora, no projeto do Mercado, desenvolveu uma cobertura “em borboleta”, onde abandonou os telhados tipicamente tradicionais e as coberturas planas. Neste momento, não cedeu a uma linguagem tradicionalista nem neo-vernacular, mas sim, ao modernismo marcado pelo racionalismo crítico.

Francisco Alves Nogueira parece demonstrar, na sua obra, estes passos dados por Fernando Távora. Através dos seus ensinamentos, criou uma obra onde o mais notório vai ao encontro das coberturas e platibandas em betão, que marca o pensamento deste arquiteto, que seguia uma linha modernista, conforme a época e o seu mestre.



52. Francisco Alves Nogueira, Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo, 1974.

53. Fernando Távora, Mercado Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira, 1959.

³⁶ KAHN, Louis, *Escritos, conferencias y entrevistas*.

Madrid: El Croquis Editorial, 2003. p. 142.

Louis Kahn

Além de Fernando Távora, Louis Kahn também parece ter sido uma influência para Francisco Alves Nogueira.

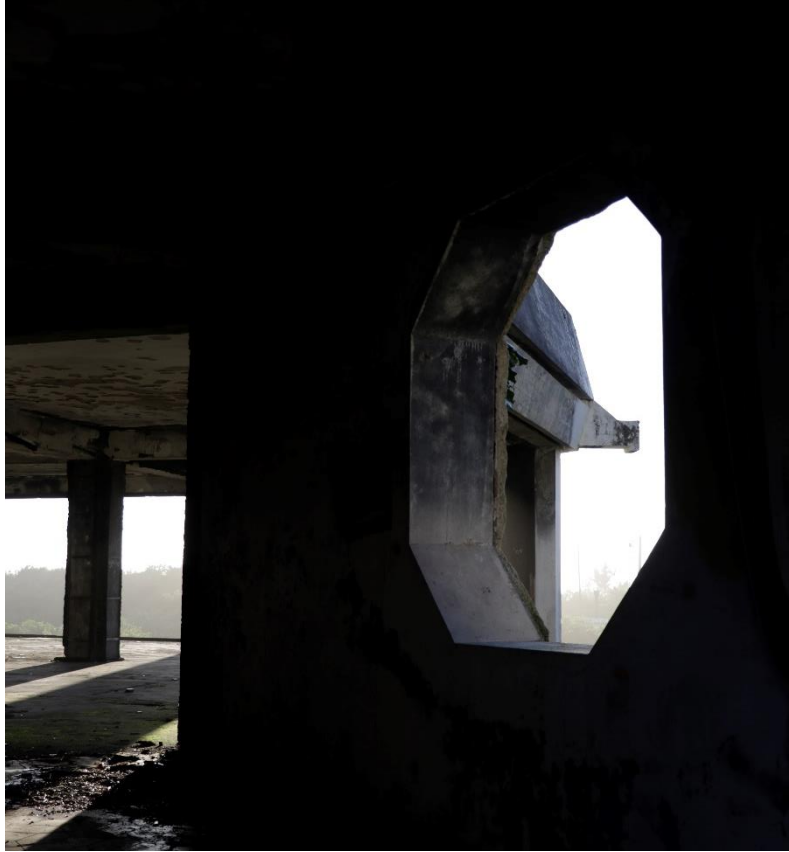
“Deberíamos tener la sensación de entrada y recepción no gracias a un cartel, sino al propio caracter, y esto lo hace de un modo u otro todo lo arquitecto que tenga conciencia de los espacios.”³⁶

Kahn, um arquiteto com um pensamento próprio, que seguia os modelos da antiguidade clássica, como forma de projetar a sua arquitetura, definiu-se como um grande arquiteto das formas geometricamente puras. Os princípios de proporção e ordem, nas suas obras, são muito perceptíveis, tal como a questão do espaço central.

O quadrado e o círculo, designadas como formas puras da geometria, foram sempre o processo chave para a construção das obras de Louis Kahn. Através das formas, Kahn assumiu a importância da centralidade nos seus projetos. O caso do quadrado, sempre presente, faz com que uma nova composição seja iniciada. No caso da cruz e do círculo, estes auxiliam o sistema proporcional, para que se consigam desenvolver as necessidades práticas das suas obras.

O conceito ligado às formas está refletido no panorama da obra de Francisco Alves Nogueira. Este demarca o espaço central através de uma forma geométrica marcante, o octógono. Nesta volumetria encontram-se os elementos mais importantes do projeto, o restaurante e a discoteca. Isto é, conseguiu realizar uma composição de formas, como é o caso dos dois retângulos que se tocam através de um ponto central, definindo uma imponência que se demarca do resto do edifício, sem que o todo seja perdido. Conseguiu explorar este lado alusivo a Kahn, refletido através do olhar modernista e vanguardista da década de 60.

Outro fator, vai ao encontro da obra Indian Institute of Management, de Louis Kahn que, através da circunferência, dá um maior destaque aos enquadramentos envolventes. Francisco Alves Nogueira, expressa também um pensamento semelhante, em que através das formas geométricas, o octógono, demarca os enquadramentos entre interior-exterior



⁵⁴ Francisco Alves Nogueira, Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo, 1974.

⁵⁵ Louis Kahn, Indian Institute of Management, Ahmedabad, 1974.

³⁷ SIZA, Álvaro, *01 textos*. **Alvar Aalto**

Porto: Civilização ed.,

2009.

p.211-212

“A arquitectura de Alvar Aalto (...) estrutura-se a partir da sólida formação racionalista do arquitecto. Julgo que a sua fundamental contribuição decorre de um duplo e sensível distanciamento, quer em relação às ambiguidades do neo-empirismo, no que nele se refere a pressupostos formais ou outros, quer face à construção em curso de uma linguagem arquitectónica de ruptura, através de protótipos de uma nova arquitectura revolucionariamente transformadora. É nessa distância que ele se exprime de maneira decisiva e tranquilamente radical, durante o período possivelmente mais fecundo da sua obra, num momento de esforço colectivo de reconstrução de um país devastado, mas também renovado, por uma luta de libertação e de autonomia. (...) Aalto propõe a projectação não como processo linear, da análise à síntese, mas como processo contínuo, aberto, complexo e englobante. Demonstra que o desenho nasce do diálogo permanente entre o que preexiste e o desejo colectivo de transformação.”³⁷.

Alvar Aalto, um arquiteto que se demarca pela força da arquitetura em relação com o lugar, vai ao encontro da ideologia desta obra. No Luziarnar, percebe-se uma forte relação entre a Biblioteca do Colégio Beneditino de Mount Angel, sobretudo em relação ao volume que sugere um octógono. Este contém um restaurante e biblioteca. Neste volume percebemos o surgimento do quinto alçado, que reflete a questão da iluminação zenital, no qual se consegue perceber a necessidade e a quantidade de luz natural que invade o espaço interior. No edifício de Alvar Aalto, o espaço interior foi pensado de forma a criar uma forte ligação e presença da luz natural. Através de um semicírculo, Alvar Aalto desenhou uma sucessão de claraboias que se demarcam ao longo do perímetro da quase circunferência, possibilitando ao espaço interior uma boa iluminação e uma percepção clara de como o espaço se desenha. Na concepção do Complexo Turístico do Luziarnar, a arquitetura de Francisco Alves Nogueira vai ao encontro da obra deste arquiteto nórdico, ao desenhar um volume octogonal, demarcado pela existência de uma claraboia a iluminar o espaço interior.

Outra curiosidade verificada nos detalhes, em linha com as ideias de Alvar Aalto, é o uso da madeira no corredor de acesso à discoteca. Aqui, percebeu-se um jogo de sucessão de tábuas que, em vez de estarem alinhadas, desencontram-se uma das outras, criando um efeito visual que sobressai aos olhos do observador. Um dos exemplos desta concepção é a Villa Mairea, de Alvar Aalto, que consegue utilizar este material como forma de preencher o espaço interior e, igualmente o exterior, pensado na essência da arquitetura nórdica.



56. Francisco Alves
Nogueira, Complexo
Turístico do Luziamar,
Viana do Castelo,
1974.

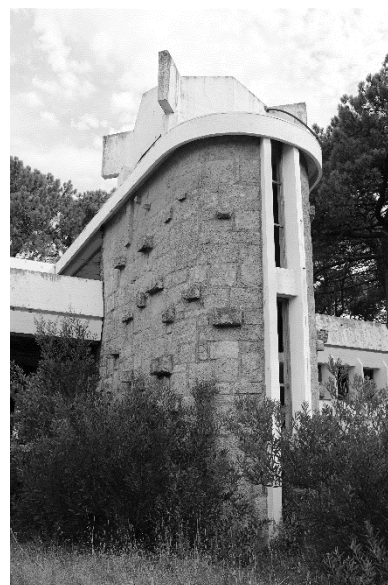
57. Alvar Aalto,
Biblioteca do Colégio
Beneditino de Mount
Angel, Oregon, 1968.

³⁸ Entrevista – Arq.
Miguel Nogueira, 2019.
Anexos, p. 174

Após esta análise, consegue perceber-se que tipo de arquitetura Francisco Alves Nogueira defendia. Tal como Fernando Távora, Francisco Alves Nogueira seguia uma linha de pensamento ligada às influências do modernismo nacional e internacional, aplicando às suas obras os princípios formulados pela Carta de Atenas, como é o caso do aproveitamento da orientação solar.

Muito ligado aos ensinamentos da conhecida Escola do Porto, Francisco Alves Nogueira interessou-se por uma nova invenção, o surgimento do betão na arquitetura. Esta nova invenção, foi inicialmente impulsionado pelo arquiteto Le Corbusier, defendendo a construção com recurso ao betão à vista. Esta filosofia acabou por caracterizar a obra do Luziamar, uma vez que, todas as fachadas são compostas por uma estrutura aparente que remete para este lado modernista internacional. Francisco Alves Nogueira, no presente projeto, recorreu também à construção em alvenaria como forma de definir texturas e volumetrias. Sem dúvida, o Luziamar reflete uma arquitetura diversificada, sem medo de arriscar no incerto e com uma enorme preocupação na grandiosidade dos detalhes.

“Portanto, em determinadas coisas, agora compreendo a preocupação dele, ou seja, uma preocupação de quando se faz um edifício, fazê-lo para sobreviver muito tempo. Quer em termos de linguagem, e quando arriscamos mais corremos mais o risco de datar uma determinada obra de arquitetura, quer nos materiais que utilizamos. Portanto, tem que haver determinada coerência, eu acho que ele era extremamente coerente nas coisas.”³⁸.



58. Fotografia, a composição das fachadas, frente do edifício.

59. Fotografia, sobre os alinhamentos com a estrutura, interior do edifício.

60. Fotografia, elementos de destaque das modinaturas das janelas, frente do edifício.

61. Fotografia, da zona do bar de serviço à piscina, tardo do edifício.

62. Fotografia, elemento central octogonal, tardo do edifício.

63. Fotografia, elemento vertical, caixa de escadas de acesso à cobertura.

Um Concurso

O Estudo e Desenho

O Projeto

O Quarto

O Estudo e Desenho

Um outro processo para a projeção de um edifício centra-se em vários fatores de estudo, que fazem com que a proposta seja realizada da parte para o todo e do todo para a parte. Este todo, cinge-se ao espaço circundante em que o edifício está inserido. Esta simbiose, entre o todo e a parte, faz com que haja uma coerência entre os tons da envolvimento natural, as formas, os materiais, a identidade e a dinâmica do lugar.

Um outro elemento, bastante importante para o desenvolvimento de um projeto, é a questão do espaço-tempo a que um edifício é exposto. A intemporalidade das formas pode ser ultrapassada através dos vários estilos de arquitetura, sem que esteja destacado num determinado tempo. Contudo, o fator do espaço é tão importante como o tempo, desde a clareza de como um espaço nasce, e de como um espaço se reinventa, sendo a forma de arquitetar a grande responsável por esta transformação.

A ideia geral, é reabilitar o projeto existente, de modo a que este seja reinventado mas de forma a dar sentido à fisionomia do edifício, sem que o “novo” se sobreponha ao “antigo”.

O Estudo

Na primeira abordagem ao estudo do projeto existente, analisou-se o todo de forma a perceber qual seria a zona mais indicada para ser implantado o novo volume.

“A zona direita quero demoli-la, (...) porque não tem áreas para nada, não é viável deixa-la de pé.”³⁹.

³⁹ Entrevista – Proprietário Agostinho Rites, 2019. Anexos, p. 204

Segundo o proprietário, o volume onde se situava o armazém, os dormitórios do pessoal, a cozinha e a copa, possuía áreas desfavoráveis a uma nova construção. Contudo, pensou-se em não demolir este setor, mas sim reaproveitá-lo de forma a conseguir atribuir-lhe uma função, sendo um volume importante para a caracterização do Complexo.

⁴⁰ Entrevista – Proprietário Agostinho Rites, 2019. Anexos, p. 204

“O Luziamar tem uma extensão bastante grande e a mais importante e mais bonita é aquela que disse há pouco. Até por causa do desenho da cobertura, era uma parte que eu queria manter. A zona mais a sul se for alterada não me faz diferença nenhuma, tal como está não tem viabilidade nenhuma. A parte direita é muito estreita, por isso pretendia manter o resto menos esta, construir algo que se encaixe dentro disto de outra forma. Está morto completamente.”⁴⁰.

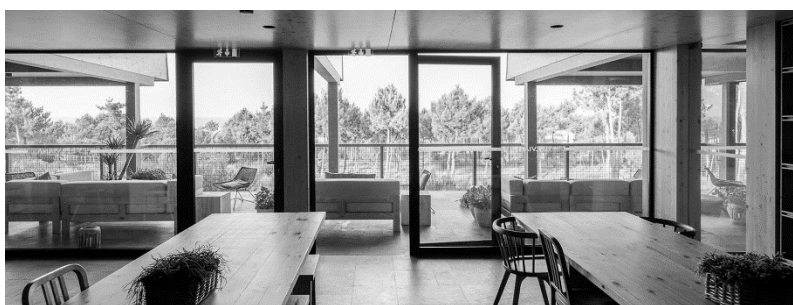
Assim sendo, o volume pensado a demolir, foi o que não constava nos desenhos do Arquivo Municipal, definido pelos balneários de acesso ao exterior. Como apenas é composto por um piso, pensou-se reaproveitar este setor de terreno com algo mais funcional, como é o caso dos quartos e apartamentos, uma vez que é a zona mais privilegiada, com vista direta para a duna e, num determinado ponto, para o mar.

O Caso de Estudo

Outro fator em consideração é o estudo de como um Hotel funciona. Esta análise traduziu-se num caso de estudo, que serviu como exemplo para a definição do programa do projeto a realizar.

O projeto estudado foi o do Hotel FeelViana, de quatro estrelas, do arquiteto Carlos Castanheira. Este Hotel encontra-se a 300 metros do antigo Complexo Turístico do Luziamar, tendo um programa com maior carácter de praia, dedicada aos desportos náuticos. Por entre o pinhal, o edifício instala-se no terreno através da sua estrutura de madeira. Este edifício é constituído apenas por 2 pisos. No 1º piso, o *hall*, com uma vista direta para o pinhal e mar, encontra-se aberto para uma ampla sala de estar, juntamente com o café, restaurante, piscina exterior, esplanada e acesso aos quartos. Já a zona dos serviços, relativos à administração e à cozinha, estão desenhados atrás da receção, onde existe um acesso ao piso térreo. Este, encontra-se dividido em dois espaços, um a Sudeste, onde estão dispostos os elementos ligados aos serviços do Hotel, como é o caso da lavandaria, balneários do pessoal, salas, escritórios, armazéns e uma loja. Outro a Noroeste, onde estão dispostos os elementos de lazer do Hotel, como a piscina interior, spa, sala multiusos, área de eventos, balneários internos e externos. Para além disso, este piso contém as áreas de zonas técnicas.

Através deste caso de estudo conseguiu chegar-se à definição do programa e áreas do novo Hotel-Aparthotel do Luziamar. Pensou fazer-se uma zona destinada a quartos e outra a apartamentos, sendo possível haver este misto de comodidades. Além disso, como o Hotel FeelViana se encontra, aproximadamente a 300 metros de distância do edifício do Luziamar, um programa de Hotel-Aparthotel será bastante viável, uma vez que constitui uma oferta mais diversificada, aleando o conforto à qualidade e ao bem-estar, atraindo um outro público-alvo. Sendo que assim, haverá mais oportunidade de escolha neste local privilegiado, da cidade de Viana do Castelo.



64. Fotografia aérea do Hotel FeelViana, Viana do Castelo, 2017.

65. Fotografia, vista do hall de entrada, Hotel FeelViana, Viana do Castelo, 2017.

66. Fotografia, alçado Oeste, Hotel FeelViana, Viana do Castelo, 2017.

67. Estudo, planta do 1º piso, FeelViana, Carlos Castanheira, 2017.

68. Estudo, planta rés-do-chão, FeelViana, Carlos Castanheira, 2017.

PROGRAMA UNIDADES:

1º Piso:

• ENTRADA DO HOTEL = (23 m^2) ✓

• ZONA DE ESPERA = (32 m^2) ✓

• RECEÇÃO = (25 m^2)

• SALÃO = (180 m^2) ✓

• ZONA DE SABALCO (MUNDO) = (10 m^2) ✓

• ELEVADOR, ADMINISTRAÇÃO = (24 m^2) ✓

→ WC = (3 m^2) ✓

→ RECEÇÃO = (16 m^2) ✓

→ CABINETE = (14 m^2) ✓

→

• ZONA DE REVELAR:

→ AREA SOCIAL PARA O STAFF = (36 m^2) ✓

→ WC STAFF = (12 m^2) ✓

→ VERIFICAÇÃO = (35 m^2) ✓

→

• ACESSO A PISCINA ✓

• BANHELO ✓

• LAVABOADA = (15 m^2) ✓

• LOJA = (184 m^2)

→ ARMAZEN = (5 m^2)

→ WC = (5 m^2)

→ ELEVADOR = $(7,5 \text{ m}^2)$

→ ARMARÉM = (28 m^2)

→ WORKSHOP = (20 m^2)

• BAL = (90 m^2) ✓

• WC COMU = (63 m^2) ✓

• ACESSO QUARTOS = ?

• REFEITÓRIO = (180 m^2) ✓

→ EXTENSÃO BAL = (42 m^2) ✓

→ EXTENSÃO MATE = (400 m^2) ✓

• ZONA DE ESPERA = (44 m^2) ✓

• ZONA QUARTOS ✓

→ SUÍTE COM LITAS DE CIMA = (120 m^2)

→ SUÍTE COM CONECCÃO = $(56 \text{ m}^2 / \text{CASA})$.

→ SUÍTE = (16 m^2)

→ QUARTO NORMAL = (44 m^2)

→ QUARTO DE VESTIBULO (BATHROOM) = (44 m^2)

→ FAZER ZONA TÉCNICA EM BAIXO PISO - 1 (COMO FAZEMOS)

→ IDENTIFICAR OS OUTROS PRINCIPAIS INTERIORES.

→ FAZER DISTRIBUIÇÃO NA VERT.

→ CHUFEIRO = (50 m^2)

→ VEST = (80 m^2) . AL NARRAR

→ CENAL TÉCNICA = (30 m^2) . (HALL)

→ CISTERNAS E Q.B.A. = (40 m^2) .

→ CUBÍCULO GRANDE OUVA = (30 m^2) , (HALL) + AL. EXT.

• AREA DE ESPERAS 305 m^2

→ ZONA DE ESPERAS = (120 m^2)

→ SALA MULTUSOS = (140 m^2) (Boudoir)

→ BAL = (145 m^2)

• (ZONA DE BOM ESTAR)

→ SALA DE CIMA = (24 m^2)

→ RECEÇÃO = (34 m^2)

→ SALAS DE TRATAMENTO = $(35 / 21 \text{ m}^2)$

→ BATHROOM HOMENS = (36 m^2)

→ BATHROOM MULHERES = (36 m^2)

→ SALA DE ATIVIDADES OU CUBO = (70 m^2)

→ AMARRADO.

→ AREA DE RELAXAMENTO = (25 m^2)

→ GYM = (70 m^2)

→ SWIMMING POOL = (300 m^2)

→ SAUNA = (9 m^2)

→ BATHROOM = (9 m^2)

• BATHROOM EXTERNA = (140 m^2)

• ACESSO A PISCINA.

• ZONA TÉCNICA ✓

• PISCINA = (200 m^2)

• COLUNA = (140 m^2) ✓

O Programa

Área de Entrada

Átrio | 300 m²

entrada principal no edifício, incluído espaço de estar

Paravento | 20 m²

dispositivo para redução das trocas térmicas

Receção | 20 m²

receção e informação | dois funcionários

Instalações Sanitárias | 35 m²

a área e equipamentos sanitários considerados, devem ser distribuídos pelo edifício

em núcleos com localizações adequadas

mulheres| homens | mobilidade condicionada

Compartimento Técnico | 4 m²

localizado atrás do balcão de atendimento | quadro elétrico central e centrais das redes de infraestruturas

Administração e Serviços Administrativos

Armário de Malas | 10 m²

uma zona de armários para guardar a bagagem de hóspedes

Back Office | 45 m²

equipado com 4 postos de trabalho

Gabinete do Diretor | 10 m²

equipado com secretária, mesa de reuniões para 4 pessoas e armários/estantes

Sala de Reuniões | 15 m²

equipado com uma mesa de reuniões para 12 pessoas e armários/estantes

Arquivo Administrativo | 3 m²

equipado com estantes/armários

Instalações Sanitárias | 10 m²

a área e equipamentos sanitários considerados

Espaços Comuns

Bar | 150 m²

sala com 10 mesas de quatro pessoas | balcão, copa, despensa c/ zona de frio e compartimento de lixos

Restaurante | 200 m²

área composta por 20 mesas de quatro pessoas | balcão ligado à respetiva cozinha

Área Expositiva | 180m²

uma pequena área destinada a exposições e mostruário de artigos da história do edifício

Sala de Estar | 200 m²

deverá conter mesas de apoio dispostas com sofás de 2 lugares

Área de Eventos | 80 m²

espaço onde haverá sofás de apoio à respetiva sala multiusos

Sala Multiusos | 180 m²

organizada num esquema de auditório com 100 lugares | uma zona de palco com uma profundidade de 2 metros

Ginásio | 130 m²

constituído por uma grande sala de máquinas e uma outra dedicada a aulas em conjunto

Salas de Tratamento | 20 m²

estas salas serão constituídas por uma marquesa de massagens | instalações sanitárias privadas

Piscina Interior | 230 m²

zona com uma piscina | sauna | banho turco | com as respetivas espreguiçadeiras

Balneários/ Vestuários/Instalações Sanitárias | H+M | 85 m²

este espaço estará estrategicamente implantado de forma a servir o Ginásio e Piscina Interior em conjunto

Área de Quartos

deve estar numa das zonas mais privilegiadas do terreno, de forma a ter uma vista sobre a natureza | com corredores e respetivas saídas de emergência

Quartos | 50 m²

deverá conter a zona principal do quarto, wc e varanda | quadro de eletricidade em todas as entradas

Apartamentos | 50 e 100 m²

deverá conter a zona principal da sala, cozinha, quarto, wc e varanda | quadro de eletricidade em todas as entradas

Áreas de Serviço

Sala do Pessoal | 40 m²

equipado com uma zona de estar/descanso

Balneários/ Vestuários/Instalações Sanitárias para o Pessoal | H+M

estes espaços devem ser organizados por forma a garantirem acessibilidade universal

Instalações Sanitárias Gerais | 80 m²

a área e equipamentos sanitários considerados, devem ser distribuídos pelo edifício em núcleos com localizações adequadas
mulheres | homens | mobilidade condicionada

Lavandaria | 70 m²

a área deve ser organizada contendo um espaço dedicado às máquinas | um outro espaço dedicado a armários de arrumação de têxteis

Cozinha | 120 m²

este espaço deverá conter uma copa dedicada apenas ao serviço e uma outra à integridade do restaurante | uma zona de lixos | frigoríficos | uma despensa | zona de serviço equipada com pia de lavagem, micro-ondas e mesas para refeições ligeiras para o pessoal

Armazém | 100 m²

poderá haver inúmeras áreas dedicadas a armazenamento, e um grande armazém

Área Técnica

Chiller | 50 m²

produção de água fria | obrigatoriamente no exterior – em pátio, terraço ou cobertura

UTAS – Unidades de Tratamento de Ar | 80 m²

no exterior ou em espaço interior com grelhas, em diferentes zonas do edifício ou numa única, em função do projeto

Central Térmica | 30 m²

produção de água quente | no interior de compartimento | exigência de tomada de ar exterior e chaminé

Cisterna e Grupo de Bombagem de Água | 40 m²

no interior de compartimento | pode ser em cave

Quadros de Energia Elétricos

quadro geral do edifício | no compartimento técnico da entrada quadros por piso ou zonas do edifício | armário com 30 cm de profundidade e largura mínima de 1,20 m

Grupo Gerador de Emergência | 30 m²

no interior de compartimento | com tomada de ar exterior e chaminé

ÁREA ÚTIL (au) TOTAL | 4350 m²

ÁREA BRUTA DE CONTRUÇÃO (abc) = au + 30% | 5000 m²

definições:

au (área útil) . área de cada um dos espaços medida pelo perímetro interior das paredes que o delimitam.

abc (área bruta de construção) . área total do edifício medida pelo perímetro exterior das paredes exteriores – inclui circulações, espessuras de paredes e ductos verticais (vulgo “courettes”).

Espaço Exterior

Esplanada

com a respetiva localização na zona do Bar e Restaurante

Piscina Exterior

Esta deve estar distante do edifício hoteleiro | casa das máquinas | balneários | instalações sanitárias

Acesso à Praia

zona de percursos que ligam o edifício diretamente à praia

Balneários/ Vestuários/Instalações Sanitárias Externos | H+M

estes espaços devem ser organizados por forma a garantirem acessibilidade universal externa, junto à Piscina Externa

Acesso de Fornecedores e Recolha de Lixos

acesso condicionado para cargas e descargas (destinos principais: corredor de serviço | consumíveis, mobiliários, equipamento e têxteis)

Sky Lounge

área dedicada ao topo do edifício, com um espaço para eventos, tendo vista para o mar e cidade

O Desenho

Ao ser entendido o funcionamento de um Hotel em conjunto com o programa, começou a pensar-se numa forma. Contudo, para chegar à forma propriamente dita, teve de haver um processo de estudo relacionado com o desenho, que se baseou em três tipos de ideias.

Todo o processo é considerado um dos exercícios mais difíceis dentro das inúmeras tarefas da profissão de um arquiteto. Não só pelo desenho em si, mas pela procura da forma de uma nova configuração que será definida num novo projeto, quer seja partindo do zero, ou simplesmente um acrescento. Este processo de desenho alongou-se em inúmeras folhas massacradas pelo lápis, num simples jogo de experimentação. Contudo, é uma das tarefas mais importantes que um arquiteto tem, porque é através desse processo de desenho que um edifício começa a estruturar-se.

1ª Ideia

⁴¹ Documentação do PDM (Plano Diretor Municipal), Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 2008. p.33.

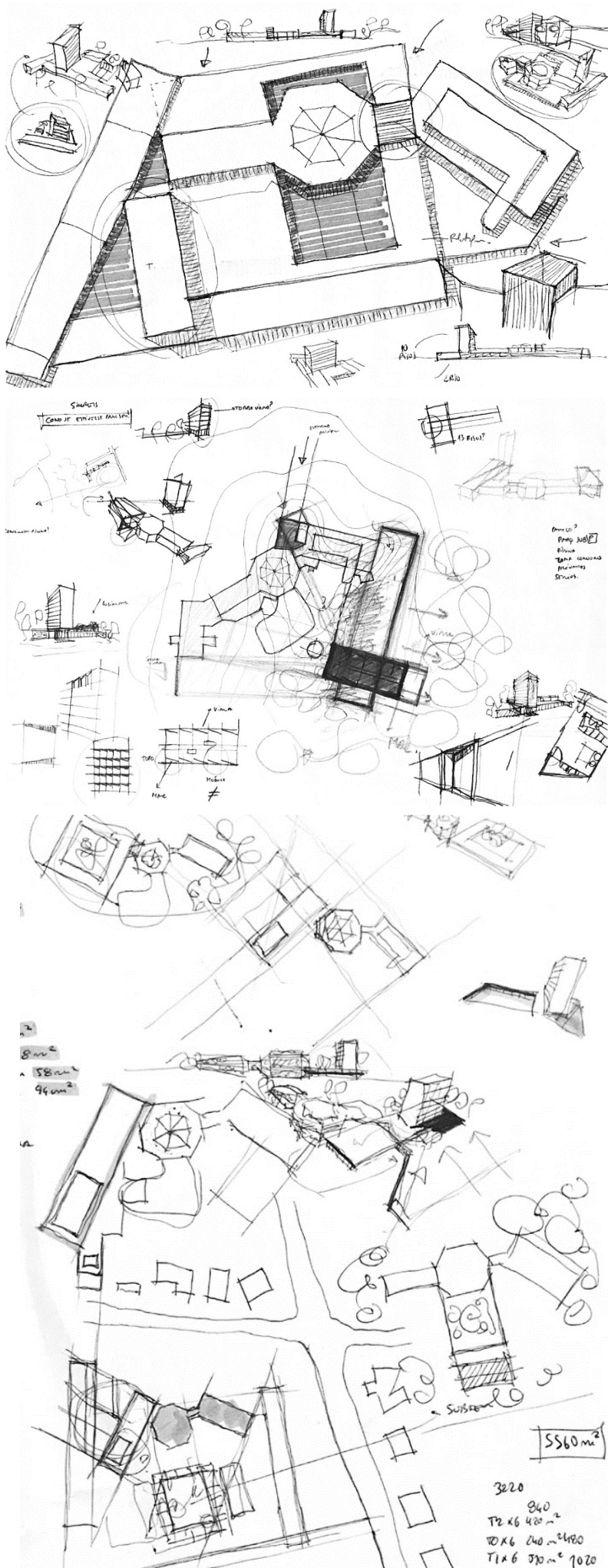
A primeira abordagem ao pensamento desta nova forma, surgiu relacionado a um elemento que se destacasse do envolvente. O conceito de torre começou, assim, cada vez a ser mais desenvolvido, mediante de várias influências arquitetónicas. Uma delas alusiva a Tadao Ando, ao projeto de um Hotel, em Matsuyama. Este, seguido por uma linha simples, demarcava a envolvente pelo surgimento de duas torres através da copa das árvores. Com isto, a proposta para o antigo Complexo Turístico do Luziamar teria a possibilidade de obter uma visão panorâmica do mar e da cidade de Viana do Castelo.

Para este elemento vertical pensou-se que o local mais favorável para a sua implantação seria a zona a Sudoeste, junto à duna. Esta, como um elemento de destaque do terreno, onde a densidade de árvores é menor, seria o local mais favorável de construção. Surgiu, assim, um pensamento da forma relacionado apenas a este lugar do terreno.

Contudo, segundo o regulamento do PDM, no Art. 66º alusivo aos alinhamentos e cêrceas, tal não seria possível. Isto, porque o novo projeto tem que seguir as alturas envolventes, sem que exceda estas.

“Sem prejuízo para existência de critérios específicos definidos para cada classe de espaço, nas áreas para as quais não existam planos ou estudos de maior pormenor aprovados, as edificações a licenciar ficam definidas pelo alinhamento das fachadas e pela cêrcea dominante do conjunto em que se inserem, não sendo invocável a eventual existência de edifício(s) vizinho(s) ou envolvente(s) que exceda(m) a altura ou o alinhamento dominante do conjunto.”⁴¹.

Sendo assim, esta ideia relacionada a um elemento de destaque perdeu o seu devido efeito, o que fez com que uma outra abordagem surgisse.



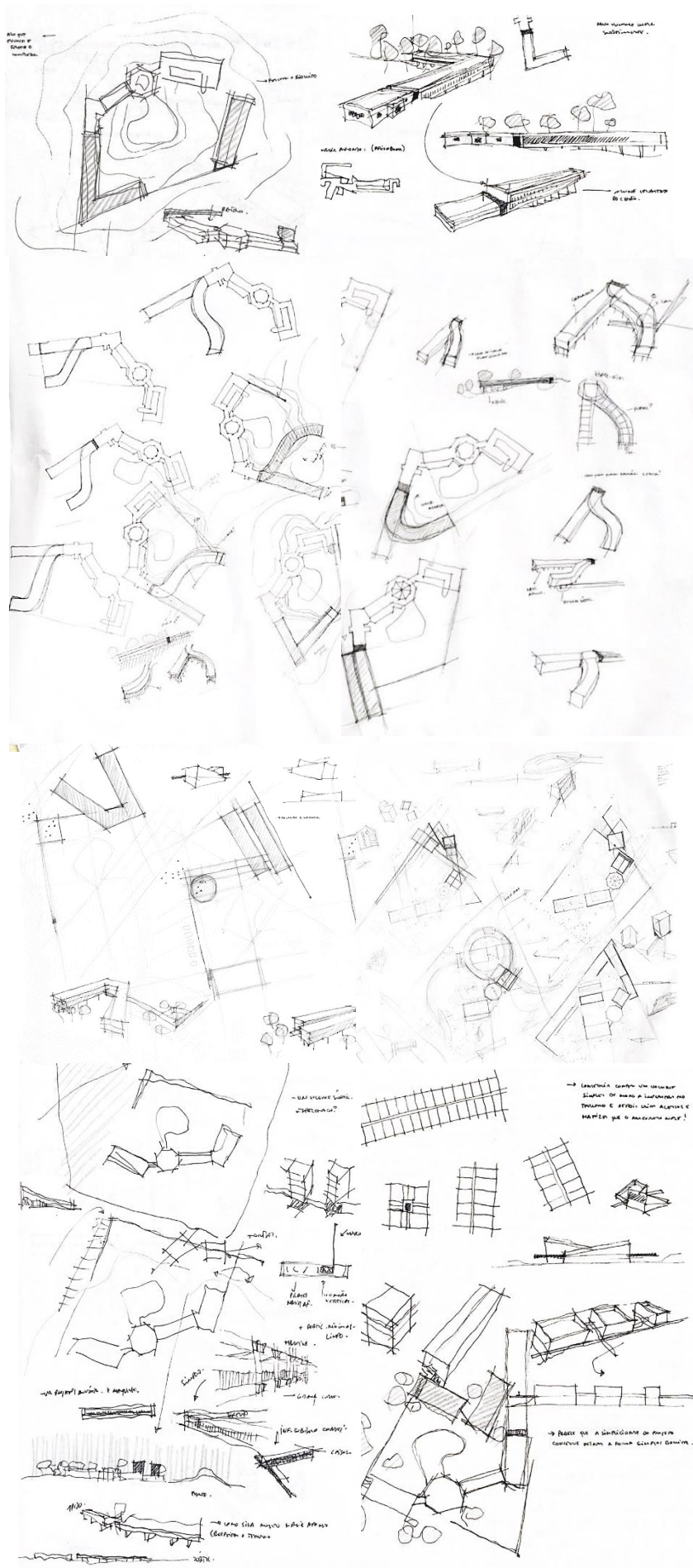
70. Estudos, definição da forma, processo nº1.

2ª Ideia

A segunda abordagem foi ao encontro de um pensamento ligado às alturas da envolvente. Neste caso, o único edifício com três pisos de altura é somente o antigo Complexo Turístico do Luziamar. Com isto, a nova forma a pensar baseou-se num elemento horizontal que se alongava pelo terreno de uma forma mais comedida, em relação ao meio natural.

Com o pensamento ainda muito ligado ao conceito da torre, o desenho foi desenvolvendo novas formas, como é o caso do volume que marcava a continuidade do corpo dos balneários exteriores. Assim, pensou-se em demarcar o terreno, novamente, nesta zona junto à duna. Contudo, devido às formas do antigo projeto, a circunferência começou a aparecer em alguns desenhos, como também a curva. Estes elementos que representam as linhas femininas da arquitetura, vão ao encontro de um desenho mais delicado. Uma influência para este desenvolvimento foi a obra do Parque Siza, de Álvaro Siza Vieira. Pensou-se que esta forma poderia ser uma boa proposta de implantação devido ao mesmo tipo de terreno, em que a própria estava também inserida. Assim, alongou-se novamente o corpo dos balneários exteriores compensados nesta nova forma que se dividia numa continuidade e numa curva subtil.

Com esta nova forma, outras foram surgindo e outro pensamento foi se ancorando cada vez mais no terreno, como é o caso do volume paralelo à duna, e da sua flutuação em relação ao terreno, demarcado por pilotis. Sendo assim, surgiu uma nova abordagem relacionada com a forma que se consagrou no novo corpo, depois de um longo processo.



71. Estudos, definição da forma, processo nº2.

3ª Ideia

⁴² COSTA, Alexandre
Alves, *Notas soltas sobre
Arquitetura, História,
Nostalgia e Construção*.
Revista arquitetura ibérica
nº 18, Casal de Cambra:
Caleidoscópio, 2007.
p.61

A terceira abordagem centrou-se no desenvolvimento da segunda ideia, mas de forma a anular por completo o volume dos balneários externos, do antigo programa do Complexo. Uma vez que era um edifício apenas com um piso e não tinha relevância significativa na implantação, este encontrava-se na melhor zona do terreno.

Neste processo, surgiu um novo edifício contínuo perpendicular ao antigo volume de serviços do Complexo, de forma a lançar um corpo paralelo à duna, o elemento de destaque. Como neste local existe um grande desnível de cotas, será possível fazer com que o edifício esteja assente em pilotis, de forma a que este não pareça tocar no terreno. No mesmo contexto, e ligado ao volume que foi demolido, surge um volume também contínuo que demarca o alinhamento do antigo volume. Com estes dois corpos interligados entre si, é possível denotar uma zona de quartos, que estão virados para o meio naturalizado em que, a certa altura, é possível visualizar o mar.

Outros elementos que marcam destaque nesta proposta são as plataformas. Estas estão destacadas ao longo do perímetro do edifício, conseguindo demarcar zonas de entrada e acrescentos, de forma a estar em conformidade com o pré-existente.

Assim, surgiu uma proposta que reflete uma simplicidade nos volumes e que não deixa que este novo elemento oculte o “antigo”. Nascem formas que se articulam num movimento só, para que a essência do terreno não seja perdida e para que a simplicidade seja mantida.

“Foi a beleza e a força da paisagem escolhida para ser lugar e a necessidade de imposição da razão para que a humanidade não se perca, se defenda e continue a aprofundar o projeto do Homem.”⁴².

O Projeto

⁴³ SIZA, Álvaro. *01 textos*.
Porto: Civilização ed.,
2009.
p. 21

*“O projecto está para o arquitecto como o personagem de um romance está para o autor: ultrapassa-o constantemente. É preciso não o perder. O desenho persegue-o.”*⁴³.

Ao ser desenvolvido o processo inicial de desenho, sobre a questão da forma, começou a estudar-se este novo corpo, anexado ao antigo Complexo Turístico do Luziamar, de forma a que se pudesse entender a sua implantação no terreno, como projeto.

A Forma

Através do desenvolvimento da maquete percebeu-se, mais ainda, uma presente sucessão de planos horizontais como uma nova forma de ocupação do terreno. A ideia está claramente embutida neste estudo de um edifício que não toca o chão, mas que respeita a fisionomia deste, sem alterar a sua configuração natural.

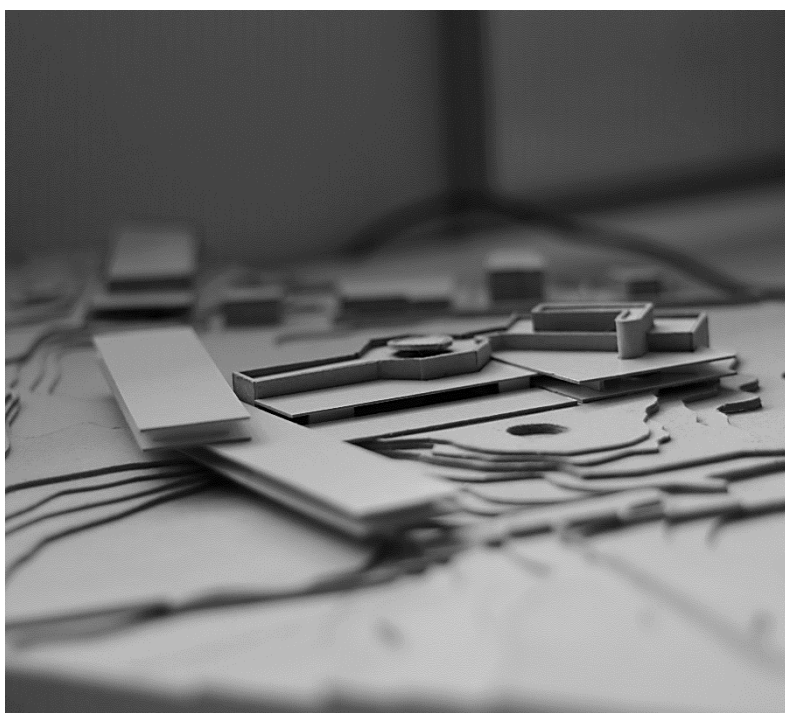
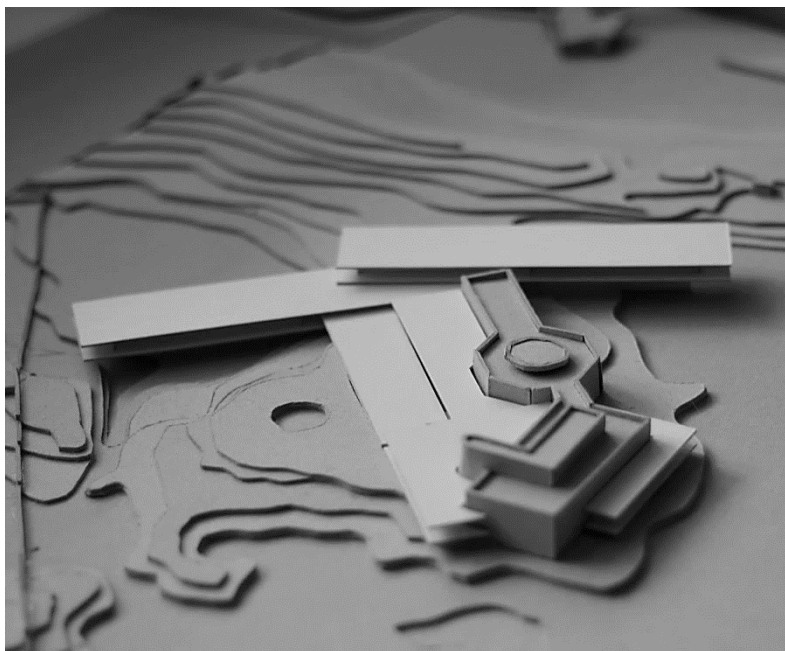
Tanto esta questão da natureza como os planos horizontais fazem lembrar bastante a arquitetura de Frank Lloyd Wright. Este arquiteto foi caracterizado por uma arquitetura definida pelas linhas horizontais demarcadas nas fachadas e pela pouca altura que os seus projetos obtinham. Além disso, quanto à definição dos materiais escolhia os mais simples, tijolo e pedra porque, para ele, a combinação da simplicidade dos materiais com a simplicidade das linhas, conseguia fazer com que o edifício se integrasse melhor com o terreno e a natureza, para haver uma harmonia.

Os Materiais

Ao seguir este pensamento de Wright, a escolha dos materiais baseou-se na simplicidade, de forma a haver uma ligação coerente entre o que era “antigo” e “novo”. Sendo o betão um elemento de destaque no edifício do Luziamar, o mesmo foi escolhido para caracterizar o novo volume. Este, com um fundamento de leveza, será caracterizado com betão branco. Assim, consegue haver, através das tonalidades naturais e envolventes, uma coerência de tons, ligando a questão do branco à forma mais pura de um material, em cru. Um outro elemento bastante presente no terreno é a madeira, definida pelas árvores e pelo Hotel FeelViana. Este material será

usado nos elementos verticais, dando-lhes destaque. Com isto, a materialidade do edifício pré-existente será mantida, através de tinta plástica branca.

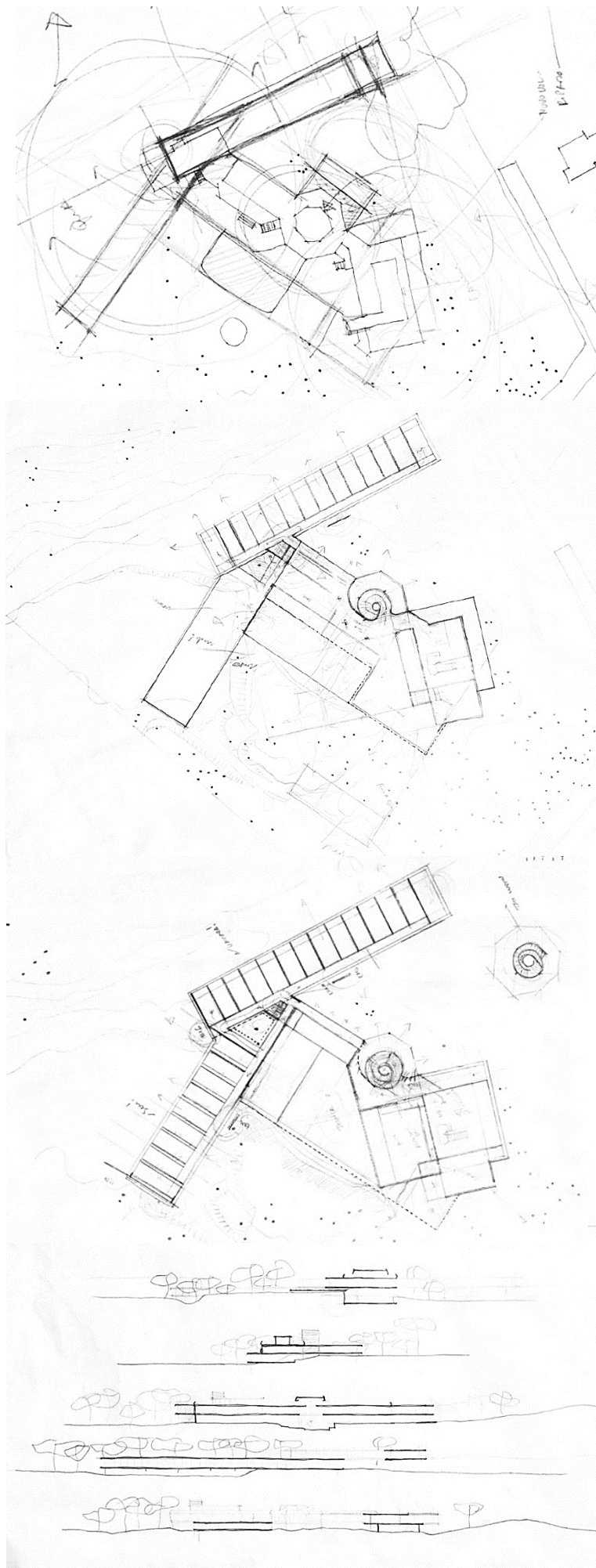
Estando os materiais escolhidos, surge o momento da definição dos interiores. Além de o programa estar estabelecido, as questões de



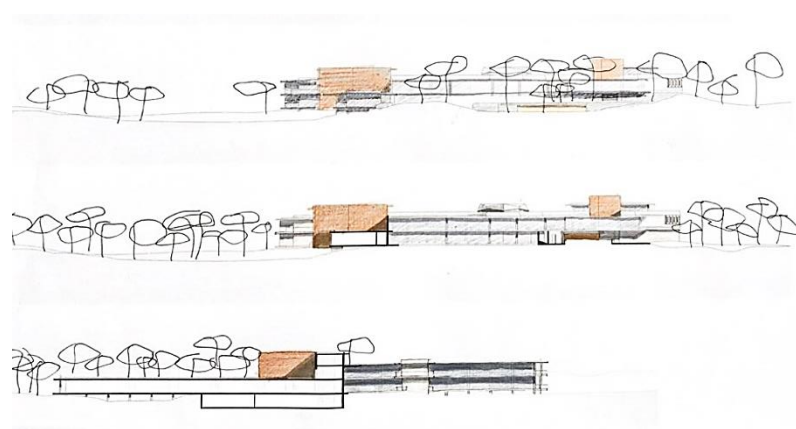
73. Fotografia 1,
maquete de estudo,
1:500.

74. Fotografia 2,
maquete de estudo,
1:500.

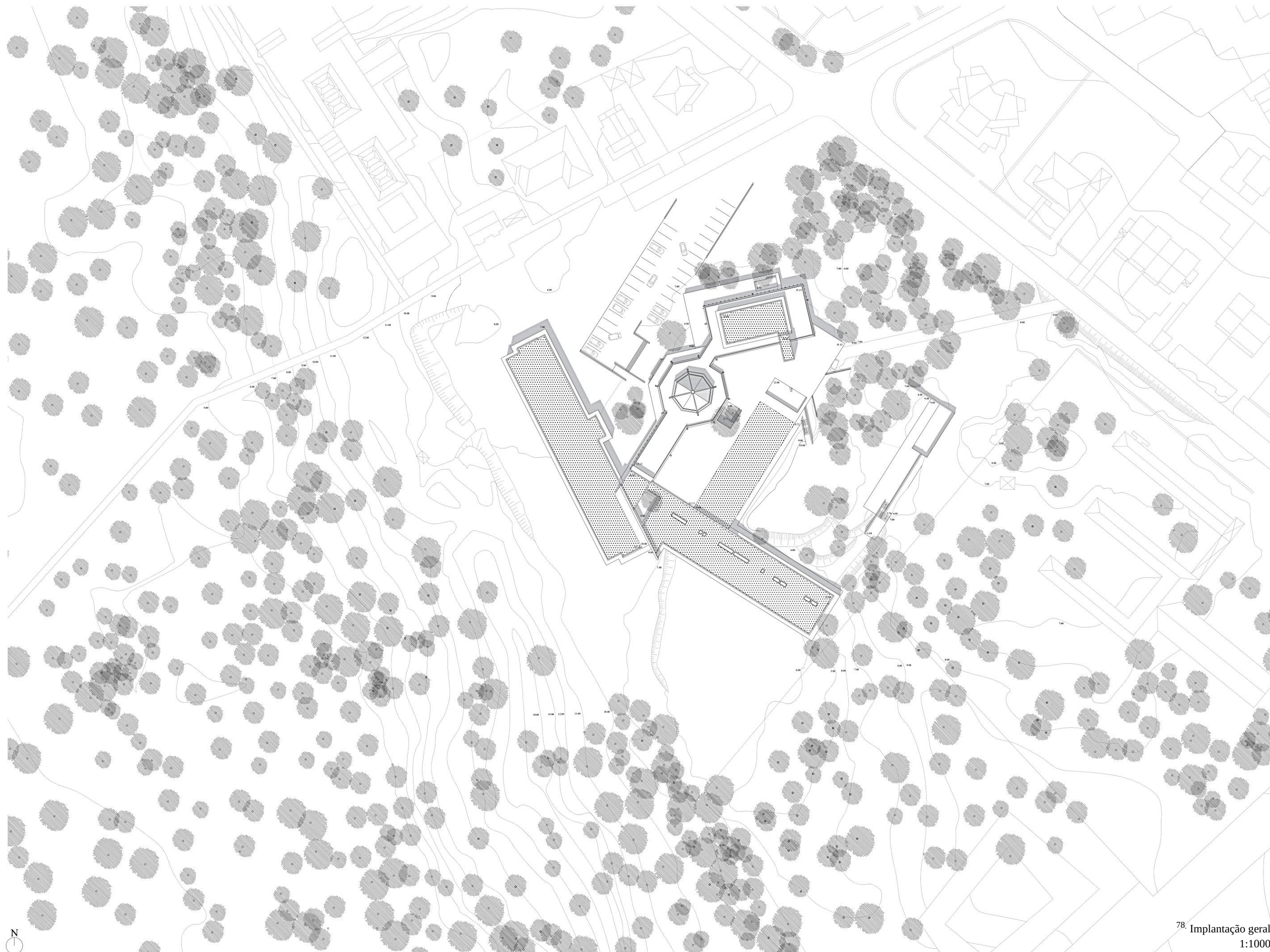
75. Fotografia 3,
maquete de estudo,
1:500.

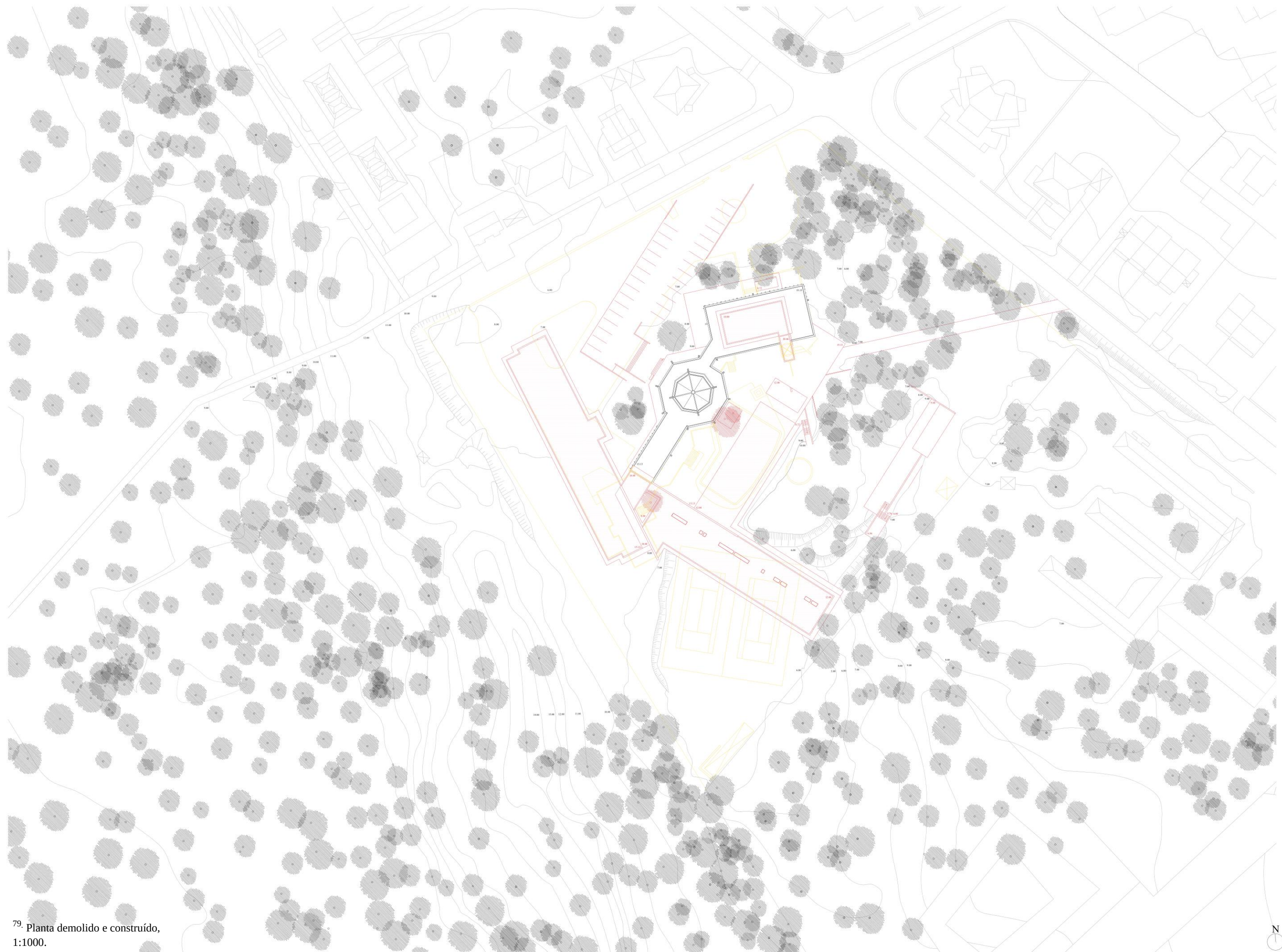


76. Esboços, definição dos interiores e cortes, 1:500.



77. Esboços, definição dos interiores e alçados, 1:200.





79. Planta demolido e construído,
1:1000.



espacialidade foram estudadas, conseguindo indicar três zonas: a de serviços, a comum e a dos quartos/apartamentos.

A Memória Descritiva

Com a definição do programa, nesta fase, obteve-se uma melhor coerência das áreas e necessidades espaciais. Este programa para o Hotel-Aparthotel divide-se em sete áreas essenciais.

Primeiramente, a área de entrada foi concebida no elemento de maior destaque do antigo Complexo, o octógono. Como este volume era o que continha a área mais aberta do projeto existente, foi decidido colocar a zona da entrada principal no mesmo, destacando o seu centro através de uma escada monumental, em curva. Assim, toda esta zona ganhou dimensão, sendo possível perceber o elemento de destaque do projeto pré-existente, a claraboia, logo à entrada do átrio. Neste elemento, está localizada a receção, o corpo de elevadores, as instalações sanitárias e a entrada para a zona de spa e ginásio. Neste seguimento é feita a distribuição para as outras áreas comuns e para a zona dos quartos/apartamentos.

No mesmo local encontra-se a área administrativa, tendo como acesso a receção. Esta localiza-se num dos lados do octógono, e contém uma área com armários, caso seja necessário guardar alguma mala, e um área de *back office*, onde se encontra o gabinete do diretor e a sala de reuniões, ambas voltadas para um claustro, de modo a que sejam iluminadas de forma natural, um momento de abertura que faz o edifício respirar.

De seguida, a área dos quartos/apartamentos, localiza-se a Oeste da entrada principal. Esta é constituída por dois volumes, sendo que um se sobrepõe ao outro, seguindo o alinhamento do antigo edifício dos balneários externos. Isto para que este antigo alinhamento não se perdesse, dando-lhe destaque num volume significativo do projeto. Além disso, estes dois corpos, são distintos. O primeiro volume, que segue o alinhamento, é constituído por dois pisos, ambos de quartos, enquanto que o outro volume, paralelo à duna, é apenas definido por um único piso, de apartamentos. Um dos volumes configurado com dois pisos consegue ter vista para o mar, uma vez que a partir do seu alinhamento a duna baixa a sua cota de forma a que seja possível a percepção da paisagem. Já os pisos que se encontram inferiores a este, conseguem ter um contacto mais ligada ao terreno, à natureza. Isto é, através destes dois volumes foi possível criar dois tipos de espacialidades, um em que a vegetação da duna e a presença dos pinheiros dão um carácter mais acolhedor e resguardado, e outro em que a vista para o mar e cidade proporcionam um carácter de maior

amplitude sobre a paisagem envolvente. Com isto, definiu-se como volume de apartamentos o volume com apenas um piso, e para os quartos, o volume com dois pisos.

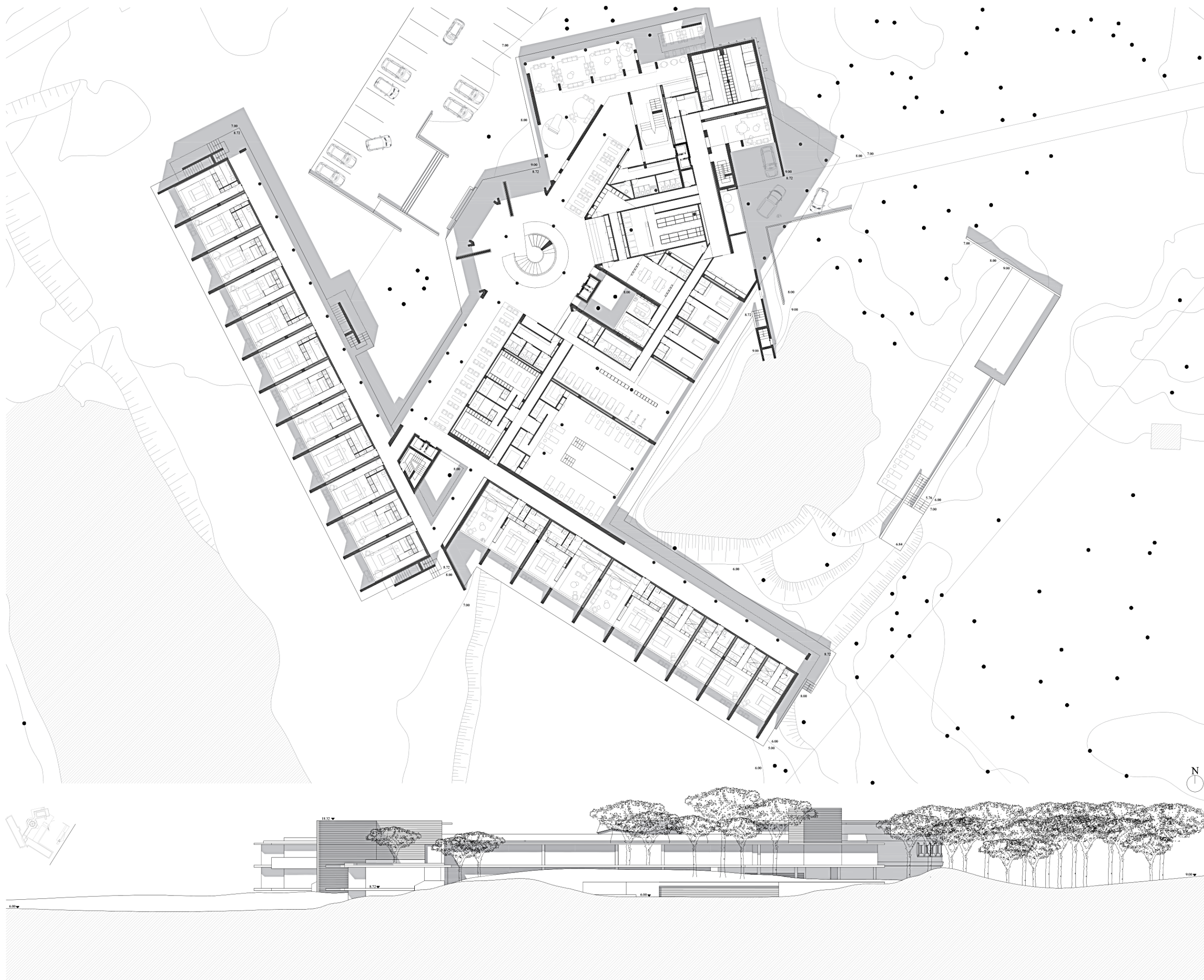
Quanto aos espaços comuns estes localizam-se na parte central do projeto. A zona de bem-estar tem acesso pelo átrio e, na parte posterior, uma ligação direta à área dos quartos/apartamentos. No corredor interno que liga as duas entradas, localiza-se o acesso aos balneários gerais, ao ginásio, spa e piscina interior. Sendo que estes elementos se encontram a uma cota inferior da cota voltada a Sul. Assim, conseguiu-se escavar um pouco esta zona de forma a que este espaço recebesse luz natural e, ao mesmo tempo, estivesse num local mais reservado.

Outro elemento de destaque é o bar, que se encontra a Oeste da zona de entrada. Aqui, todo o alçado é envidraçado de modo a que o envolvente seja percecionado. Isto com o intuito de trazer o exterior para o interior, valorizando a essência do local. Além disto, o elemento de escadas que se encontra nesta zona de bar foi reaproveitado da estrutura antiga, uma vez que é um elemento representativo do modernismo em Portugal, nos anos 70.

Acedendo ao primeiro piso destaca-se uma pequena área de exposições e o restaurante panorâmico, que desde o início da forma se destacou para tal. Este encontra-se voltado para Sul, o que faz com que seja uma zona bastante iluminada e, por ter três frentes envidraçadas, consegue proporcionar uma vista panorâmica entre a duna e as casas unifamiliares. Este oferece uma ampla visão da natureza envolvente, como se verificava no antigo restaurante. Neste mesmo piso, subindo as escadas monumentais da área de entrada, acede-se diretamente à área de eventos, onde se localiza a sala multiusos que pode ser usada como auditório, possibilitando uma vista esplêndida para o terreno.

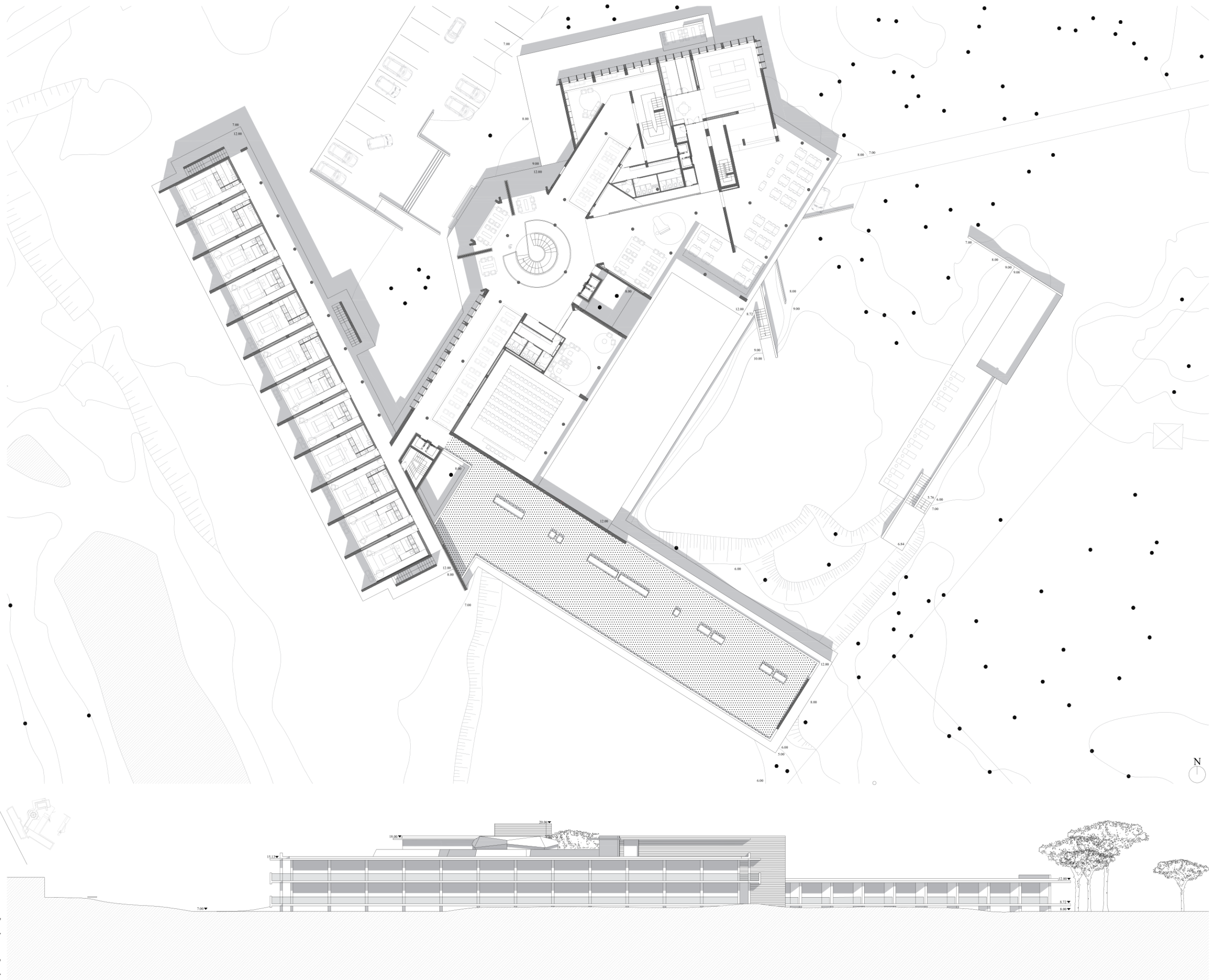
Outro fator importante para o desenvolvimento deste Hotel-Aparthotel, é a zona de serviços. Esta área encontra-se destacada a Oeste do primeiro piso e rés-do-chão. No subsolo encontra-se a zona técnica. Esta área de serviços, tem acesso através da receção para um corredor onde se encontra a sala do pessoal, a lavandaria, os balneários, armazéns e saída para a área de acesso a fornecedores e recolha de lixo. Este último elemento, encontra-se sob da zona do restaurante, encontrando-se este suspenso, através de pilotis, o que faz com que esta zona seja disfarçada relativamente ao restante edifício, mantendo a sua leitura arquitetónica simplista. Através desta zona de acesso encontram-se várias entradas, para o armazém, para a sala do pessoal e entrada direta para a zona técnica.

Por fim, os espaços exteriores também são um elemento bastante



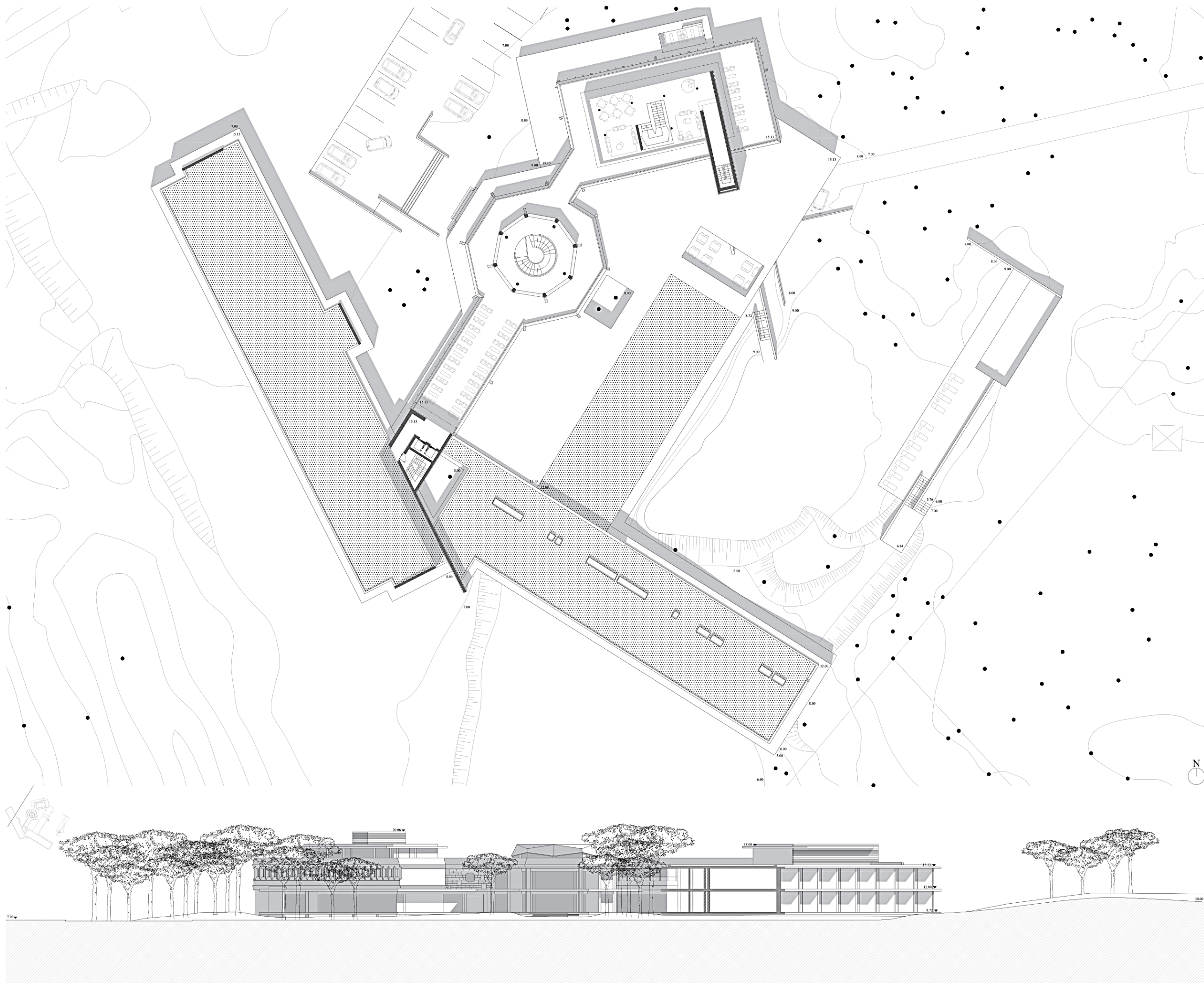
80. Planta do piso r/chão,
1:500.

81. Corte longitudinal,
sul, 1:500.



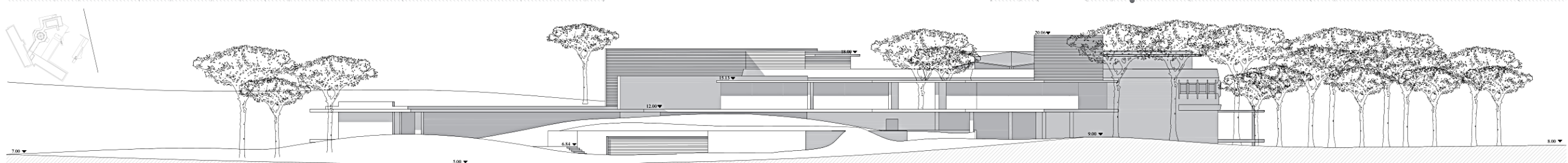
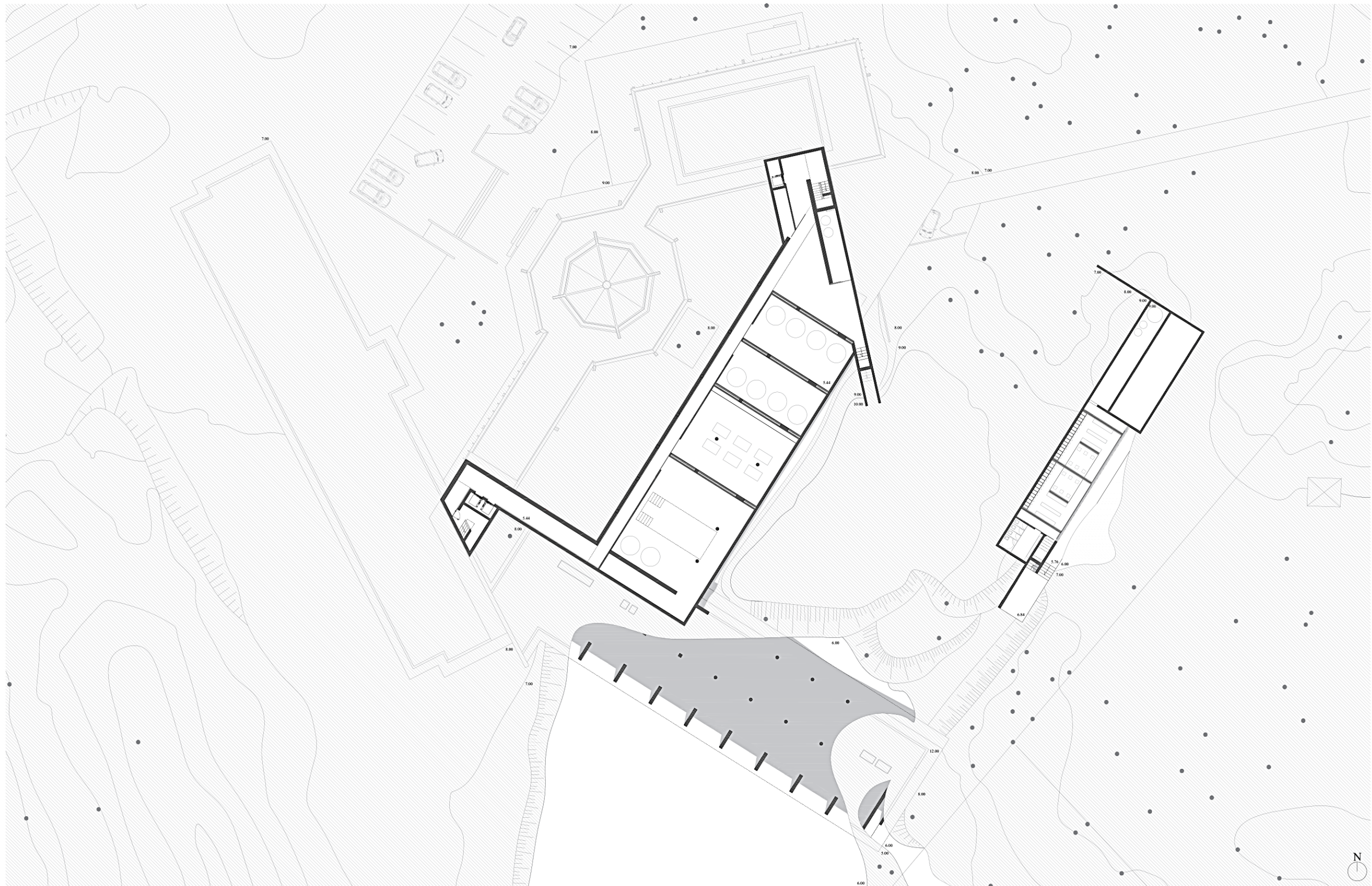
82. Planta do piso 1,
1:500.

83. Corte longitudinal,
poente, 1:500.



84. Planta do piso 2,
1:500.

85. Corte transversal pelo
volume de quartos,
norte, 1:500.



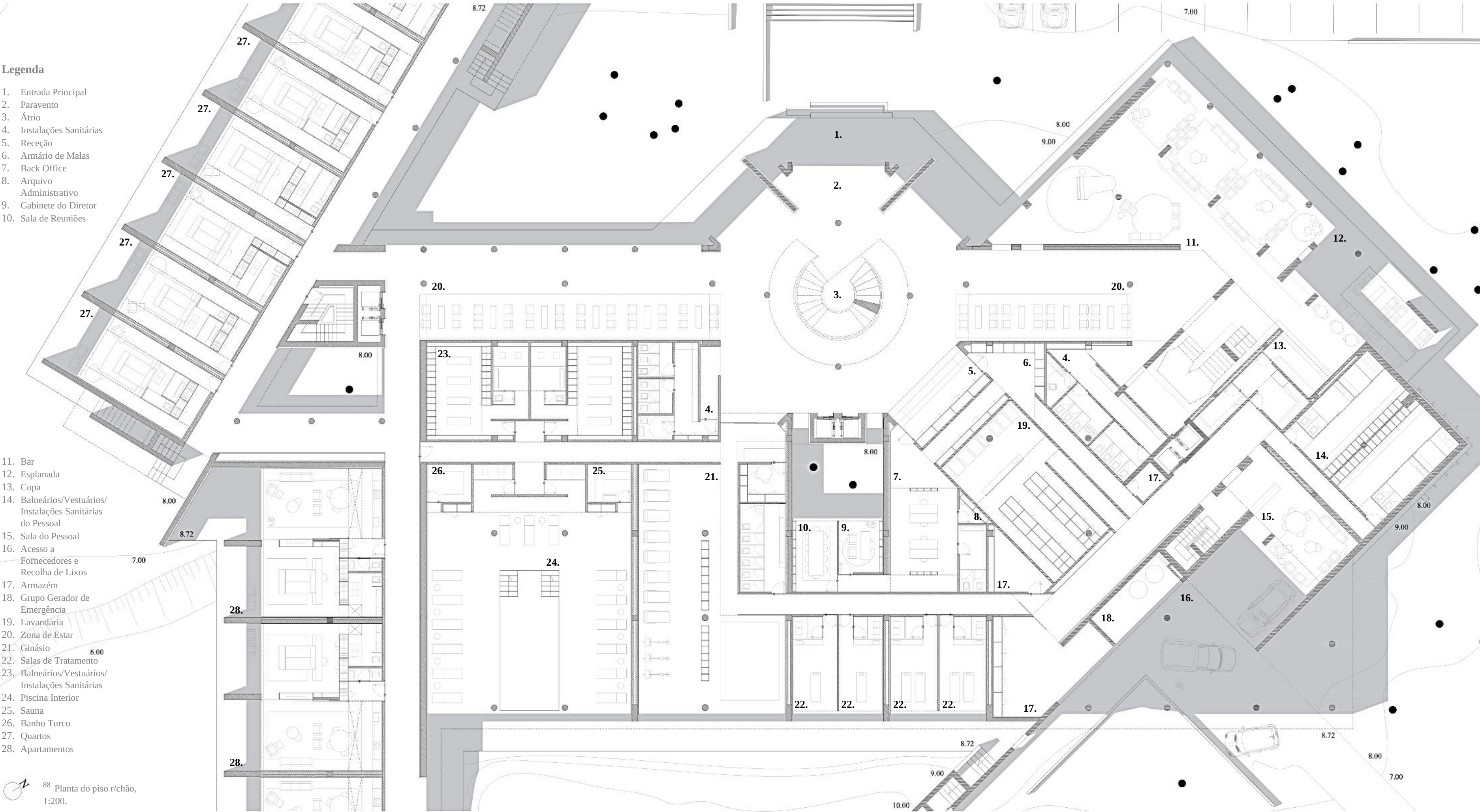
86. Planta do piso -1,
1:500

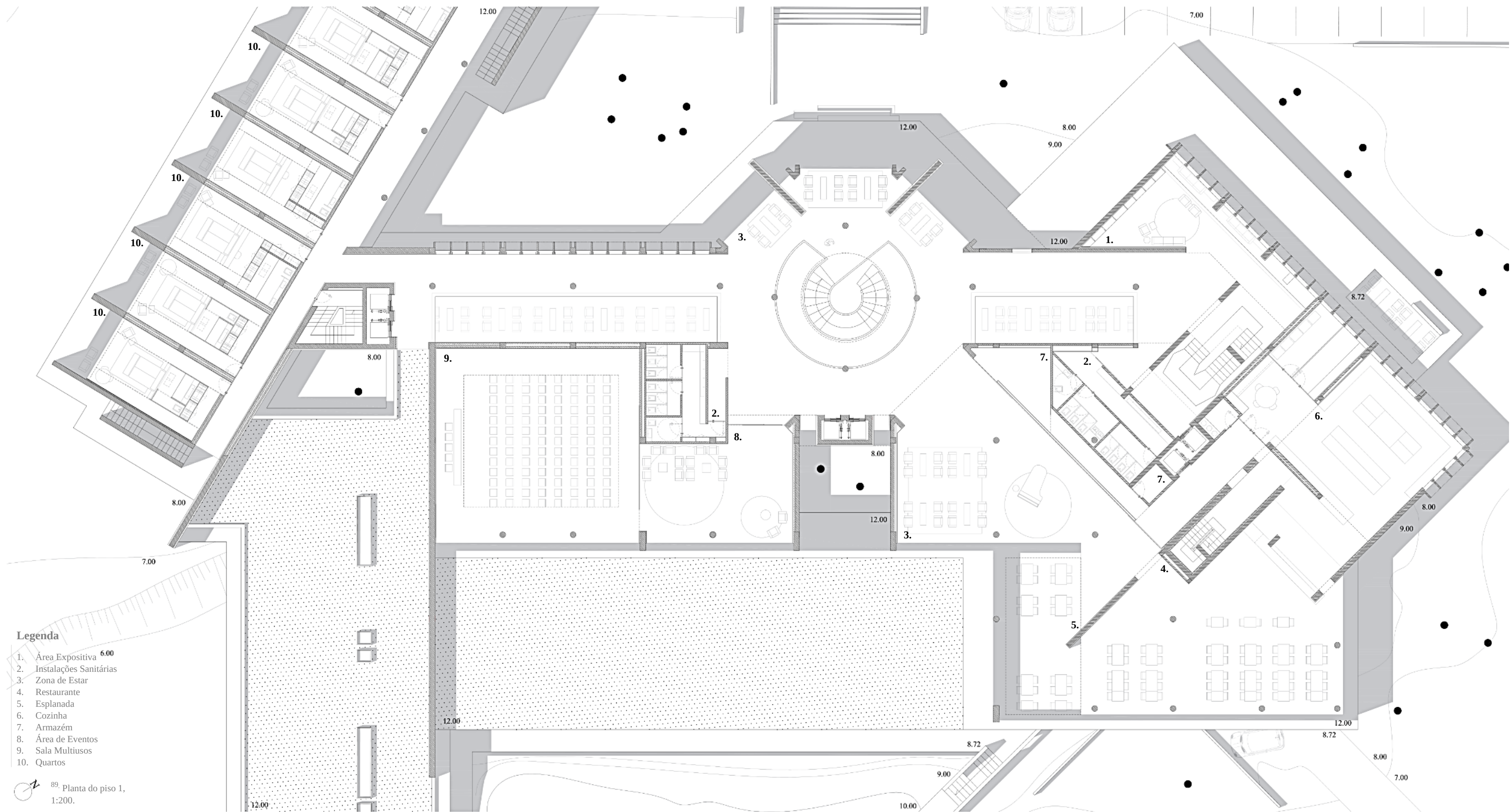
87. Corte transversal,
nascente, 1:500

Legenda

- 1. Entrada Principal
- 2. Paravento
- 3. Átrio
- 4. Instalações Sanitárias
- 5. Receção
- 6. Armário de Malas
- 7. Back Office
- 8. Arquivo
- Administrativo
- 9. Gabinete do Diretor
- 10. Sala de Reuniões

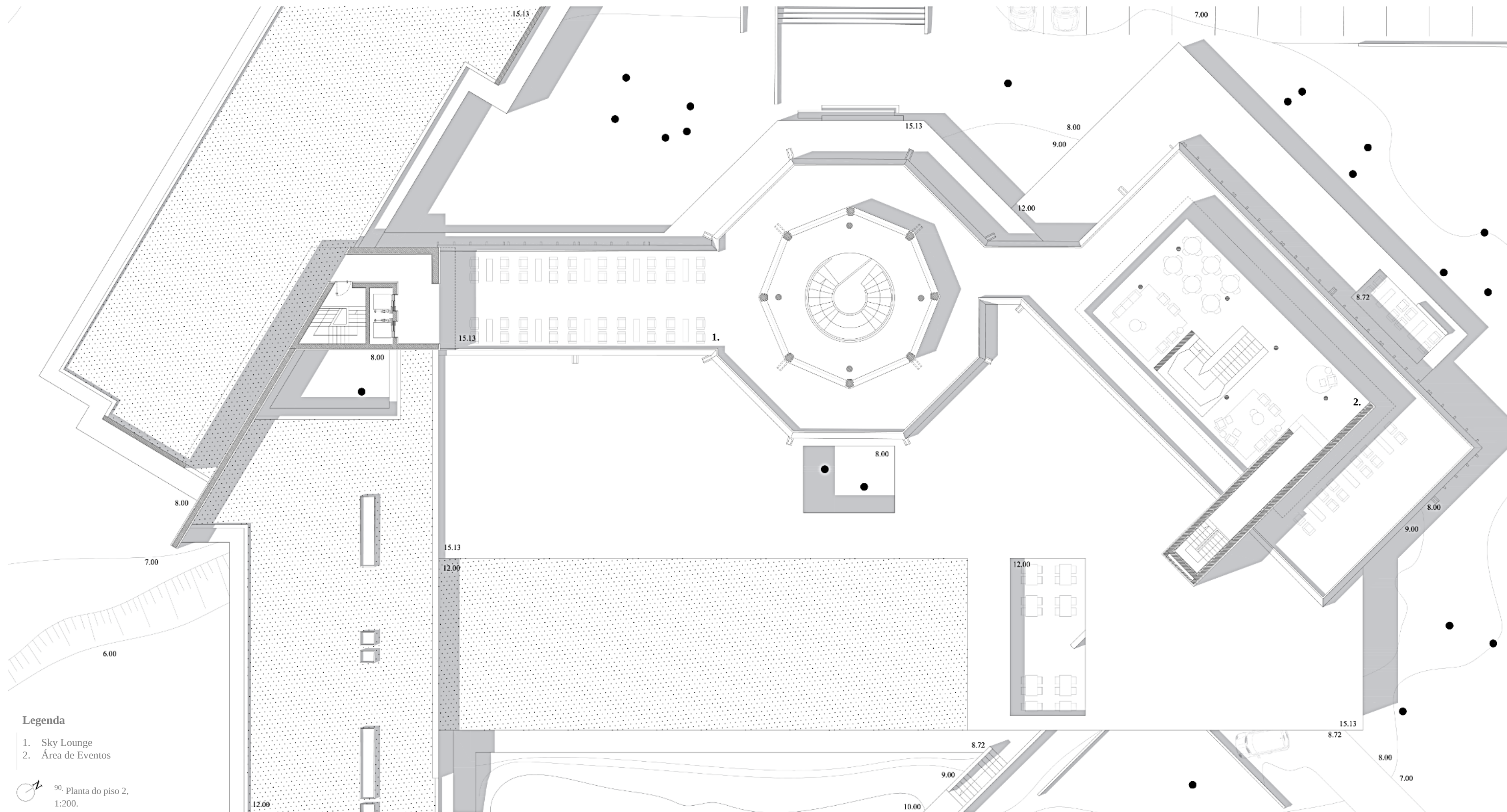
- 11. Bar
- 12. Esplanada
- 13. Copa
- 14. Balneários/Vestuários/Instalações Sanitárias do Pessoal
- 15. Sala do Pessoal
- 16. Acesso a Fornecedores e Recolha de Lixos
- 17. Armazém
- 18. Grupo Gerador de Emergência
- 19. Lavandária
- 20. Zona de Estar
- 21. Ginásio
- 22. Salas de Tratamento
- 23. Balneários/Vestuários/Instalações Sanitárias
- 24. Piscina Interior
- 25. Sauna
- 26. Banho Turco
- 27. Quartos
- 28. Apartamentos





Legenda

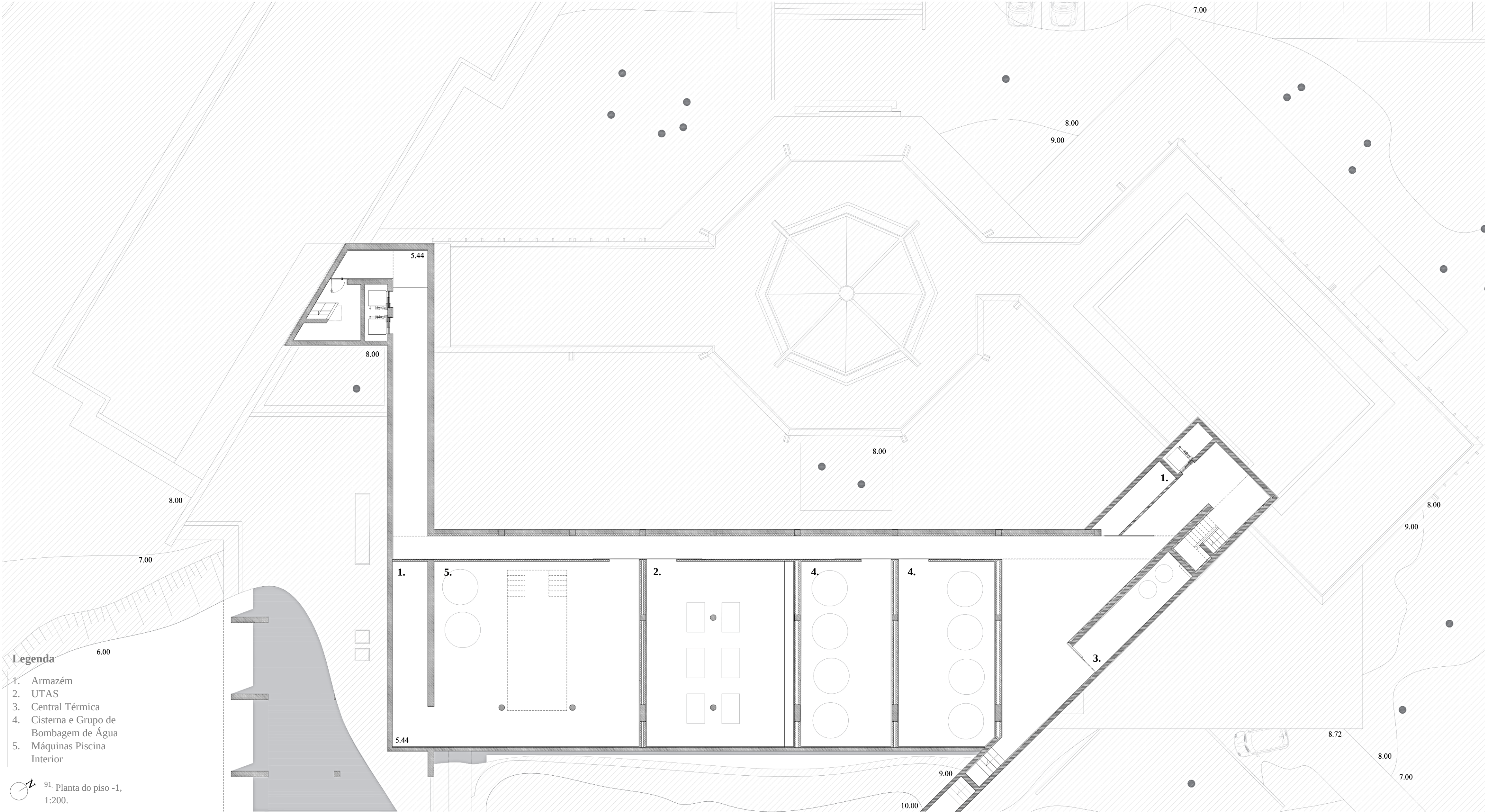
- 1. Área Expositiva 6.00
- 2. Instalações Sanitárias
- 3. Zona de Estar
- 4. Restaurante
- 5. Esplanada
- 6. Cozinha
- 7. Armazém
- 8. Área de Eventos
- 9. Sala Multiusos
- 10. Quartos



Legenda

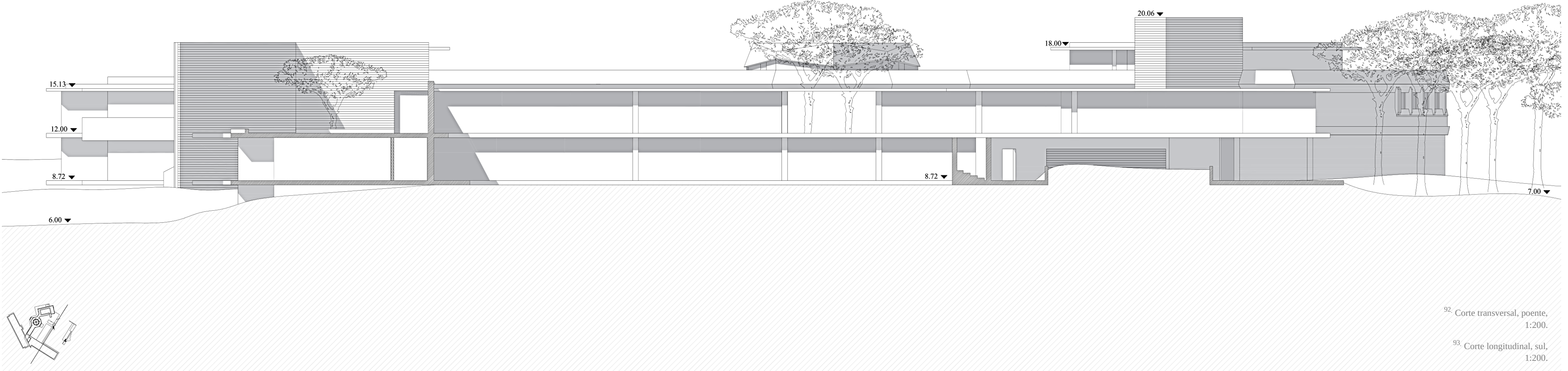
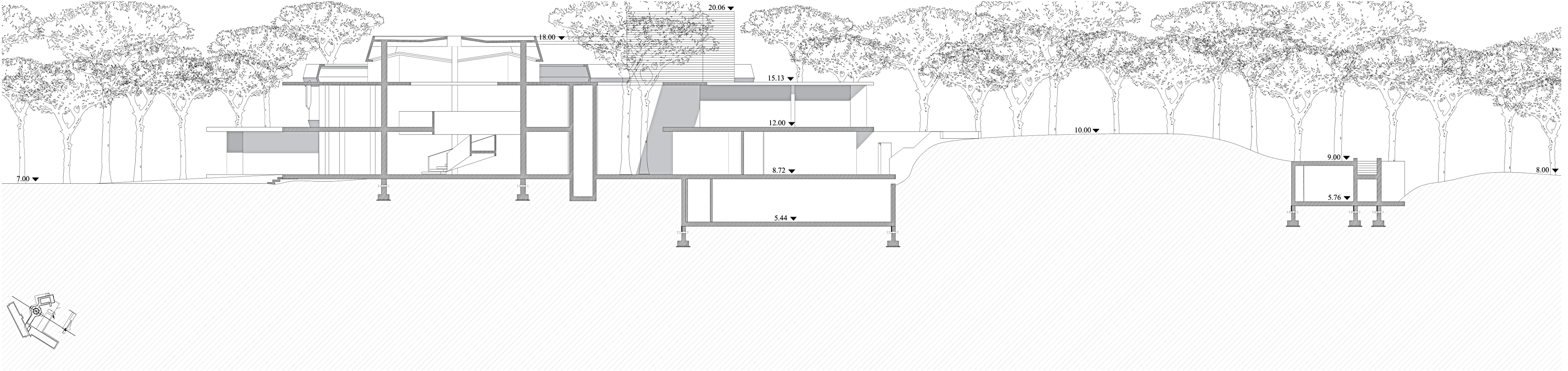
1. Sky Lounge
2. Área de Eventos

 90. Planta do piso 2,
1:200.



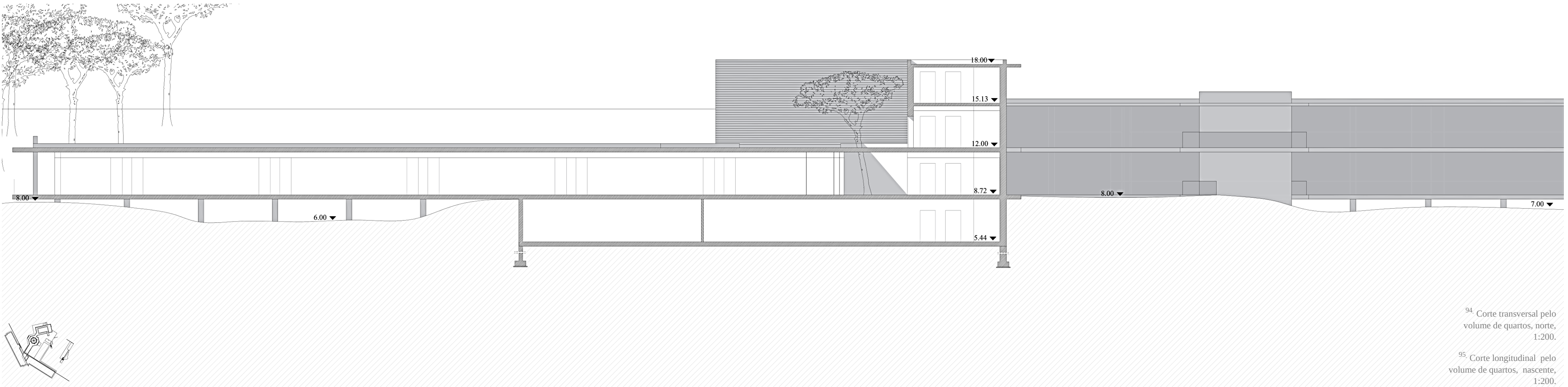
- Legenda**
- 1. Armazém
 - 2. UTAS
 - 3. Central Térmica
 - 4. Cisterna e Grupo de Bombagem de Água
 - 5. Máquinas Piscina Interior

91. Planta do piso -1,
1:200.



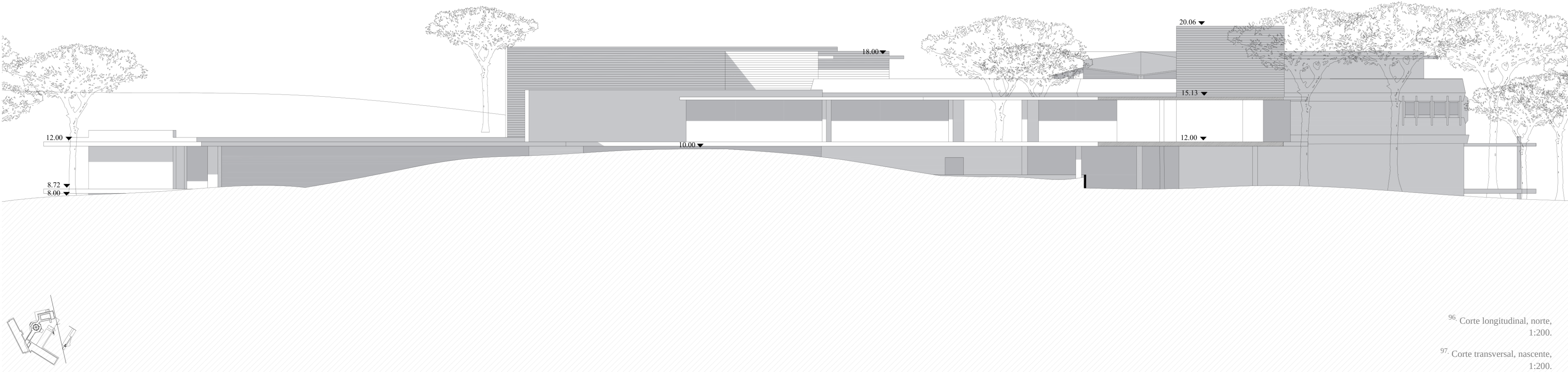
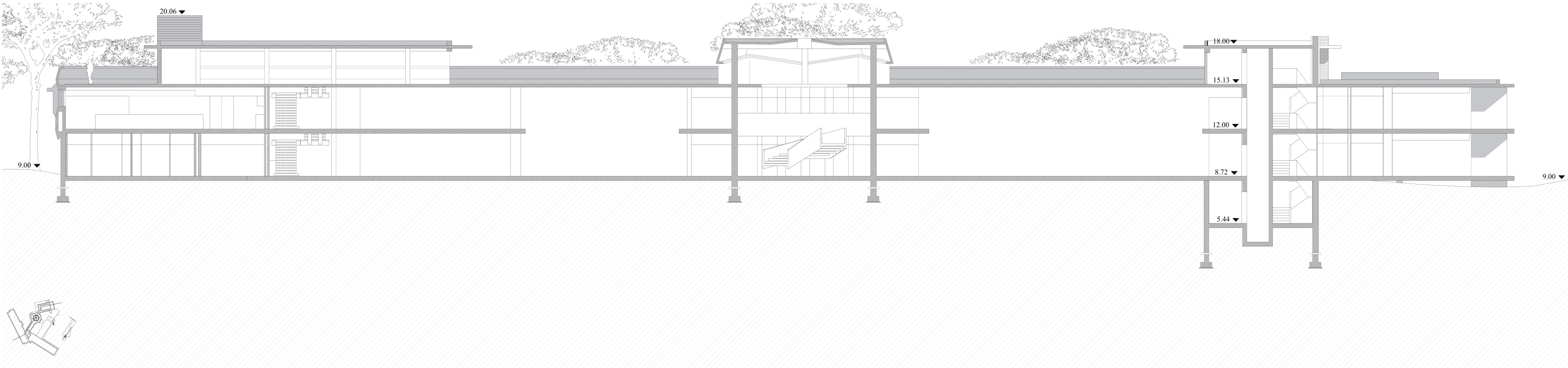
⁹² Corte transversal, poente,
1:200.

⁹³ Corte longitudinal, sul,
1:200.



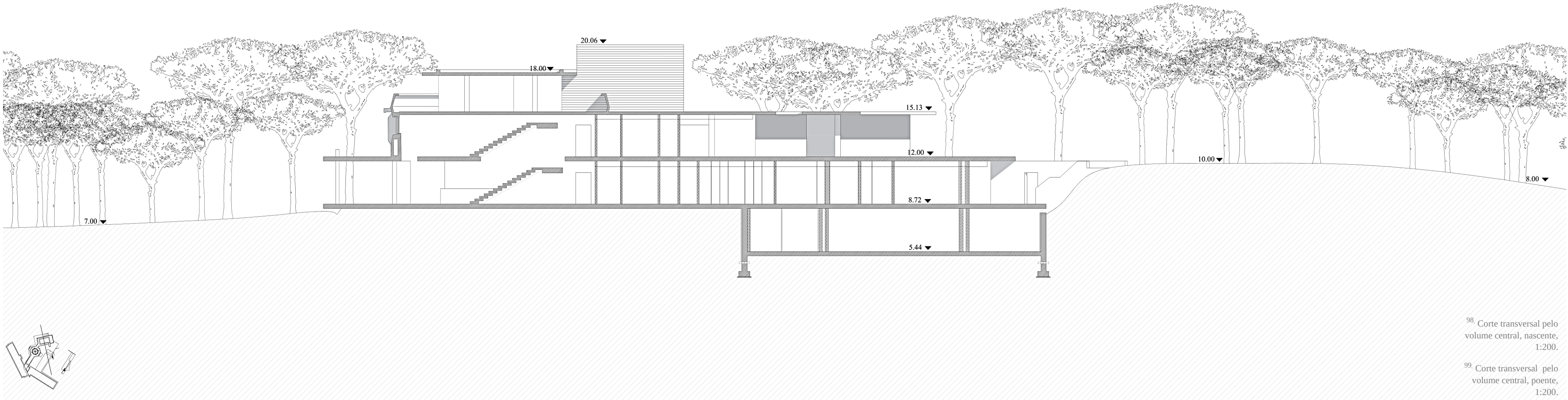
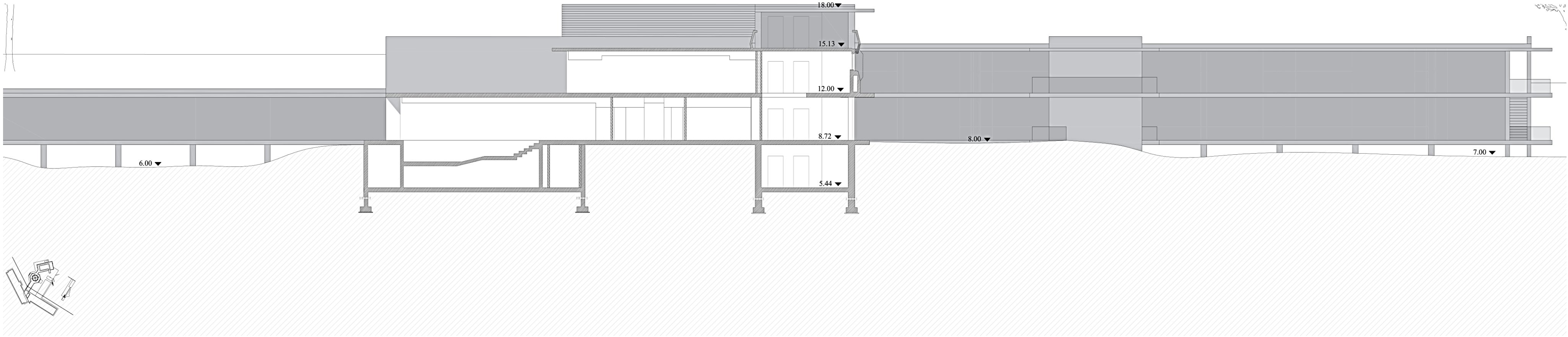
⁹⁴ Corte transversal pelo volume de quartos, norte, 1:200.

⁹⁵ Corte longitudinal pelo volume de quartos, nascente, 1:200.



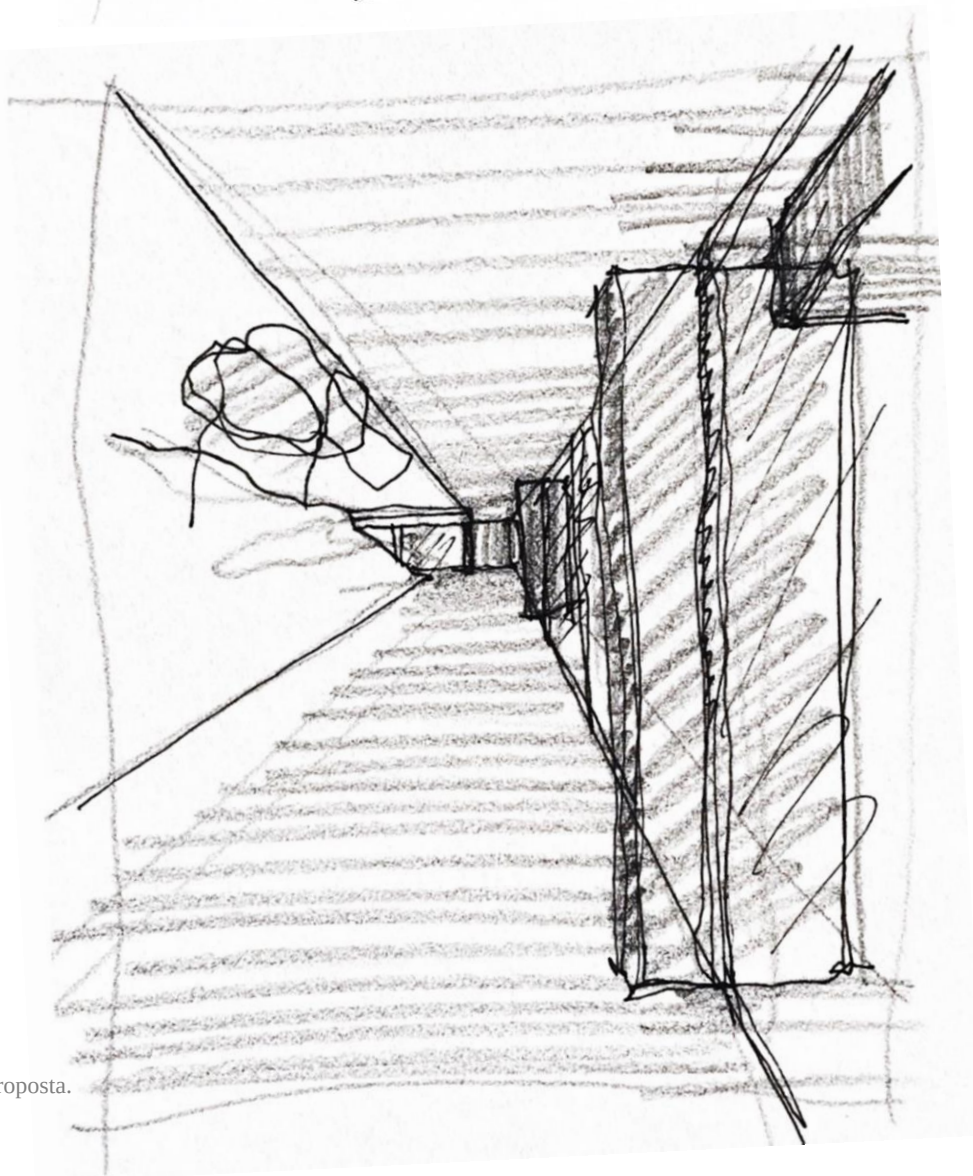
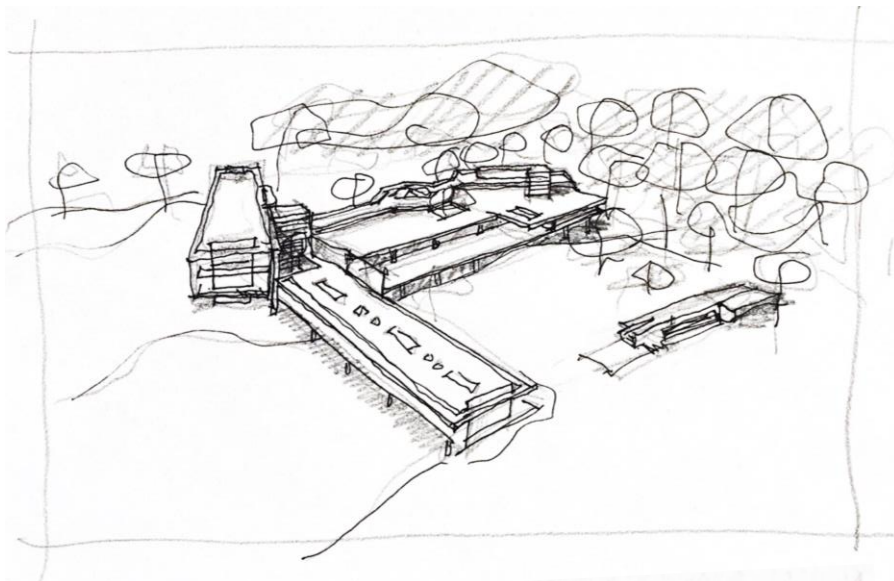
96. Corte longitudinal, norte,
1:200.

97. Corte transversal, nascente,
1:200.

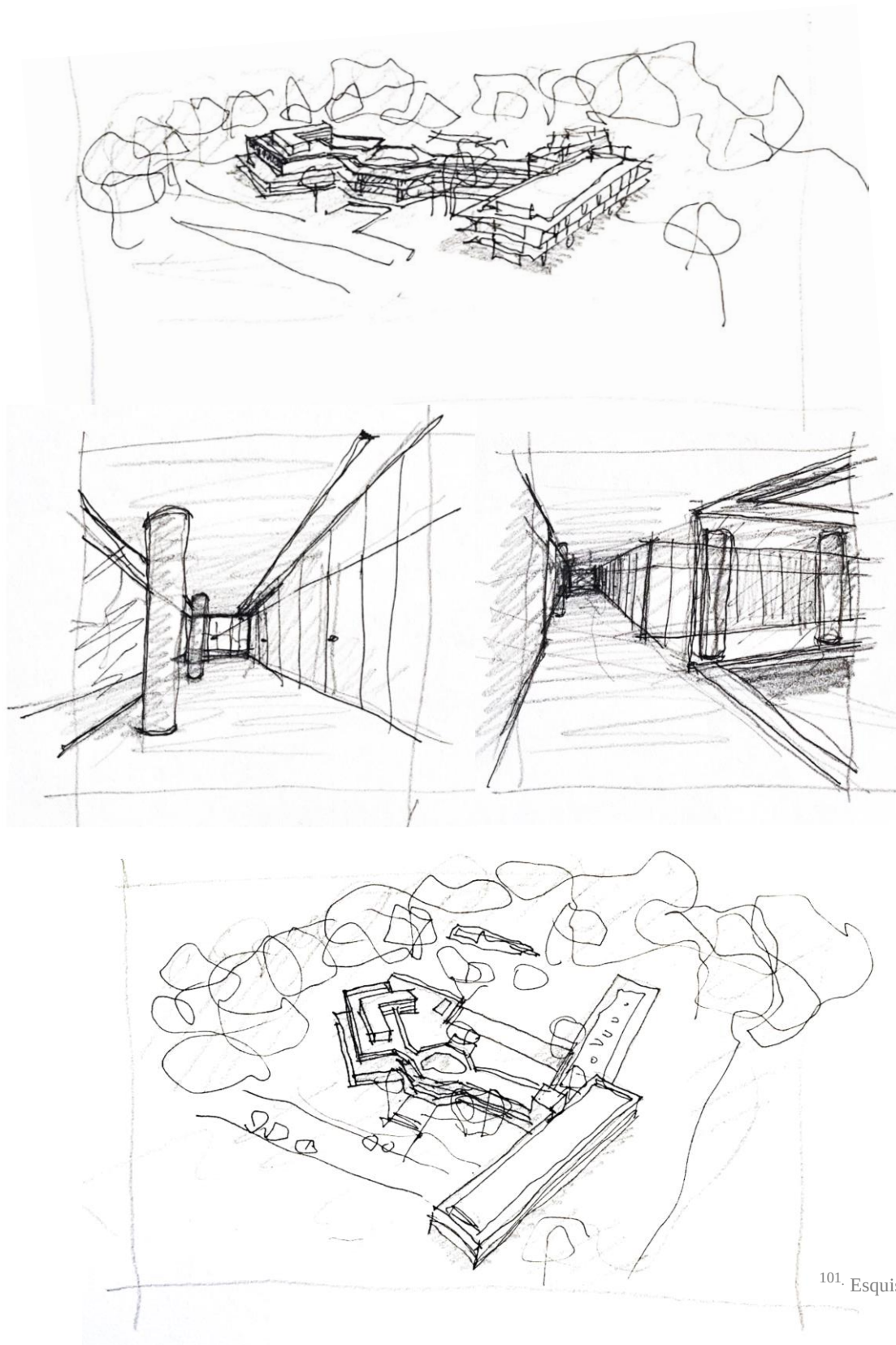


importante para a funcionalidade do projeto. Além das esplanadas do bar e restaurante, existem percursos que ligam as várias zonas do projeto ao terreno. Um primeiro percurso está desenhado paralelamente ao envidraçado que ilumina a área do bem-estar. Com isto, criou-se um percurso de ligação direta à zona de apartamentos, à piscina exterior e à praia. Chegando à piscina exterior, localizada num ponto de fechamento do desenho do projeto, encontra-se, num mesmo volume, os balneários externos. Este elemento foi desenhado longe do edificado, uma vez que o relevante é a presença do natural com a proposta, e que esta esteja embutida no terreno e não o terreno embutida nela. Assim, consegue criar-se nos hóspedes uma ligação com o meio natural, dando privacidade a quem está na piscina. Com isto, um elemento de destaque é o *sky lounge*. Este encontra-se na cobertura da antiga estrutura do Complexo, que foi mantida, para de forma a que a vista para o mar não se perdesse, uma vez que é possível observar o pôr-do-sol, sendo um ótimo espaço para bar, eventos e lazer. Com isto, consegue ver-se as várias coberturas ajardinadas que o edifício dispõe.

Assim, foi formulado um conjunto coerente que se interliga com o todo e a parte, de forma a que o antigo seja aproveitado e conservado, mantendo a memória viva do Luziamar embutida nas suas paredes de um outro tempo, combinadas com as paredes do presente.



100. Esquissos da proposta.



¹⁰¹. Esquissos da proposta.

O Quarto

⁴⁴ TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, FAUP publicações, 2006. p. 12

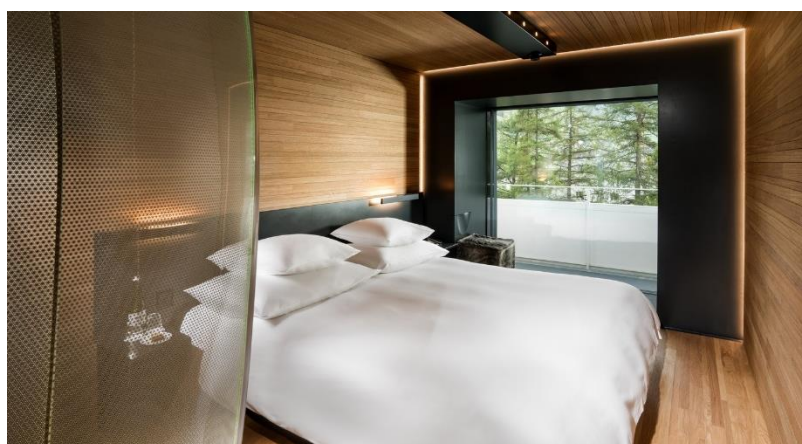
“Visualmente, portanto, poderemos considerar que as formas animam o espaço e dele vivem, mas não deverá nunca esquecer-se que, num conceito mais real, o mesmo espaço constitui igualmente forma, até porque aquilo a que chamamos espaço é constituído por matéria e não apenas as formas que nele existem e o ocupam, como os nossos olhos deixam supor.”⁴⁴.

A questão do detalhe interior é muito importante para a definição de determinado projeto. Todo o programa de um Hotel-Aparthotel requer a sua devida atenção, contudo, nesta presente dissertação, a questão do quarto/apartamento é a zona que necessita de um maior estudo e perícia, quanto ao detalhe do seu interior. Uma vez que é destinado ao acolhimento dos hóspedes, um dos locais mais relevantes deste tipo de programa, percebeu-se que o seu espaço deveria ser diversificado, para que a variedade de escolha fosse maior.

O aparecimento, tanto do quarto como do apartamento, consegue diferenciar este projeto. O quarto é um elemento de estar, com as várias comodidades que um hotel oferece, em que o hóspede poderá permanecer por um período de tempo, mais ou menos longo. O apartamento é um outro elemento que vem demarcar este carácter de hotel. Neste cómodo, uma família poderá usufruir de um espaço com outras valências, possibilitando uma comodidade mais abrangente como é o caso da possibilidade de confeccionar as suas próprias refeições, desfrutando, também, do que o hotel tem a oferecer.

A materialidade do espaço é um fator bastante importante quanto ao estudo do quarto, ou seja, os materiais conseguem transmitir ao ser humano uma variedade de sensações, sendo que a materialidade consegue dar uma nova identidade a um lugar. Desta forma, ao serem estudadas tanto as espacialidades como as materialidades que um espaço oferece, consegue fazer-se com que este se demarque de um todo.

Um exemplo desta ideia refletiu-se no Hotel 7132, na Suíça, em que vários arquitetos, como Thom Mayne, Tadao Ando, Kengo Kuma e Peter Zumthor, desenharam um quarto, concedendo ao hotel uma diversidade de sensações para os hóspedes. Thom Mayer desenhou quatro suítes, em que revestiu, duas delas, inteiramente com madeira e, as outras duas, com pedra. Tadao Ando projetou um quarto, também com madeira, em memória das casas de chá do Japão. Kengo Kuma revestiu um quarto inteiramente a madeira, denominando-o “*casulo de carvalho*”, que lembra as construções japonesas. Já, Peter Zumthor revestiu um quarto com uma argamassa escura, alusiva à época do renascimento italiano.

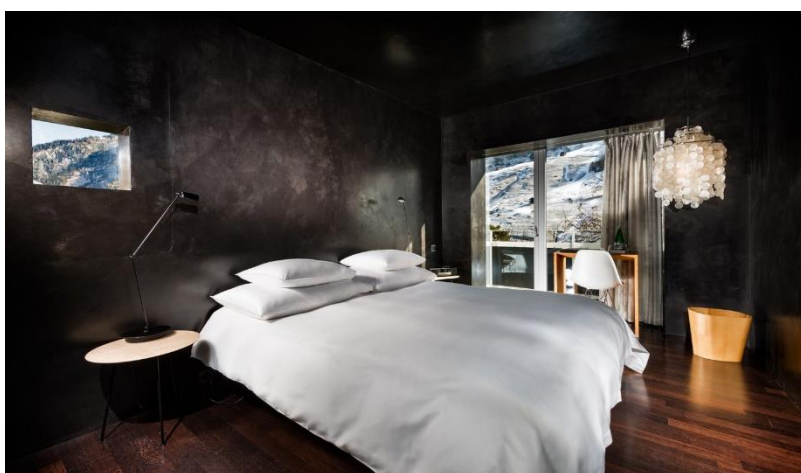


102. Thom Mayne, suíte revestida a pedra, nº1.

103. Thom Mayne, suíte revestida a pedra, nº2.

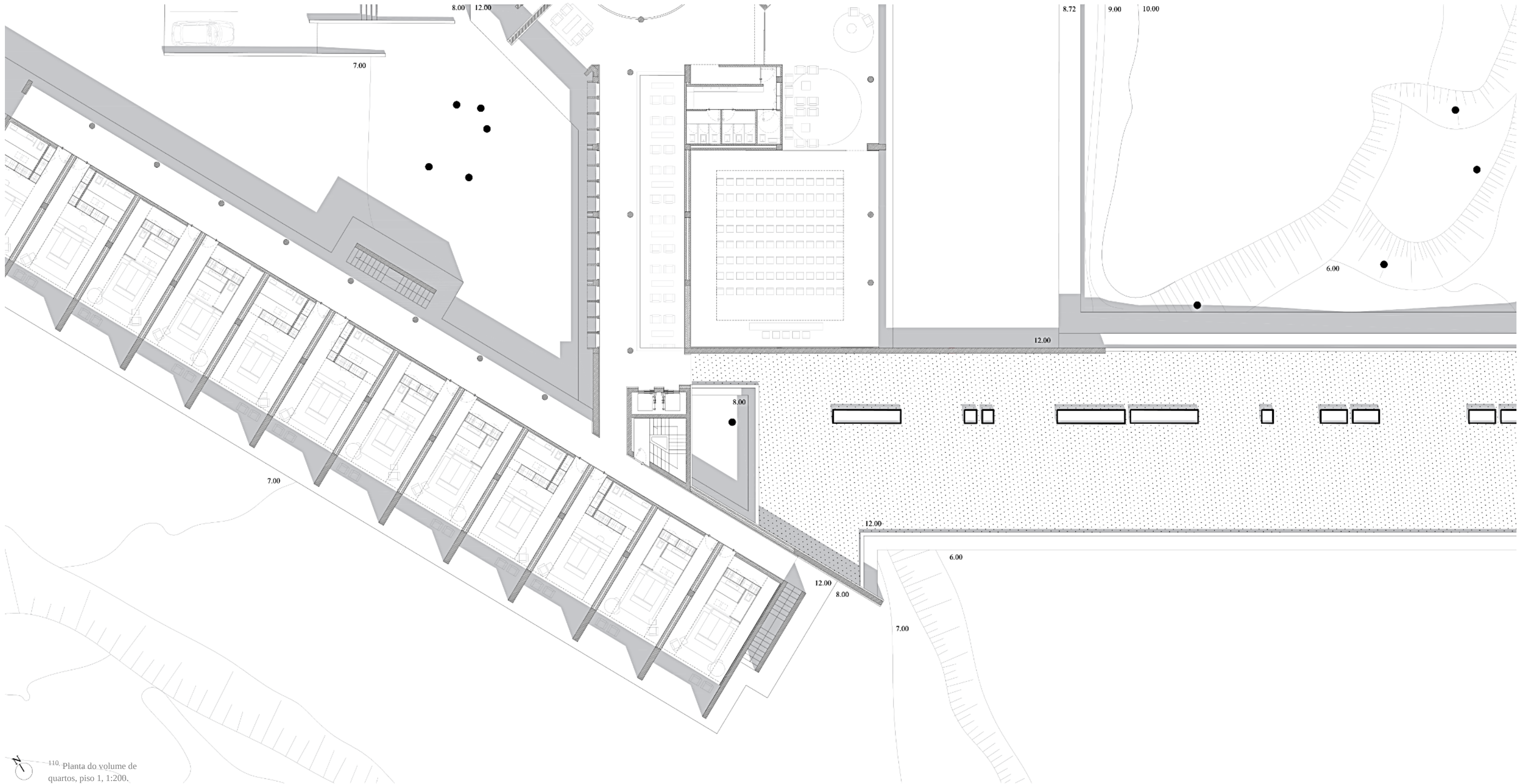
104. Thom Mayne, suíte revestida a madeira, nº3.

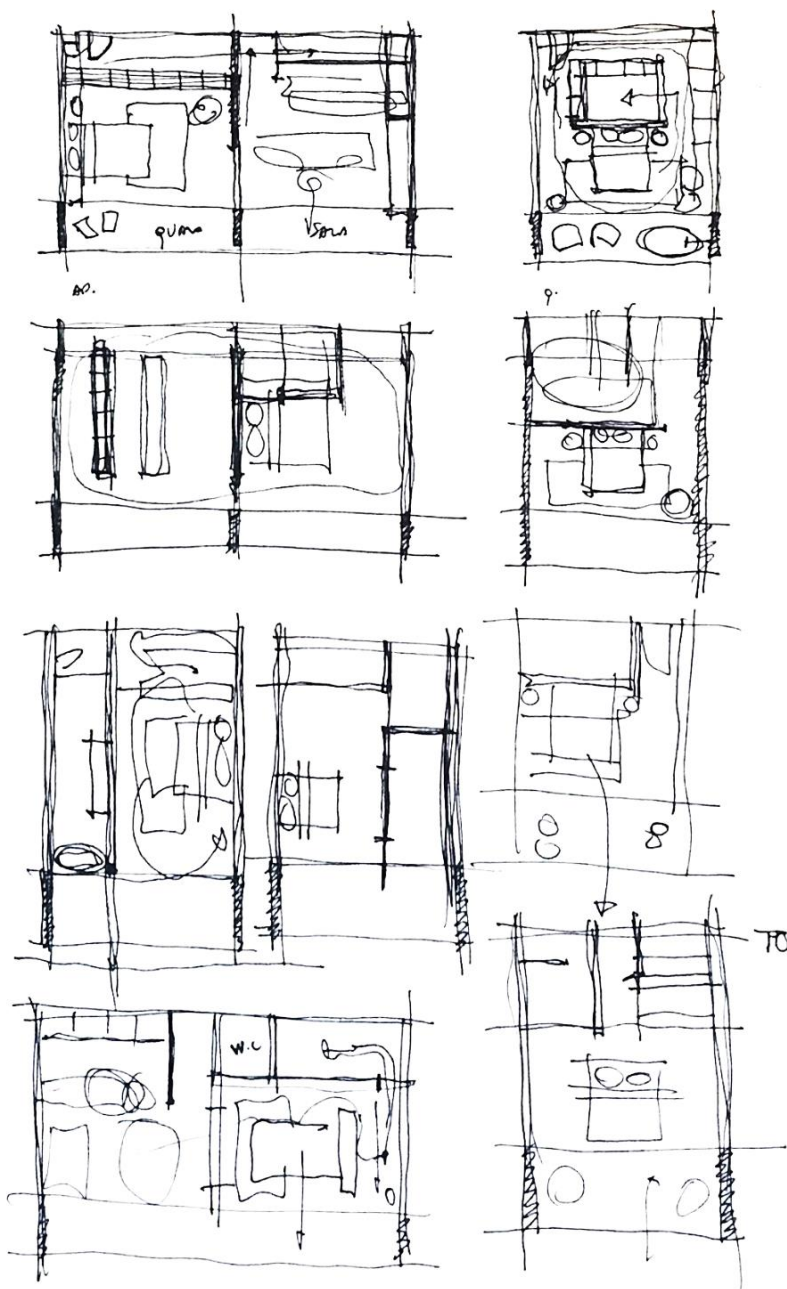
105. Thom Mayne, suíte revestida a madeira, nº4.



- 106. Tadao Ando, quarto
revestido a madeira.
- 107. Kengo Kuma, quarto
revestido a madeira.
- 108. Peter Zumthor, quarto
revestido a argamassa
escura.







111. Esboço do estudo do quarto e apartamento.

⁴⁵ NEUFERT, Ernst, *Arte de projetar em arquitetura*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2013. p. 183

Neste projeto, do Hotel-Aparthotel Luziamar, a questão do quarto foi observada como um espaço individual de cada hóspede, considerando-o um dos pontos-chave para o bom funcionamento de um hotel.

Ao ser projetado o edifício, pensou-se que este tivesse uma particularidade relativamente à contextualização do quarto, que não é muito comum nos hotéis da cidade. Com isto, o projeto levou a que houvesse um estudo em volta do quarto e do apartamento. Esta questão aborda vários temas, como é o caso da espacialidade, da materialidade e da funcionalidade do espaço.

O Quarto

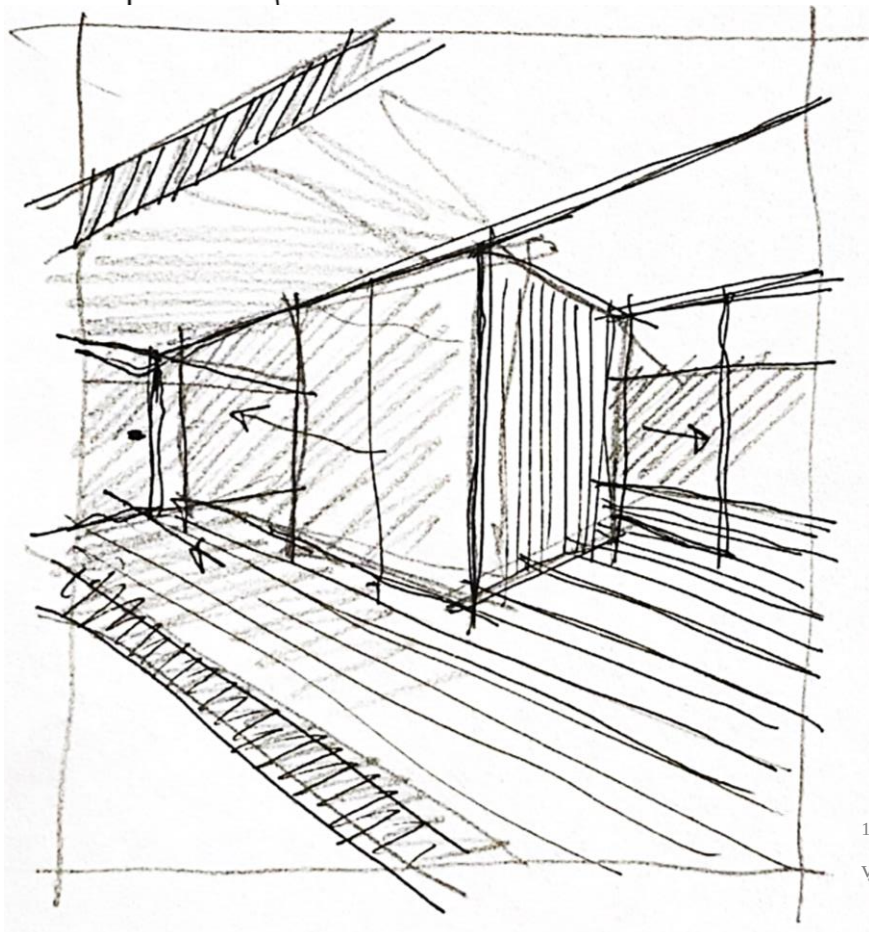
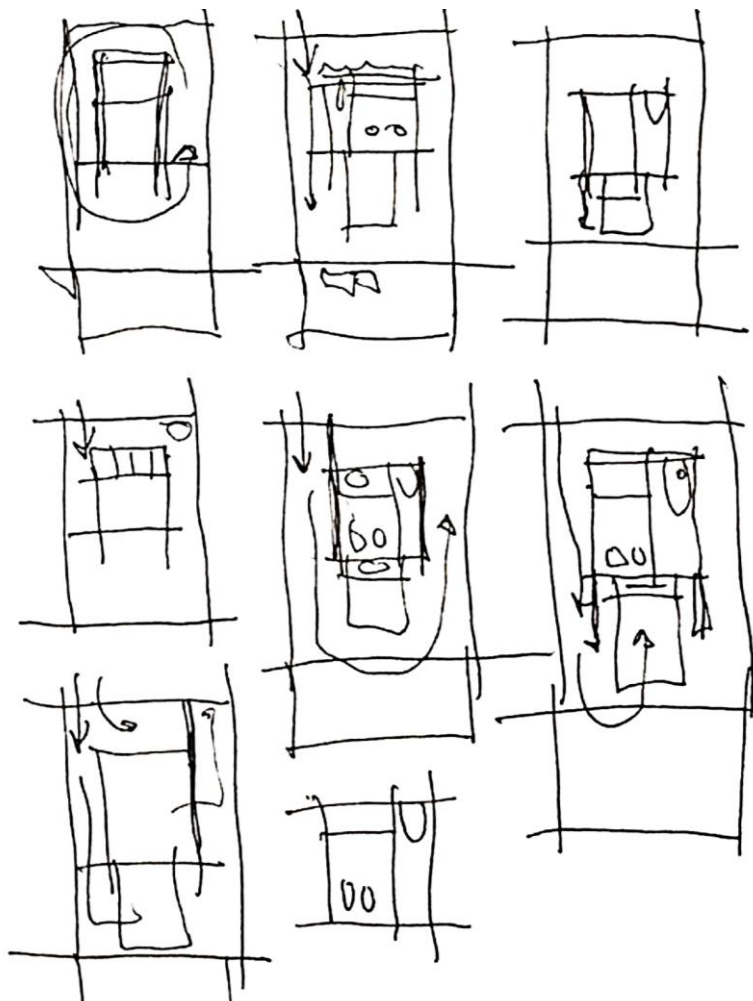
O desenho do quarto, primeiramente, resultou num esquisso rápido para se perceber de que forma seria a sua disposição. O volume dedicado aos quartos está dividido em secções de 50m² de área, um tamanho que está dentro da categoria do hotel *First Class*⁴⁵. Isto, contando com uma grande varanda, a toda a largura do quarto, com uma esplendida vista sobre a duna.

Criaram-se duas tipologias de quartos, colocando em questão o estudo de uma possível forma para estes aposentos. A espacialidade de determinado espaço pode criar no observador várias sensações, sendo essa uma das finalidades que pretendemos embutir neste projeto.

Um primeiro quarto, com 50m², está desenhado através de um elemento central, onde são demarcados todos os elementos que um quarto dispõe, com armários, casa de banho e cama. Neste pensou-se numa espacialidade remetida à centralidade de um volume, para deixar o quarto respirar, desenhando um percurso em volta do mesmo, que contém várias funções, isto é, através destes tem-se acesso a diferentes partes da casa de banho, de forma a conseguir adaptar, esta, a pessoas com mobilidade condicionada. Isto justifica-se com o desenho dos painéis que fazem de porta, possibilitando o movimento destes, abrindo a casa de banho por inteiro, seccionando as outras partes do quarto, zona de armários e cama, o que possibilita a flexibilidade do espaço, transformando-o noutro.

A cama encontra-se de frente para a grande janela, que dá acesso à varanda, possibilitando o contacto visual com o exterior e a essência do terreno. Assim, o hóspede consegue ter uma contemplação da paisagem, mesmo estando deitado, uma vez que a guarda da varanda é desenhada por um vidro.

A arrumação está associada ao *hall* de entrada. Neste espaço, poderá criar-se um *closet*, ao moverem-se os painéis e, assim, uma área mais resguardada nasce dentro de um espaço que é desenhado para se movimentar, possibilitando inúmeras combinações do cómodo.



112. Estudo do quarto do volume central.

O segundo quarto, igualmente com 50m², foi desenhado sobre a base do típico quarto de hotel. Neste, a entrada é feita por um pequeno *hall* com armários, que dá ligação à restante área do quarto.

A casa de banho está disposta no volume que desenha o *hall*, sendo que o seu acesso é feito após percorrer o quarto transversalmente, tornando esta resguardada da zona de entrada.

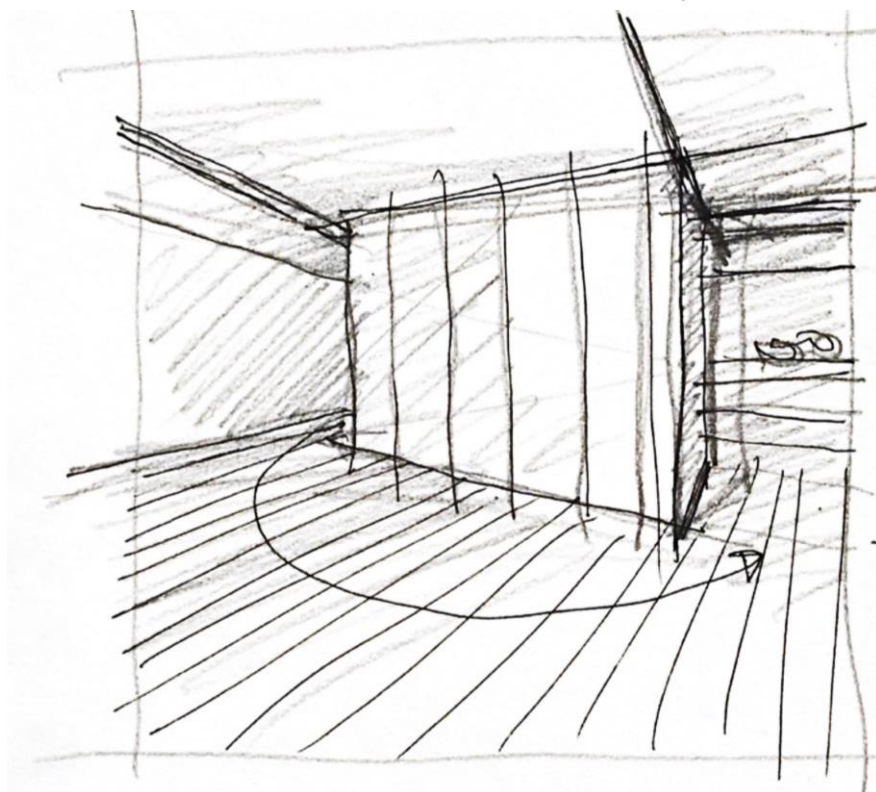
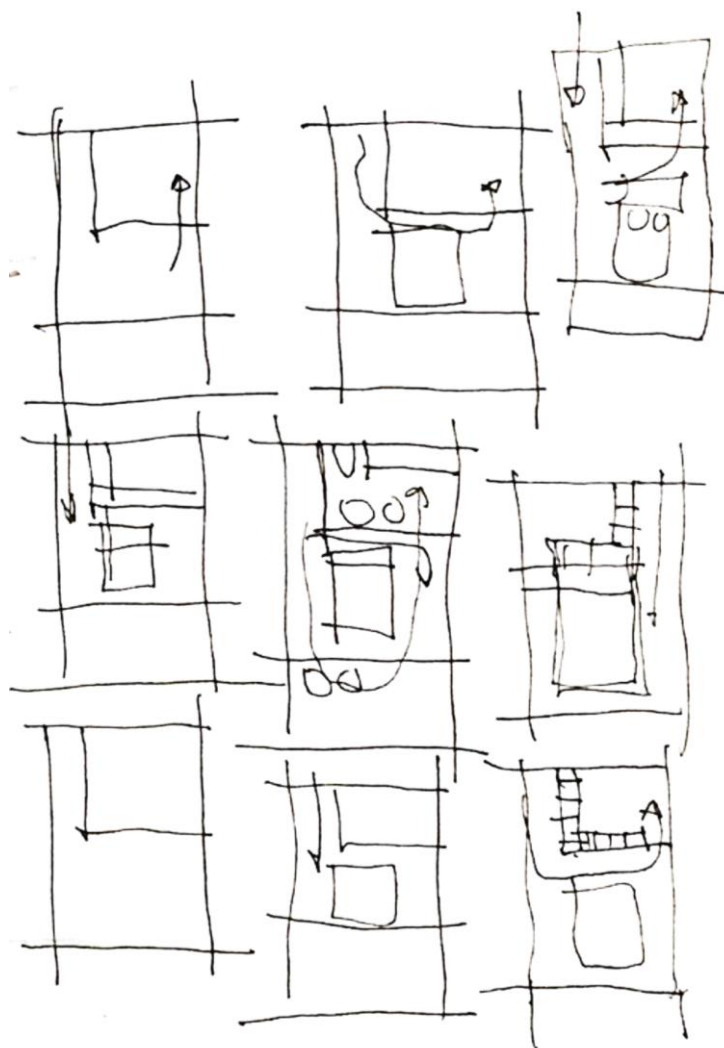
A cama foi igualmente desenhada de frente para a grande janela, que dá acesso à varanda. Neste cómodo, a secretária serve de cabeceira da cama, para que o hóspede tenha uma vista sobre a paisagem, enquanto trabalha.

Estas duas tipologias de quarto têm um desenho completamente diferente, mas quanto às materialidades, estes conseguem constituir sensações diferentes, quanto a texturas, a cheiros, a cores que desenharam o espaço. Com isto, pensou-se em reproduzir estes cómodos com diferentes materialidades, tal como o exemplo anteriormente referido, Hotel 7132, contudo alusivo à linguagem arquitetónica de vários arquitetos conhecidos. Conseguindo, assim, aumentar o saber de quem usufrui deste espaço, levando-o a conhecer vários modos de arquitetar o interior de um edifício.

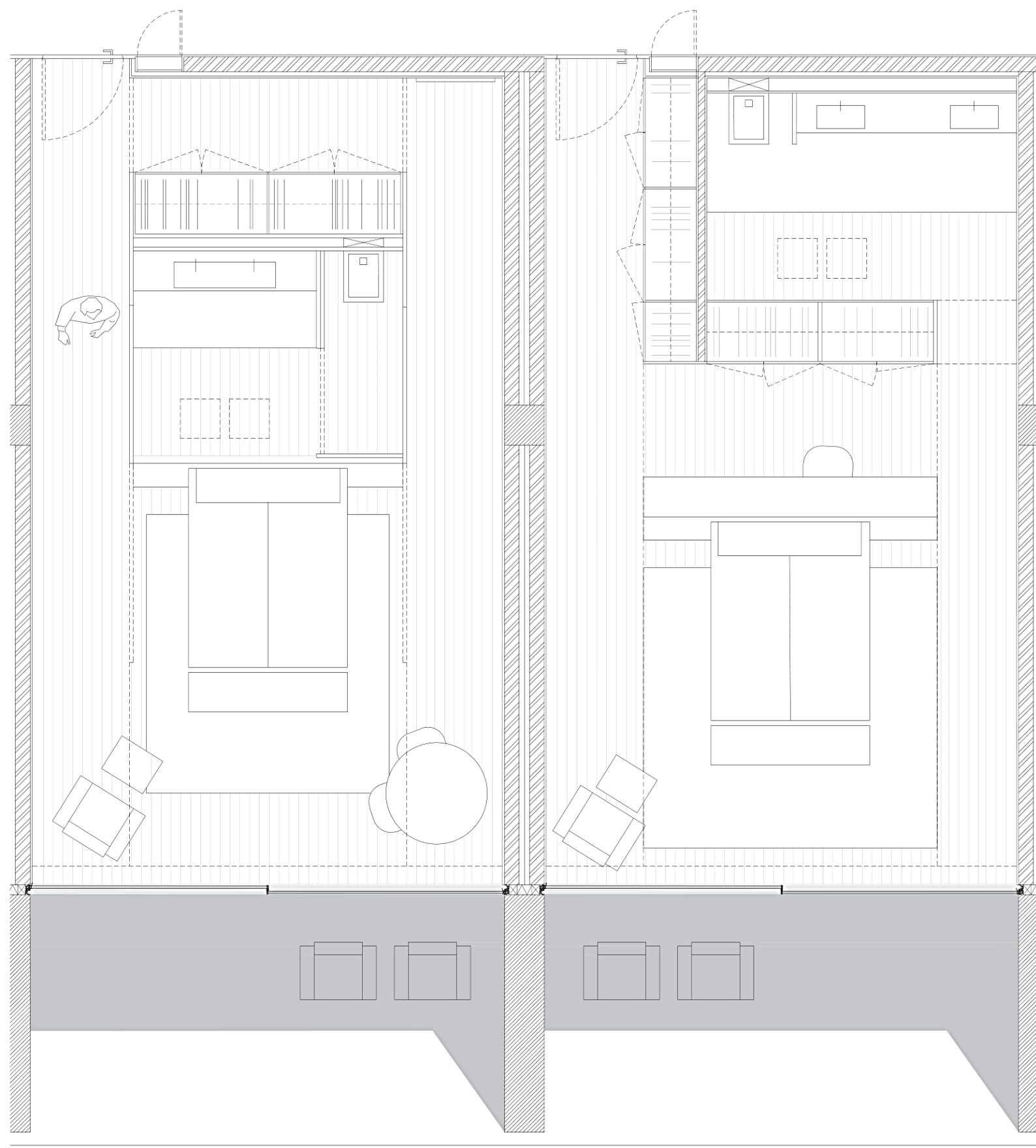
Um dos quartos mais pensados, definido como tipo, foi alusivo ao arquiteto Alvar Aalto. Neste criou-se uma identidade como a que encontramos na Maison Louis Carré, em que Aalto usa o taco de madeira para definir as formas e alinhamentos do chão, as paredes rebocadas a branco e o teto de madeira em que existe um nicho para diferenciar as alturas do espaço. Neste interior, conseguimos perceber um equilíbrio dos tons alusivos à essência da arquitetura nórdica que Aalto seguia.

Outros quartos foram pensados sobre o desenho de arquitetos como é o caso de Tadao Ando, o uso do betão e das suas texturas, assim como Marcio Kogan, o uso do transversal, da madeira nas paredes e do betão no chão e teto.

Portanto, explorando novas formas de desenhar os interiores, estudamos os arquitetos do nosso tempo, sugerindo um melhor aproveitamento de um espaço singular.



113. Estudo do quarto do volume lateral.

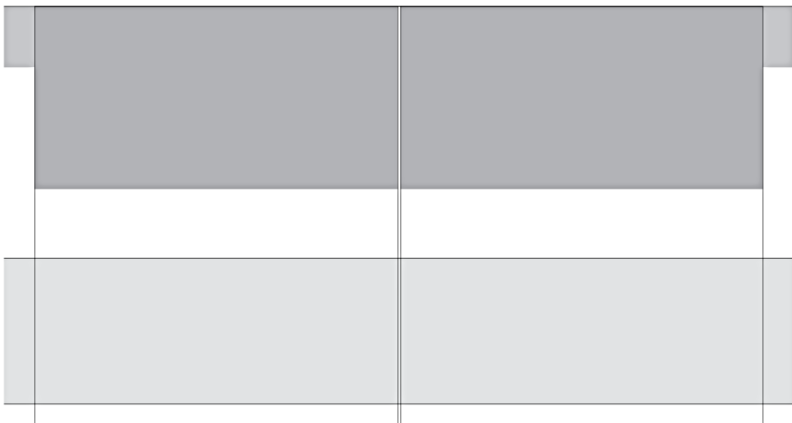
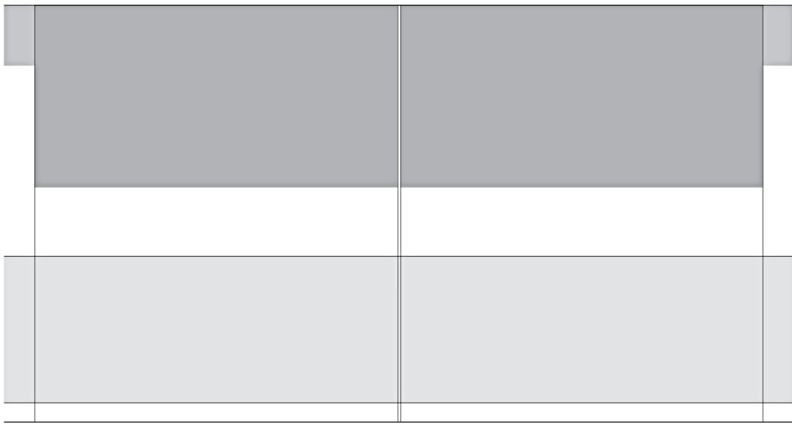
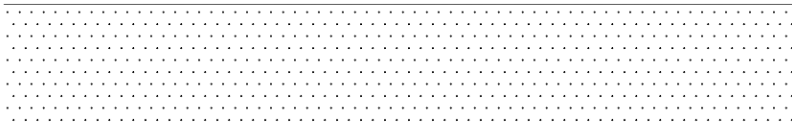
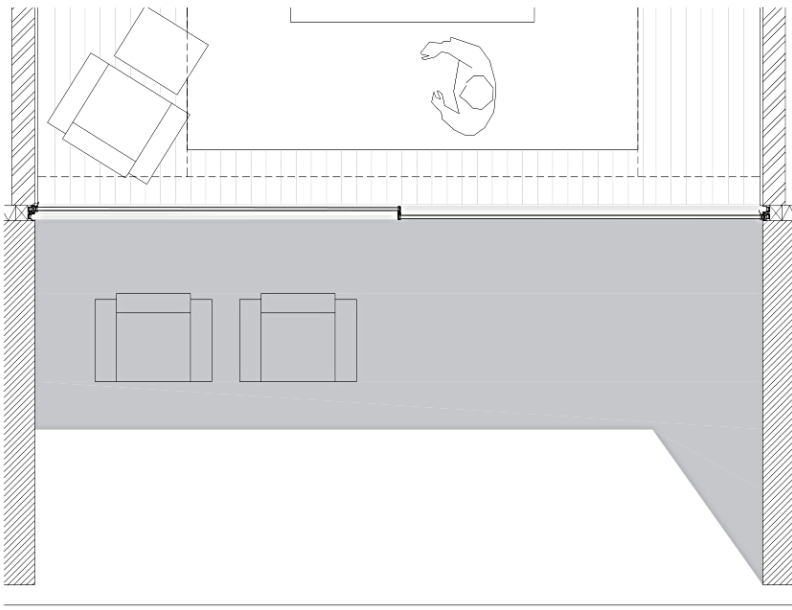
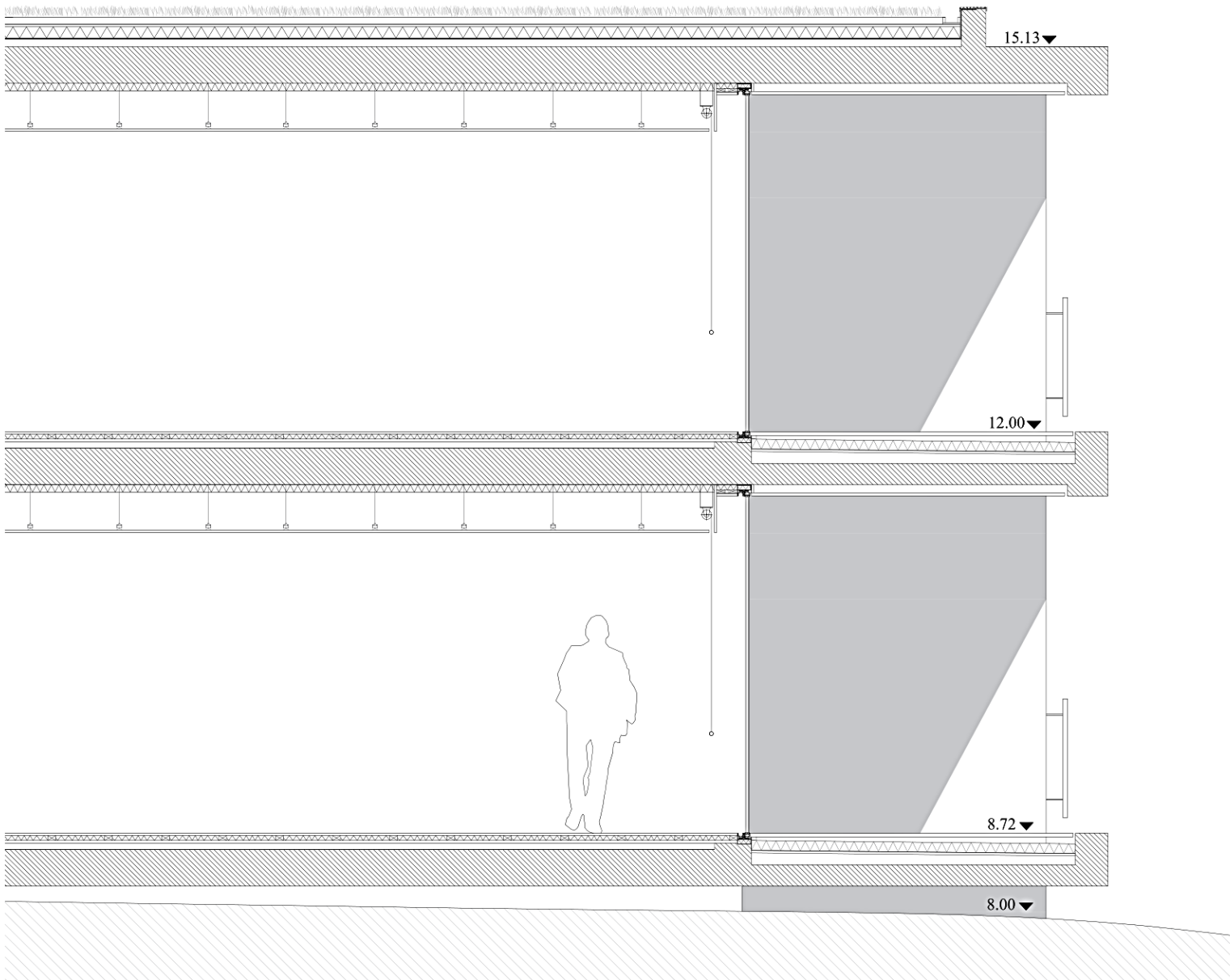
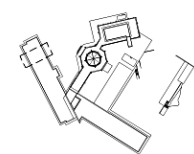


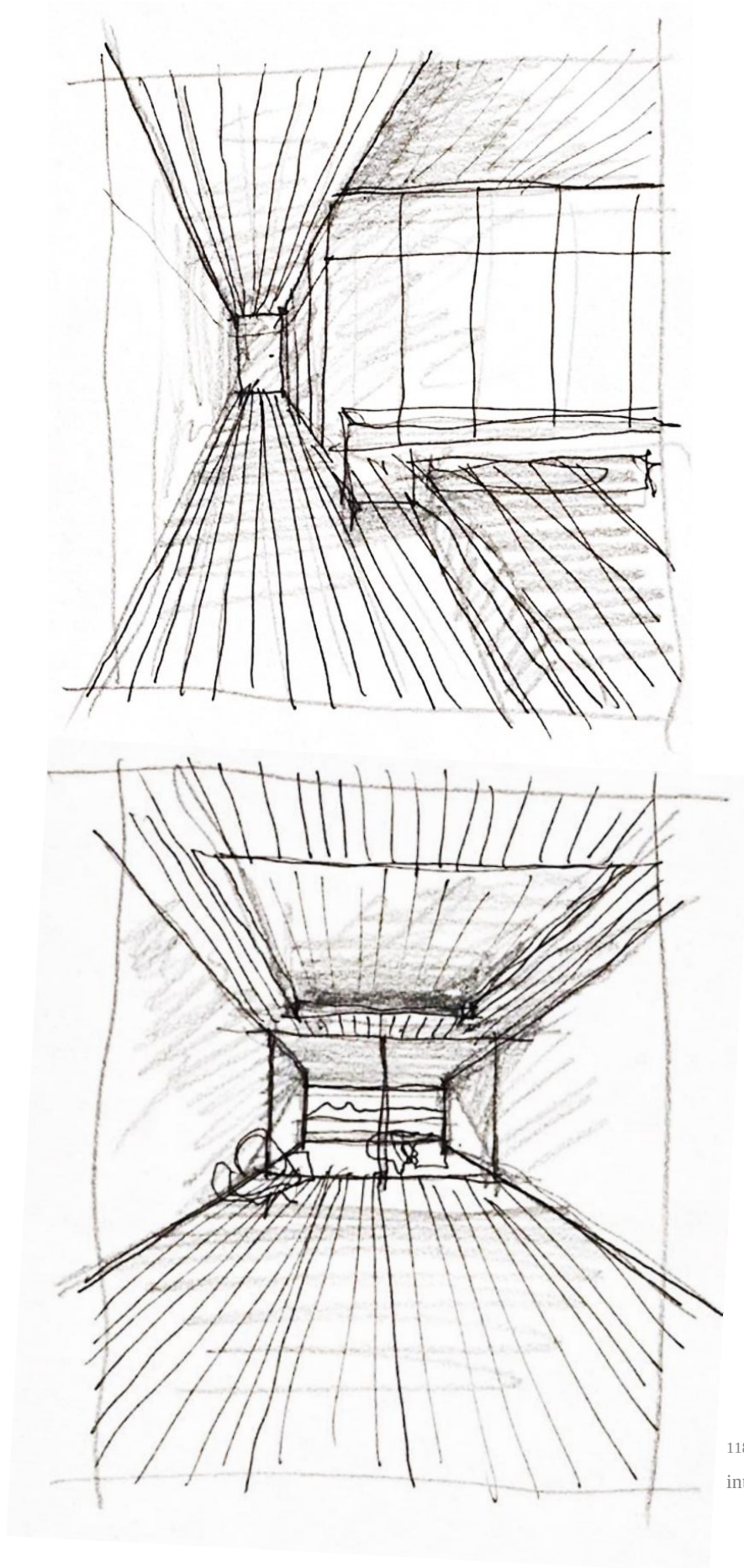
114. Planta do quarto, as
duas tipologias, 1:50.

115. Planta dos quartos,
1:50.

116. Corte transversal,
1:50.

117. Alçado poente,
volume de quartos, 1:50.





118. Estudo do espaço interior do quarto.

O Apartamento

O desenho do apartamento definiu-se, também, pelo desenho do volume de apartamentos, onde se fizeram secções de 50 e de 100 m². Contudo, o volume só é constituído por um piso, ao contrário do volume de quartos. Neste volume desenharam-se dois tipos de apartamentos, um mais pequeno, definido como estúdio, e outro maior, destacado como T1.

Seguindo o mesmo padrão dos quartos, quanto à materialidade, estes apartamentos também seguem a mesma linha de autenticidade.

O primeiro apartamento, com uma área útil de 100 m², desenhou-se a pensar num típico T1. Novamente, a entrada principal encontra-se ao centro do apartamento, destacada com um pequeno *hall* e uma casa de banho de serviço.

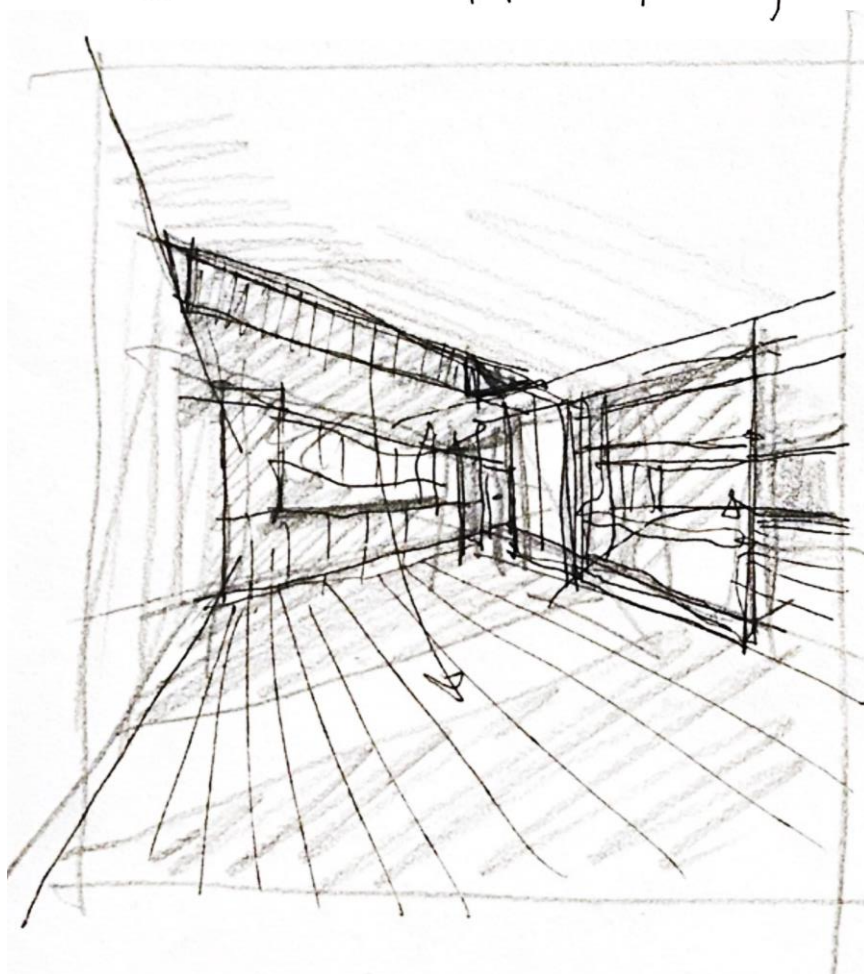
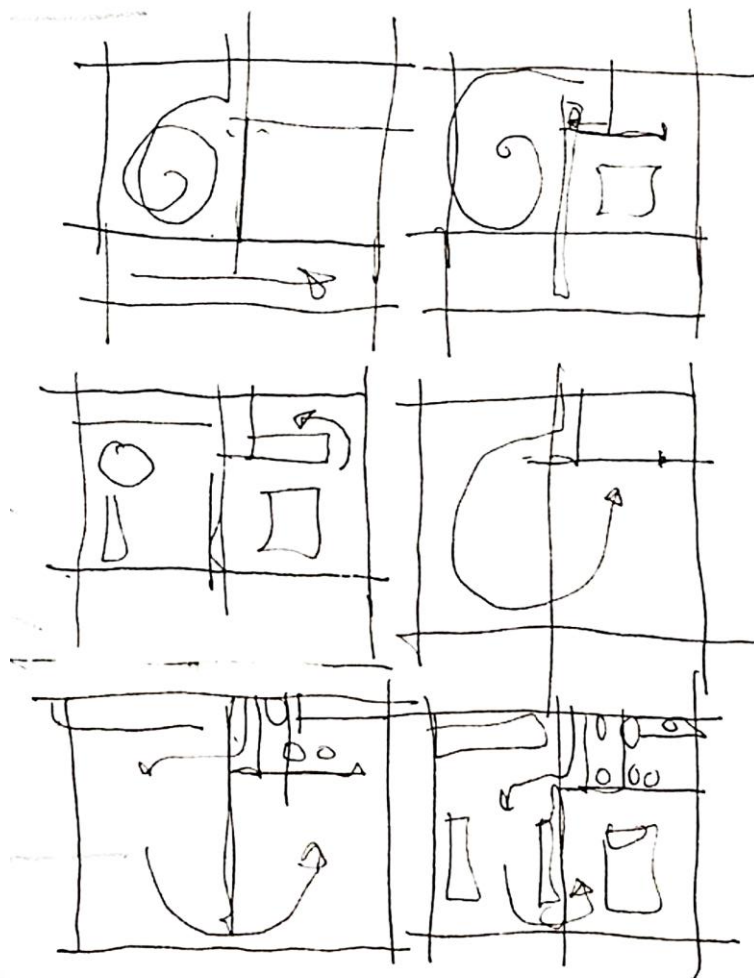
Ao entrar-se na grande área de estar, acede-se diretamente à zona da cozinha e mesa de jantar, destacadas pela iluminação natural da claraboia. Ao passar a cozinha acedemos à grande sala de estar onde se encontra a janela e a varanda, que possibilita a visibilidade para o exterior. Junto desta, temos acesso ao quarto, que se fecha por completo através de uma sucessão de painéis que se encontram perto do móvel da televisão.

Ao aceder-se à suíte, encontramos a cama ao centro de frente para a varanda do quarto. Atrás da cama encontra-se a secretária de trabalho e a zona de armários e estantes de arrumação. Nesta, encontramos o acesso à casa de banho do apartamento. A varanda encontra-se disposta ao longo da fachada Oeste virada para a grande duna, embutindo a natureza no espaço.

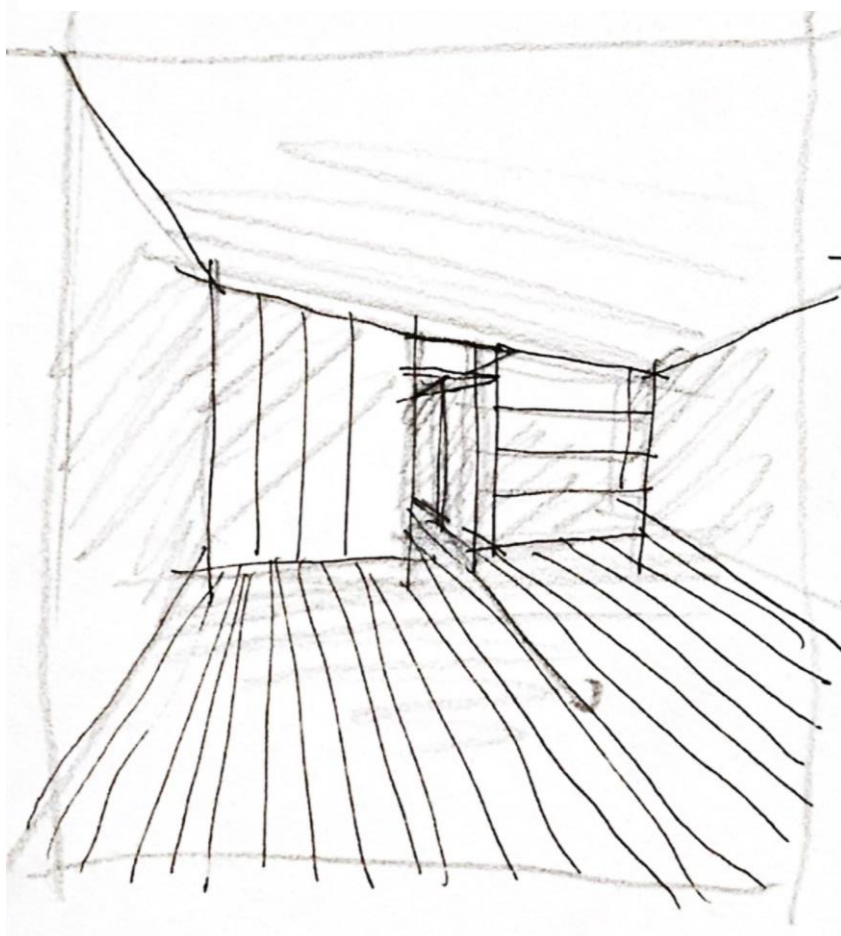
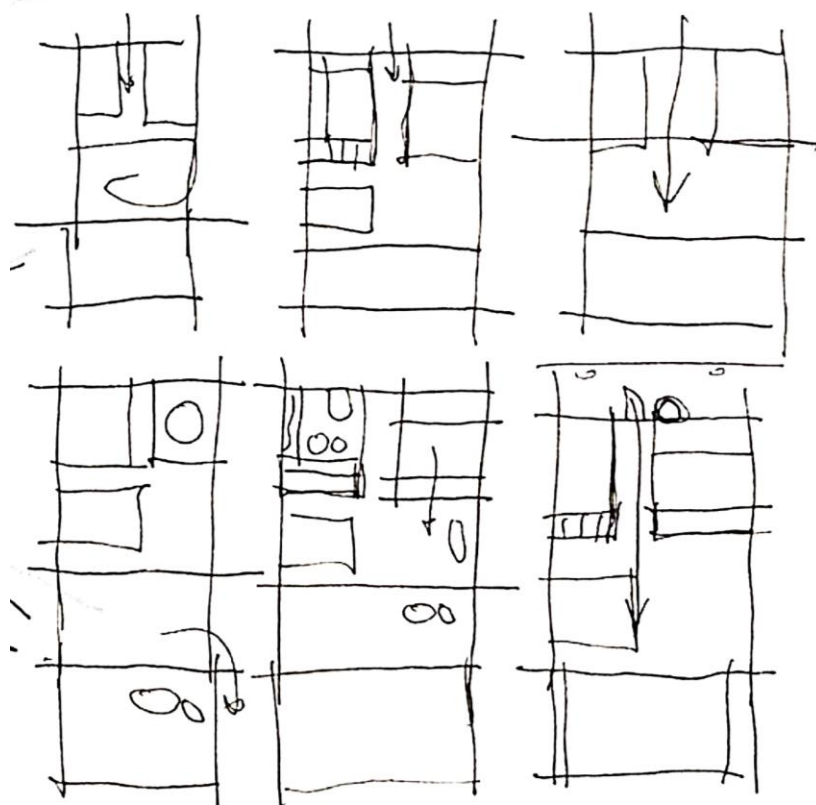
O segundo apartamento, com uma área útil de 50 m², é constituído por uma pequena cozinha, casa de banho e zona de estar onde se encontra a cama.

Neste cómodo, pensou-se num desenho simples demarcado pela centralidade do alinhamento da porta de entrada. Nesta, encontra-se um corredor de distribuição, em que a cozinha se divide através de um painel de madeira e a casa de banho se encontra dentro do volume de armários. Ao percorrer-se o corredor de entrada, este dá acesso a uma zona de estar, onde se encontra uma sala de estar destacada pela cama.

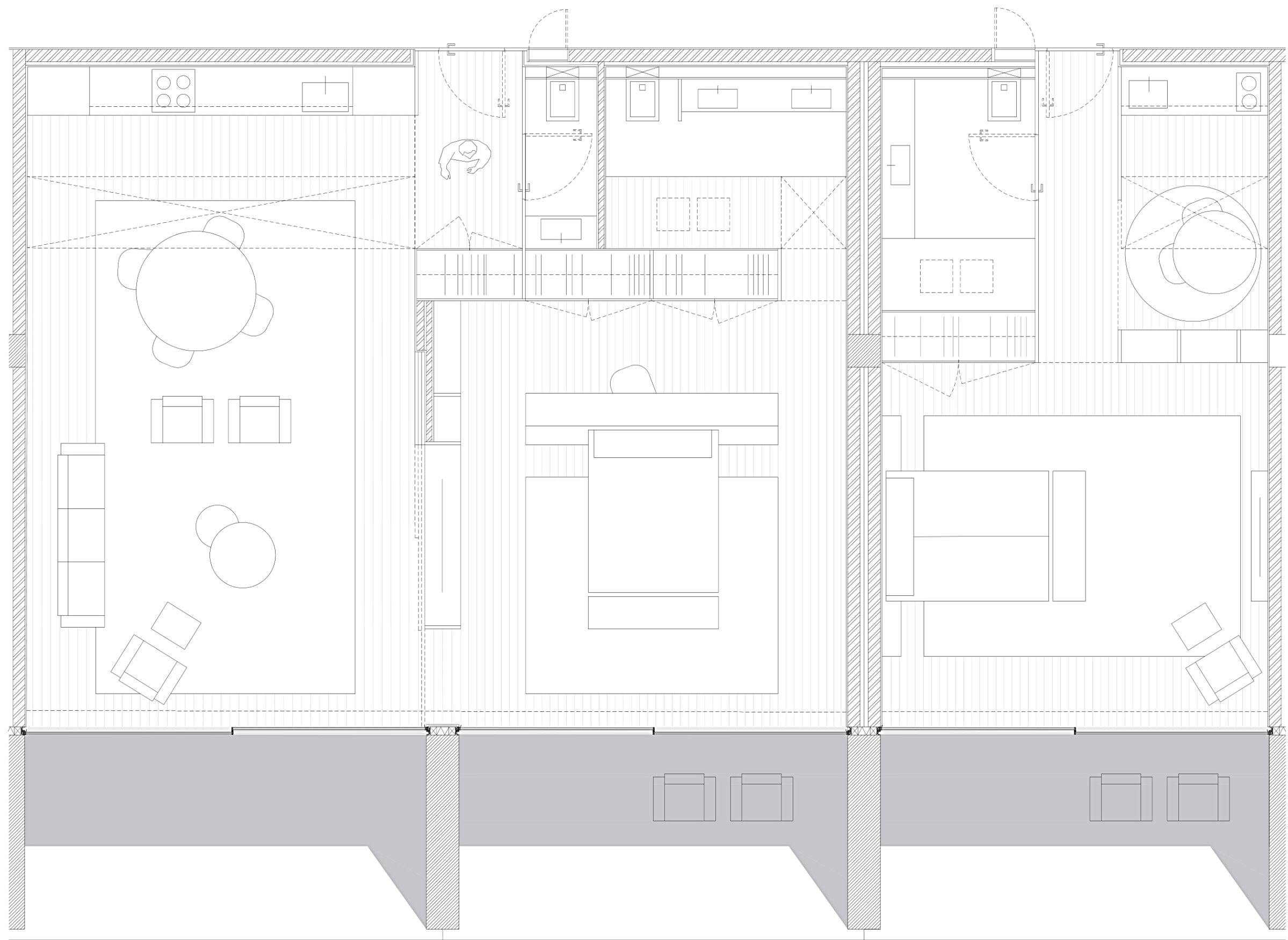
Ao longo da largura do apartamento existe uma grande janela que dá acesso à varanda, que contacta diretamente com a natureza. Outra abertura encontra-se no quinto alçado, em que existe um claraboia na zona da cozinha, isto para que a iluminação esteja presente neste ponto do estúdio.



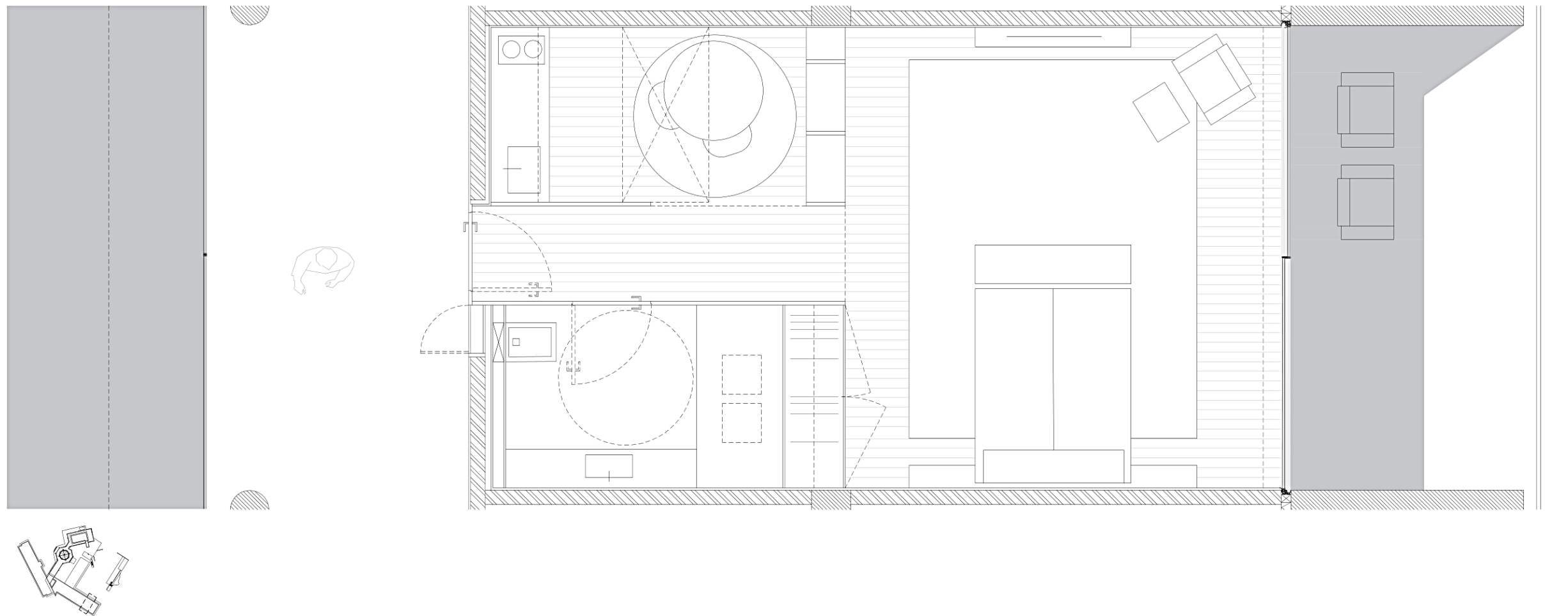
119. Estudo do apartamento,
tipologia T1.



120. Estudo do apartamento,
tipologia estúdio.

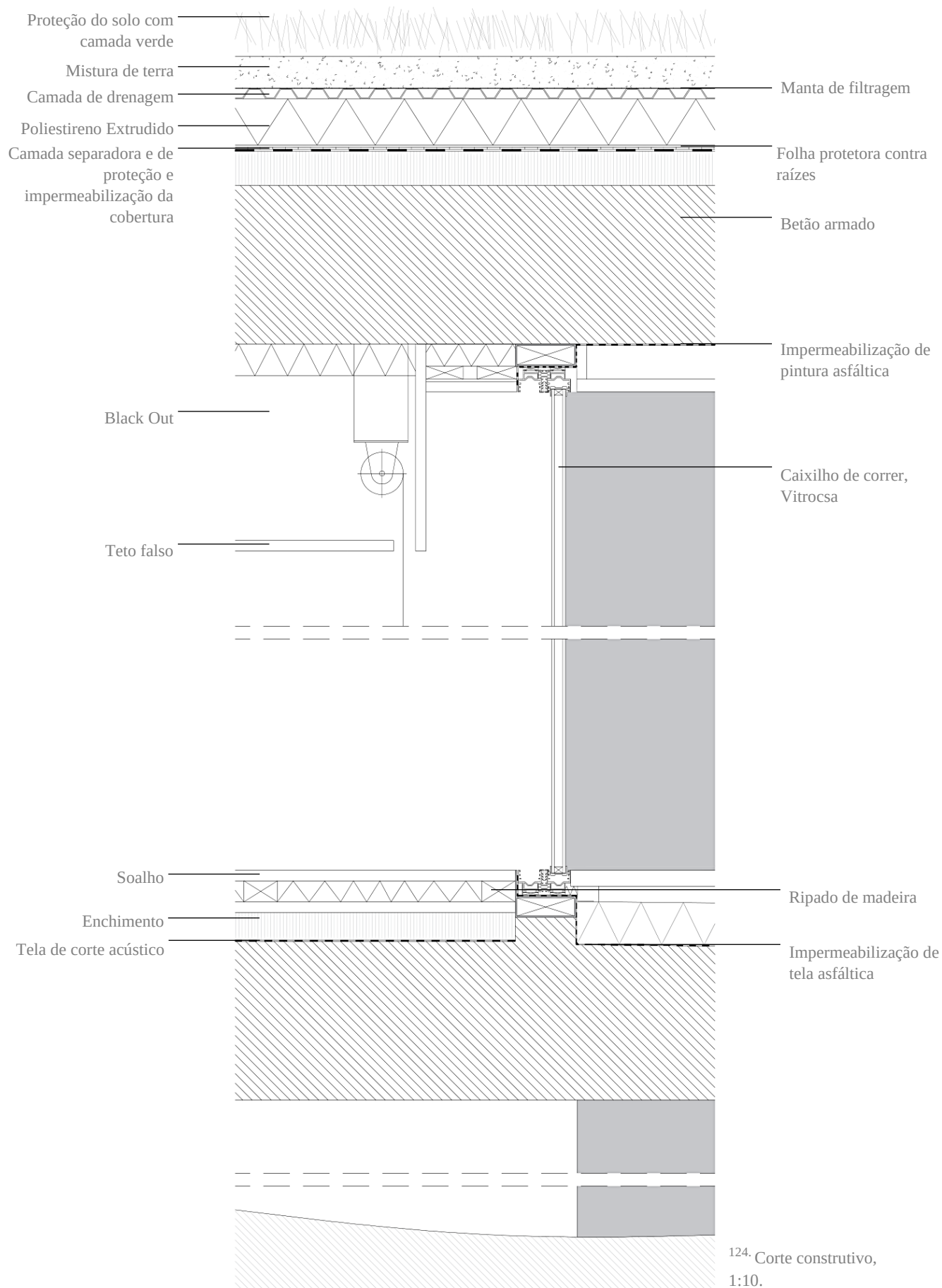


121. Planta do apartamento,
as duas tipologias, 1:50.

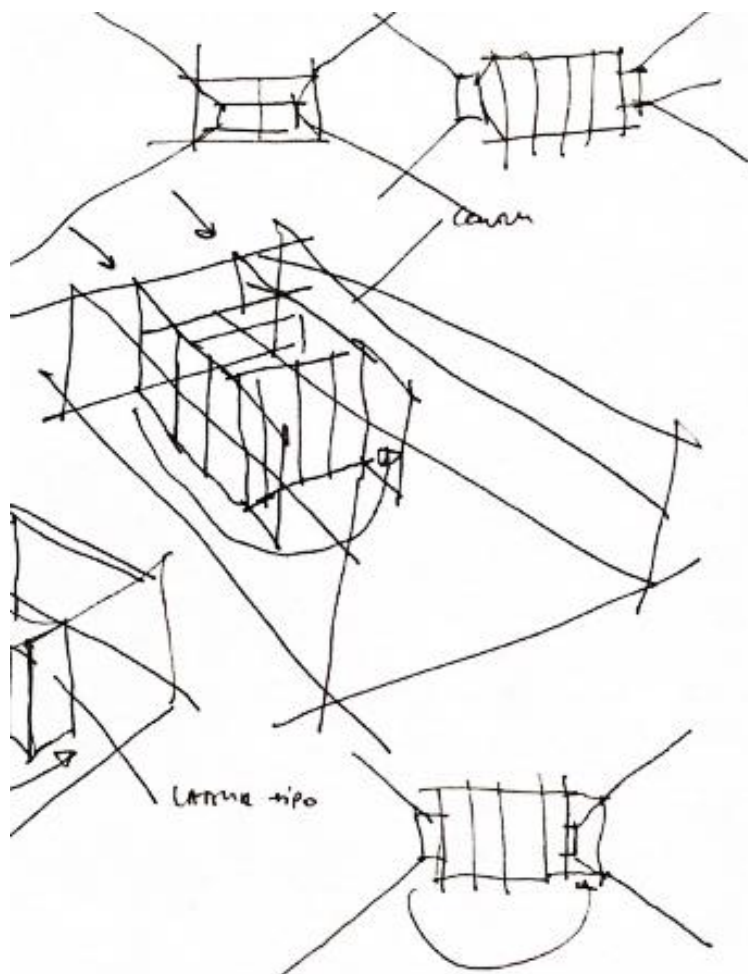
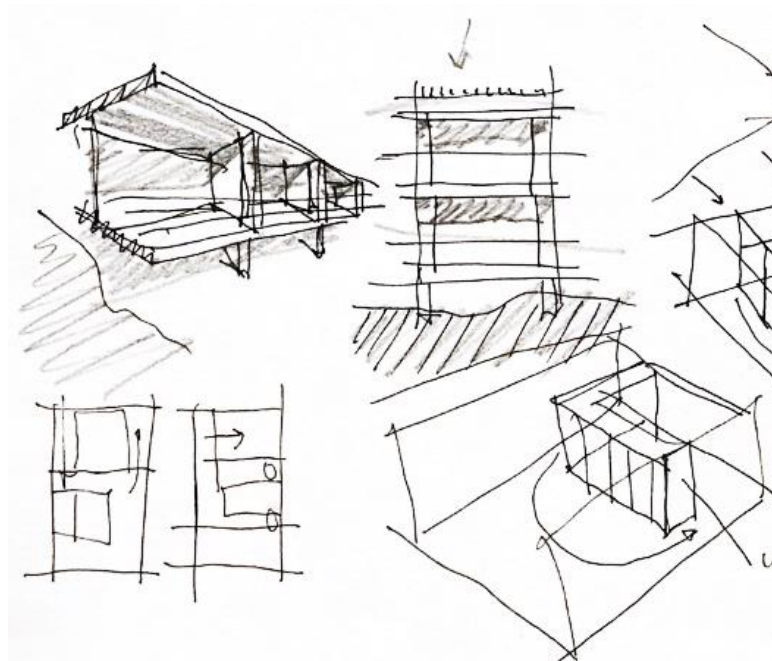


122. Planta do apartamento,
1:50.

123. Corte transversal, 1:50.



124. Corte construtivo,
1:10.



125. Estudo do quarto e apartamento.

Considerações Finais

*“A arquitectura é feita para nós a utilizarmos. Não é nenhuma das Belas Artes. Acho que esta também é a tarefa mais nobre da arquitectura, o facto de ela ser uma arte para ser utilizada. Mas o mais belo é quando as coisas se encontram, quando se harmonizam. Formam um todo. O lugar, a utilização e a forma. A forma remete para o lugar, o lugar é este e a utilização é esta.”*⁴⁶.

⁴⁶ ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, Barcelona, Editorial Gustavo Gil SL, 2006. p.69

Este trabalho partiu do desejo de explorar o antigo Complexo Turístico do Luziamar, quanto à sua história, desenvolvimento e arquitetura. O surgimento de uma inquietação que foi em busca de um porquê para a existência de algo, faz do arquiteto um conhecedor do tempo e do espaço. Desde a exploração do processo arquivado até à realização de um novo projeto, motivou a que se entrasse em contacto com as pessoas relacionadas ao edifício, possibilitando o desenvolvimento do diálogo que é uma das ferramentas mais importantes do arquiteto, quanto à sua profissão.

Com isto, o conhecido edifício do Luziamar não ganha apenas a memória, mas ganha um estudo que levou a desvendar aspetos ocultos, que se encontravam apenas nas camadas mais internas deste lugar.

As várias entrevistas deram alento à proposta pensada e deram ainda mais força e motivação para o desenvolvimento e exploração de um concurso de ideias para este local, dando uma nova possibilidade de construção ao proprietário do terreno.

Já o projeto permitiu colocar em prática a arquitetura num edifício já implantado, recorrendo a um programa nunca antes desenvolvido. A presença da força da natureza com relação ao rigor do desenho deram ao local uma nova visão de interação. Questões como a espacialidade, materialidade e funcionalidade aplicadas ao ponto chave do projeto que possibilitaram uma ideia relacionada a um Hotel-Aparthotel inspirado nos maiores nomes da arquitetura, possibilitando conhecimento arquitetónico a todo o tipo de entidades. Fazendo da arte de arquitetar uma arte reconhecida, não pelo desenho e forma, mas sim pelas pessoas que o constroem.

Referências Bibliográficas

AALTO, Alvar, *Obra Completa: arquitectura, arte y diseño*, Barcelona: Gustavo Gili, 1996.

CHOAY, Françoise, *A alegoria do património*. Edições 70, Lisboa, 2000.

COSTA, Alexandre Alves, *Notas soltas sobre Arquitectura, História, Nostalgia e Construção*. Revista arquitetura ibérica nº 18, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

COSTA, Alexandre Alves, *Textos datados*, Coimbra: Ed. DARQ, 2007.

FERNANDES, Mário, *Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal*. FAUP, 1 edição, 2002.

FERNANDES, José Manuel, *Arquitetura modernista em Portugal, 1890-1940*. Gravada, 1ª edição, 1993

FLEIG, Karl, *Alvar Aalto – Obras y Proyectos / Works and Projects*, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 1974.

GIEDION, Sigfried, *Espacio, Tiempo y Arquitectura: El futuro de una nueva tradición*. Editora Dossat, S.A., Madrid, 1982.

GIEDION, Sigfried, *La Arquitectura – Fenomeno de Transicion*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969.

KAHN, Louis, *Conversa com estudantes*, Editorial GG, SA, Barcelona, 2002.

KAHN, Louis, *Escritos, conferencias y entrevistas*. Madrid: El Croquis Editorial, 2003.

KRIES, Mateo, *Louis Kahn: The Power of Architecture*, Weil am Rhein: Vitra Design Museum, 2012.

MACIEL, Justino, *Vitruvio: tratado de arquitectura*, Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2006.

NEUFERT, Ernst, *Arte de projetar em arquitetura*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2013.

PIRES, Amílcar Gil, *A quinta de recreio em Portugal: vilegiatura, lugar e arquitectura*. Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2013.

RIEGL, Alois, *El culto moderno a los monumentos*. Visor Distribuciones, S.A., Madrid, 1987.

RIEGL, Alois, *O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos*. Edições 70, S.A., Lisboa, 2013.

SIZA, Álvaro, *01 textos*. Porto: Civilização ed., 2009.

SUMMAVIELLE, Elísio, *Anos de Ruptura. Arquitetura Portuguesa nos anos Sessenta*. Interouro, Lda, 1ª edição, 1994.

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, FAUP publicações, 2006.

TOMÉ, Miguel, *Património e restauro em Portugal (1920-1995)*, FAUP publicações, Porto, 2002.

TOSTÕES, Ana, *Louis I. Kahn The Permanence*, Barcelona: Docomomo international, 2018.

TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*. FAUP, 2ª edição, 1997.

ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2006.

Processo de obras nº 1313/11/69, Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 1969.

Processo de obras nº 3/74, Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 1974.

Processo de obras nº 128/98, Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 1998.

Processo de obras nº 13/01, Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 2001.

Documentação do PDM (Plano Diretor Municipal), Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 2008.

BORGES, Marco, *Projetar com o Invisível: Integrando Desenho e Performance no Processo de Projeto*, FAUP, 2018.

COSTA, Ana, *Um Hotel a que o rio dá sentido*, FAUP, 2017.

ESTEVES, Marco, *Vidro na Arquitetura: Expressionismo alemão e a influência da obra de Mies van der Rohe e Souto de Moura*, FAUP, 2019.

FRANCISCO, Ana, *Significados e atmosferas: a água como elemento arquitetónico*, FAUP, 2019.

FURTADO, Rita, *Complexidade e contradição em Álvaro Siza*, FAUP, 2015.

LOUREIRO, Ana, *O Complexo Processo do Projeto de uma Casa em Alcácer*, FAUP, 2017.

RANGEL, Mafalda, *A iluminação zenital da obra de Alvar Aalto e Álvaro Siza*, FAUP, 2004.

SILVA, Pedro, *LIGHTHOUSE SEA HOTEL, young architecture competition. Uma linha sinuosa*, FAUP, 2017.

Lista de Imagens

01. Esquema de simulação do Espaço.
Produção pessoal, 2015.
02. Primeira Conceção Espacial - espaço exterior.
Produção pessoal, 2015.
03. Pirâmides de Gizé, Cairo, Egipto, 2700 a.C..
<https://www.pinterest.pt>
04. Acrópole de Atenas, Atenas, Grécia, 450 a.C..
<https://sofitel.accor.com>
05. Segunda Conceção Espacial - espaço interior.
Produção pessoal, 2015.
06. Panteão de Roma, Roma, Itália, séc. II d.C..
<https://www.pinterest.pt>
07. Terceira Conceção Espacial - espaço interior-exterior.
Produção pessoal, 2015
08. Torre Eiffel, Paris, França, 1889.
<https://www.pinterest.pt>
09. Galeria das Máquinas, Paris, França, 1889.
<https://www.researchgate.net/>
10. *La tour Eiffel*, Robert Delauney, 1910.
<https://www.meisterdrucke.pt/>
11. *Femme nue*, Alexander Archipenko, 1916.
<https://www.pinterest.pt>
12. Pavilhão Suíço, Paris, França, 1931.
<https://www.swissinfo.ch>
13. Esquema de simulação do Tempo.
Produção pessoal, 2015.
14. Claude Monet, *Grainstacks*, in *Bright Sunlight*, 1890.
<https://www.tuttartpitturasculturapoesiamusica.com>
15. Claude Monet, *Wheatstacks (End of Summer)*, 1890–91.
<https://www.tuttartpitturasculturapoesiamusica.com>
16. Claude Monet, *Wheatstacks*, 1890–91.
<https://www.tuttartpitturasculturapoesiamusica.com>
17. Esquema de simulação do Espaço-Tempo.
Produção pessoal, 2015.
18. Fotografia do Arquiteto Francisco Alves Nogueira, de vespa.
Fornecida pelo Arquiteto Miguel Nogueira, filho, 2019.
19. Fotografia, revista de arquitetura de Francisco Alves Nogueira.
Registo do Arquiteto Miguel Nogueira, filho, 2019.
20. Implantação geral, Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:500.
Registo pessoal dos Arquivos Municipais de VCT, 2018.
21. Planta do r/chão, Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:200.
Registo pessoal dos Arquivos Municipais de VCT, 2018.
22. Planta do 1º piso, Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:200
Registo pessoal dos Arquivos Municipais de VCT, 2018.
23. Corte do lado Norte, Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:200.
Registo pessoal dos Arquivos Municipais de VCT, 2018.
24. Corte do lado Sul, Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:200. de Roma, Roma, Itália, séc. II d.C..
Registo pessoal dos Arquivos Municipais de VCT, 2018.
25. Corte longitudinal Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:200
Registo pessoal dos Arquivos Municipais de VCT, 2018.
26. Corte transversal, Complexo Turístico do Luziamar, 1969, escala 1:200.
Registo pessoal dos Arquivos Municipais de VCT, 2018.
27. O envolvente, marcado pelo pinhal, vista da piscina do Complexo.
Registo pessoal, 2019.
28. Percursos envolventes, de acesso à praia.
Registo pessoal, 2019.
29. Aproximação à representação da duna no espaço.
Registo pessoal, 2019.
30. Esquisso, vista para a zona das escadas da entrada.
Registo pessoal, 2020.

31. Esquisso, vista da piscina para o volume central, restaurante.
Registo pessoal, 2020.
32. Esquisso, vista do volume vertical, caixa de escadas para a cobertura.
Registo pessoal, 2020.
33. Esquisso, vista com o bar da piscina e do volume central, restaurante.
Registo pessoal, 2020.
34. Esquisso, vista da frente do edifício.
Registo pessoal, 2020.
35. Esquisso, vista da parte traseira do edifício.
Registo pessoal, 2020.
36. Esquisso, vista da frente do volume central, Restaurante e Discoteca.
Registo pessoal, 2020.
37. Esquisso, vista para novo volume dos Balneários.
Registo pessoal, 2020.
38. Conjunto de desenhos de levantamento, do novo volume dos Balneários.
Registo pessoal, 2020.
39. Esquisso, vista para do interior da Discoteca.
Registo pessoal, 2020.
40. Levantamento do conjunto de plantas, r/chão e 1º piso.
Registo pessoal, 2020.
41. Vista aérea do local de inserção do Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo.
<https://www.googleearth.pt>
42. Implantação, 1:1000.
Produção pessoal, 2020.
43. Planta da cobertura, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
44. Planta do 1º piso, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
45. Planta do rés-do-chão, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
46. Alçado Norte, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
47. Alçado Sul, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
48. Corte longitudinal, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
49. Corte pela entrada principal, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
50. Corte transversal, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
51. Corte pelos balneários, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
52. Francisco Alves Nogueira, Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo, 1974.
Registo pessoal, 2020.
53. Fernando Távora, Mercado Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira, 1959.
<https://www.pinterest.pt>
54. Francisco Alves Nogueira, Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo, 1974.
Registo pessoal, 2020.
55. Louis Kahn, Indian Institute of Management, Ahmedabad, 1974.
<https://www.stalkfest.com>
56. Francisco Alves Nogueira, Complexo Turístico do Luziamar, Viana do Castelo, 1974.
Registo pessoal, 2020.
57. Alvar Aalto, Biblioteca do Colégio Beneditino de Mount Angel, Oregon, 1968.
<https://www.pinterest.pt>
58. Fotografia, a composição das fachadas, frente do edifício.
Registo pessoal, 2020.
59. Fotografia, sobre os alinhamentos com a estrutura, interior do edifício.
Registo pessoal, 2020.
60. Fotografia, elementos de destaque das modinaturas das janelas, frente do edifício.
Registo pessoal, 2020.

61. Fotografia, da zona do bar de serviço à piscina, tardo do edifício.
Registo pessoal, 2020.
62. Fotografia, elemento central octogonal, tardo do edifício. Norte, 1:500.
Registo pessoal, 2020.
63. Fotografia, elemento vertical, caixa de escadas de acesso à cobertura.
Registo pessoal, 2020.
64. Fotografia aérea do Hotel FeelViana, Viana do Castelo, 2017.
<https://www.feelviana.com>
65. Fotografia, vista do hall de entrada, Hotel FeelViana, Viana do Castelo, 2017.
<https://www.feelviana.com>
66. Fotografia, alçado Oeste, Hotel FeelViana, Viana do Castelo, 2017.
<https://www.feelviana.com>
67. Estudo, planta do 1º piso, FeelViana, Carlos Castanheira, 2017.
Produção pessoal, 2020.
68. Estudo, planta rés-do-chão, FeelViana, Carlos Castanheira, 2017.
Produção pessoal, 2020.
69. Estudo, programa Hotel-Aparthotel.
Produção pessoal, 2020.
70. Estudos, definição da forma, processo nº1..
Produção pessoal, 2020.
71. Estudos, definição da forma, processo nº2.
Produção pessoal, 2020.
72. Estudos, definição da forma, processo nº3.
Produção pessoal, 2020.
73. Fotografia 1, maquete de estudo, 1:500.
Maquete do Projeto, 1:500.
Registo pessoal, 2020.
74. Fotografia 2, maquete de estudo, 1:500.
Maquete do Projeto, 1:500.
Registo pessoal, 2020.
75. Fotografia 3, maquete de estudo, 1:500.
Maquete do Projeto, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
76. Esboços, definição dos interiores e cortes, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
77. Esboços, definição dos interiores e alçados, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
78. Implantação geral, 1:1000.
Produção pessoal, 2020.
79. Planta demolido e construído, 1:1000.
Produção pessoal, 2020.
80. Planta do piso r/chão, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
81. Corte longitudinal, sul, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
82. Planta do piso 1, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
83. Corte longitudinal, poente, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
84. Planta do piso 2, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
85. Corte transversal pelo volume de quartos, norte, 1:500.
Produção pessoal, 2020.
86. Planta do piso -1, 1:500
Produção pessoal, 2020.
87. Corte transversal, nascente, 1:500
Produção pessoal, 2020.
88. Planta do piso r/chão, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
89. Planta do piso 1, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
90. Planta do piso 2, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
91. Planta do piso -1, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
92. Corte transversal, poente, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
93. Corte longitudinal, sul, 1:200.
Produção pessoal, 2020.

94. Corte transversal pelo volume de quartos, norte, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
95. Corte longitudinal pelo volume de quartos, nascente, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
96. Corte longitudinal, norte, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
97. Corte transversal, nascente, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
98. Corte transversal pelo volume central, nascente, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
99. Corte transversal pelo volume central, poente, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
100. Esquissos da proposta.
Produção pessoal, 2020.
101. Esquissos da proposta.
Produção pessoal, 2020.
102. Thom Mayne, suíte revestida a pedra, nº1.
<https://archdaily.com>
103. Thom Mayne, suíte revestida a pedra, nº2.
<https://archdaily.com>
104. Thom Mayne, suíte revestida a madeira, nº3.
<https://archdaily.com>
105. Thom Mayne, suíte revestida a madeira, nº4.
<https://archdaily.com>
106. Tadao Ando, quarto revestido a madeira.
<https://archdaily.com>
107. Kengo Kuma, quarto revestido a madeira.
<https://archdaily.com>
108. Peter Zumthor, quarto revestido a argamassa escura.
<https://archdaily.com>
109. Planta do volume de quartos, piso r/chão, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
110. Planta do volume de quartos, piso 1, 1:200.
Produção pessoal, 2020.
111. Esboço do estudo do quarto e apartamento.
Produção pessoal, 2020.
112. Estudo do quarto do volume central.
Produção pessoal, 2020.
113. Estudo do quarto do volume lateral.
Produção pessoal, 2020.
114. Planta do quarto, as duas tipologias, 1:50.
Produção pessoal, 2020.
115. Planta dos quartos, 1:50.
Produção pessoal, 2020.
116. Corte transversal, 1:50.
Produção pessoal, 2020.
117. Alçado poente, volume de quartos, 1:50.
Produção pessoal, 2020.
118. Estudo do espaço interior do quarto.
Produção pessoal, 2020.
119. Estudo do apartamento, tipologia T1.
Produção pessoal, 2020.
120. Estudo do apartamento, tipologia estúdio
Produção pessoal, 2020.
121. Planta do apartamento, as duas tipologias, 1:50.
Produção pessoal, 2020.
122. Planta do apartamento, 1:50.
Produção pessoal, 2020.
123. Corte transversal, 1:50.
Produção pessoal, 2020.
124. Corte construtivo, 1:10
Produção pessoal, 2020.
125. Estudo do quarto e apartamento.
Produção pessoal, 2020.

Anexos

Entrevista – Arq. Miguel Nogueira
Processo de Aceitação do Luziamar
Entrevista – Eng. Agostinho Rites

Entrevista - Arq. Miguel Nogueira:

M.A.: *Quando é que o Arquiteto Alves Nogueira nasceu? Onde? Quando? Porque motivos nasceu nesse local?*

M.N.: *O meu pai nasceu em Lisboa, a 22 de novembro de 1926. Entretanto, quanto ao percurso dele, o meu avô fez uma carreira como administrativo em várias colónias, por isso o meu pai viveu em Lourenço Marques, atualmente Maputo, e depois veio estudar para o Colégio das Caldinhas, em Santo Tirso. Portanto, fez a sua formação toda com os padres jesuítas, como interno. Até à 4ª classe foi educado pela minha avó e por uma professora particular, de origem inglesa. Depois disso, como já referi, foi estudar para o Colégio das Caldinhas, onde fez o liceu e depois fez admissão às Belas-Artes, em Lisboa. Fez o 1º ano de Belas-Artes em Lisboa, e depois transferiu-se para o Porto, onde terminou o curso na escola de Belas-Artes do Porto.*

M.A.: *Qual foi a infância do Arquiteto? Qual o seu percurso? Alguma coisa que o influenciou a ser arquiteto?*

M.N.: *Em termos familiares, a minha avó era uma pessoa que gostava muito de artes, ela pintava, bordava, todas as coisas que as senhoras de antigamente faziam. A irmã do meu pai, que estudou na África do Sul, também teve uma educação ligada às artes decorativas, e teve outro irmão arquiteto, que já faleceu. Em casa havia sempre uma certa alusão às artes.*

M.A.: *Qual foi o ano de entrada na faculdade? Em que faculdade entrou? Porque entrou? Qual o curso?*

M.N.: *(Iremos saber de datas) Anos 50. Naquela altura, os cursos eram bastante diferentes. Havia os cursos e os concursos. Ou seja, no final eles faziam uma espécie de uma tese, a Coda.*

M.A.: *Algumas amizades académicas, com arquitetos conhecidos?*

M.N.: *Teve, isto porque a escola de Belas-Artes do Porto era pequenina. Portanto, havia uma grande interação entre os escultores, pintores. Isto, porque o primeiro e segundo ano, salvo erro, tinham muitas cadeiras em comum, como era o caso de Desenho, entre outras. Com isto, ele tinha vários amigos, como é o caso do Álvaro Rocha, o Gustavo Bastos, o Lanhãs pintor; depois como arquitetos, o arquiteto Pádua Ramos, José Carlos Loureiro, o Siza, embora fosse um pouco mais novo. O Arquiteto Álvaro Siza foi colega do meu tio. Já, o Arquiteto Fernando Távora, salvo erro, foi assistente e deu aulas ao meu pai, no primeiro ou no segundo ano. Ele era um pouco mais velho, e o meu pai quando veio de Lourenço Marques para Portugal perdeu um ano. Porque os exames não eram na mesma época, por causa das férias de verão. Normalmente, andava sempre com alunos com menos um ou dois anos que ele.*

Quando o meu pai estava no quarto ou no quinto ano, foi o primeiro ano em que o José Carlos Loureiro deu aulas. Teve o mestre Carlos Ramos, Rogério de Azevedo, teve ligação com o início da Escola do Porto.

M.A.: *Teve alguma relação com o Arquiteto Mário Bonito?*

M.N.: *Sim, teve ligações como Mário Bonito, como também com o Henrique Cayatte, João Andresen. Isto, porque houve imensos alunos que vieram de Lisboa para o Porto nessa época, porque havia um professor de geometria descritiva que era terrível. Então, eles fugiram todos de Lisboa para fugir desse professor. Há imensos arquitetos que depois acabaram por se formar no Porto, e muitos deles ficaram cá, para fugir das Belas-Artes de um famoso arquiteto de geometria descritiva que acho que era intragável. Por isso, eles vieram para o Porto, o meu pai e muitos outros, e com esse acaso acabou por conhecer muitos arquitetos de Lisboa e outros na escola de Belas-Artes do Porto.*

M.A.: *Qual foi o ano de conclusão do curso? Qual foi a nota final da CODA?*

M.N.: *Eu tenho um diploma dele que lhe poderei fornecer. Quanto à nota final penso que foi de 18 valores.*

M.A.: *Qual foi o primeiro estágio e emprego? Tem algumas datas? Ou idade?*

M.N.: *O meu pai, mal acabou o curso foi para Lisboa. Namorava com a minha mãe, que era do Porto, casaram e foram viver para Lisboa. Neste período ele trabalhou com o arquiteto Brito e Cunha, que era um grande urbanista em que fez imensos planos de diretor municipais da época, fez projetos para o Norte de África. Ele tinha muita influência tanto com pessoas do Norte de África como com franceses, porque a mulher dele era francesa, então ele conseguia arranjar trabalhos fora de Portugal. O meu pai teve uma formação muito forte na área do Urbanismo devido ao trabalho que desenvolveu no gabinete Brito e Cunha.*

M.A.: *Conheceu a sua mãe quando?*

M.N.: *Ele conheceu a minha mãe na escola, porquê? Porque, o irmão da minha mãe também era arquiteto, o que fez com que o meu pai e a minha mãe se conhecessem por intermédio do meu tio, Eduardo Brito, com quem o meu pai desenvolveu muitos projetos. Suponho que o projeto do Luziamar também teve interferência do meu tio Eduardo, presumo que sim. Eles na altura trabalhavam juntos.*

M.A.: *Em que altura teve filhos?*

M.N.: Nós somos três, eu nasci em 1968, o meu irmão em 1957, uma diferença de onze anos entre o mais velho, o meu irmão Jorge. Depois há a minha irmã Cristina, que tem uma diferença de sete anos em relação a mim, nasceu em 1961. Eu sou o que já vim fora de tempo.

M.A.: Houve alguma evolução na carreira do arquiteto antes de fundar a empresa?

M.N.: Quanto a factos mais relevantes, ele foi chefe do gabinete do arquiteto Brito e Cunha, porque esteve lá alguns anos. Simultaneamente, tinha um pequeno gabinete dele próprio, na Covilhã, isto quando vivia em Lisboa. Isto, porque o meu avô, pai do meu pai, era de uma aldeia Covilhã, tinha alguns conhecimentos lá e tinha casa nessa aldeia que se chamava Telhado. Então, ele tinha algum trabalho lá e desenvolveu alguns projetos no início da carreira. Também, ao mesmo tempo, dava aulas no liceu de Oeiras, de Geometria Descritiva. Ele era um apaixonado por Geometria Descritiva, apesar de ter tido aquele professor terrível, no primeiro ano de faculdade, se calhar foi bom para ele porque até ao fim da vida percebia imenso sobre esta disciplina. Aliás, té ao fim da vida deu-me explicações de Geometria Descritiva, e aos meus colegas de secundário, e mesmo durante a faculdade sempre que alguém tinha uma dúvida ele adorava explicar e tinha imenso jeito. Depois, mais tarde entre 1966 e 1967, salvo erro, veio de Lisboa para o Porto. Isto sucedeu-se, porque na altura ganhou um concurso para a ampliação do Hospital de Santo António, juntamente com o meu tio Eduardo Brito. Então, fizeram o projeto, ele veio viver para o Porto por causa desse mesmo projeto, porque era muito grande. Contudo, não correu bem, porque na altura o investimento não teria sido aprovado pelo Antigo Tribunal de Contas, alguma instituição parecida com o que é esta designação, o que fez com que o projeto fosse para o lixo. Pagaram-lhes o projeto passado 10 ou 12 anos de o terem executado, e depois acabou por ser o arquiteto José Carlos Loureiro, mais tarde, a fazer a ampliação do hospital. Mas, ele vem na altura viver para o Porto porque havia essa oportunidade, era um trabalho muito grande que foi o meu tio Eduardo que terá angariado e tido a oportunidade de entrar nesse concurso, o que fez juntamente com o meu pai.

M.A.: Participou em algum congresso ou associação?

M.N.: Nos primeiros congressos do que deu origem à Associação dos Arquitetos. Eu até cedi, em tempos eu estive ligado à direção da Ordem dos Arquitetos, à secção regional do Norte, e ofereci alguma documentação desses primeiros congressos, sindicatos dos arquitetos. Isto, muito anterior à Associação dos Arquitetos. Ele teve nessa altura um convite de outros colegas aqui do Porto, como eles eram muito poucos se conheciam todos entre si. Mesmo

gerações, com diferença de 6 ou 7 anos, conheciam-se muito bem. O caso do arquiteto Álvaro Siza, que terá menos 5 anos que o meu pai, em termos de frequência, mas eram todos colegas e conviviam, falavam e reunia-se. Até há bem pouco tempo, havia um almoço anual na fundação Cupertino Miranda, em que vinham sempre entre 30 arquitetos, com mais de 85 anos. Lembro-me que o meu pai, há poucos anos atrás, participou nesses almoços. Hoje em dia, não há tanta ligação, só conhecemos pessoas que andaram na nossa turma ou outras, mas neste caso eles conheciam a escola inteira. Tinha uma ligação até entre os vários cursos de pintura, escultura, e isso foi um fator muito positivo para a evolução daquilo que chamamos Escola do Porto. O convívio entre o arquiteto, pintor, escultor, é sempre uma troca de experiências, de conhecimento, de ideias, e acho que foi uma coisa que lhes fez muito bem. Eles conviviam muito, como o meio era mais pequeno, encontravam-se no Majestic e pagavam ao fim do mês. Muitos deles não eram do Porto, e ao fim do mês, quando recebiam a mesada, pagavam o que consumiam lá. Chegaram a fazer uma coisa muito engraçada, todas as mesas da esplanada foram pintadas por eles, no início dos anos 50. Isto, em forma de agradecimento, pela forma como eram tratados lá, porque muitas vezes não tinham dinheiro e queriam na mesma lanchar, então eles fiavam e cada um tinha uma conta já com o nome de Senhor Arquiteto tal. Nessa época, saíram excelentes pintores e escultores, e haviam um culto do desenho que hoje não há, eles todos desenhavam muito bem.

M.A.: Quanto projetos é que ele realizou na totalidade? E quais que se destacaram?

M.N.: Esta empresa, NNArquitectos, surgiu só em 1994, ainda é recente. O meu pai trabalhou sempre em profissão liberal, teve uma sociedade informal com esse meu tio Eduardo, durante um determinado período de 4 anos. Depois disso, trabalhou sozinho em que tinha 2 ou 3 colaboradores das épocas, nunca teve um grande gabinete, era relativamente pequeno. Quanto ao número de obras, é muito difícil, mas fez muitas casas no Mindelo, na zona do pinhal e, também, tem várias obras em Ofir. Aqui no Porto, fez alguns edifícios engraçados, fez aquele edifício Delfos junto da Praça Velasquez, um edifício castanho. Na altura, foi um edifício muito interessante, mas depois posso pesquisar alguma listagem de obras.

M.A.: O seu pai falou-lhe do projeto do Luziamar? Tinha alguns ideais expostos em conversas que teve com ele?

M.N.: Falou, falou. Falou do Luziamar, como um projeto que o que foi feito seria a primeira fase, se bem que era um projeto muito mais ambicioso que tinha um grande hotel, junto que era o Hotel Cabedelo, salvo erro. Eu lembro-me

de ver os desenhos do meu pai em que tinha apontado uma mancha que seria uma segunda fase, mas depois não prosseguiu porque foi um período na altura do 25 de Abril.

M.A.: *Consegue-me dizer algumas históricas, influencias, motivos?*

M.N.: *Recordo-me, por exemplo, que quando foi montada a discoteca foi, assim, uma revolução, um conceito completamente inovador fora do que era habitual. Quem veio montar a parte de decoração, luzes e acabamentos do Luziamar, foi uma equipa espanhola. Lembro-me do meu pai falar nisso, que era uma empresa que montava discotecas, que em termos de som, acústica, faziam coisas muito bem feitas. Nós cá em Portugal ainda estávamos a experimentar, mas esta empresa espanhola sabia muito bem o que estava a fazer. Recordo-me de o meu pai me dizer que aquilo era muito engraçado com as luzes apagadas, mas quando acendiam as luzes era horrível, porque se via que era tudo feito com agrafadores, mas resultava como um ambiente de discoteca escuro. Na altura, tornou-se num spot, vinham pessoas de Lisboa para a discoteca do Luziamar, porque era uma coisa do outro mundo. Aquilo tinha uma outra coisa muito curiosa, em tempos descobri umas ações, porque dentro daquilo haviam acionistas, e o meu pai parte dos honorários recebeu em ações do Luziamar, tinha um título de ações com um determinado valor, 25 contos, em que ele tinha como títulos de uma sociedade gestora do empreendimento do Luziamar. Mas, depois tudo isso caiu, quando foi mudando de donos, até que a sociedade acabou.*

M.A.: *O arquiteto soube do estado do projeto? Teve alguma ideia de intervenção?*

M.N.: *Bem, nós fomos contactados depois, muito mais tarde, por um senhor Rites. Isto, fomos contactados há 22 anos, que terá sido quando ele ia comprar o terreno, e contactou-nos na altura para eventualmente retomar o projeto. Teve uma reunião connosco no nosso antigo escritório, na circunvalação, e disse-nos que queria reabilitar o edifício. Mas nunca mais lá fui, fui à 20 e tal anos, lembro-me de ir lá a um sábado de manhã ver o edifício, em que acho que fiz um registo fotográfico do período da construção. -O volume novo foi pensado pelo arquiteto ou foi posterior? R.: Presumo que tenha sido, porque não me lembro que tenha havido alguma intervenção, se houve foi depois do Senhor Rites ter comprado o terreno. Portanto, antes não terá havido.*

M.A.: *O Luziamar era visto como uma obra importante na carreira do seu pai?*

M.N.: *O meu pai foi sempre assim num low profile, nunca procurou muito as luzes da ribalta. Ele era uma pessoa muito tranquila, mas não era nada vaidoso, gostava de fazer o trabalho dele. Nunca me*

lembro de ouvir o meu pai a falar do Luziamar como se fosse uma obra importante. Ouvia mais a falar do Luziamar pessoas que lá iam, e principalmente, as pessoas falavam me sempre que aquilo, quando abriu a discoteca, que era uma coisa do outro mundo, que era uma referência. Iam pessoas de todo o lado para irem a esse espaço, principalmente no verão que era extremamente animado. Mas, não me lembro de ouvir ele a falar com pena do projeto, pelo fato de não ter avançado. Quando surgiu a conversa com o Senhor Rites, na altura, mas mesmo assim não foi nada de importante.

M.A.: O Arquiteto Alves Nogueira tinha alguns arquitetos internacionais que o inspirasse?

M.N.: Tinha, e isso é muito engraçado, tinha alguns livros e alguns ainda estão em casa dele. Mas, tinha as referências na altura, além de haver muito poucas revistas que chegavam a Portugal, ele tinha a *L'Architecture d'Aujourd'Hui* dos anos 50, e depois havia uma italiana em formato quadrado, o *Módulo* primeira edição. Como arquitetos era o Frank Lloyd Wright, o Le Corbusier, o Gropius, os da altura, aqueles clássicos. Eram as referências deles aqui, a informação não passava como passa hoje. A biblioteca da escola de Belas-Artes era limitadíssima, isto só se conseguia ter se houvesse alguma viagem que na altura era uma excentricidade. Então um amigo ou outro traziam essa informação e depois partilhavam entre si, mas a comunicação e tudo o que era novo demorava muito mais tempo a chegar cá. Mas, acho que a grande referência dele em termos de revista era essa francesa, e também havia uma outra revista de arquitetura portuguesa dos anos 50, 60, onde aparecem alguns colegas do meu pai como o Andersen, Mário Bonito, Távora, Rogério de Azevedo.

M.A.: Com que tipo de arquitetura classifica a obra do seu pai?

M.N.: Eu quase que distinguiriam duas coisas. Numa primeira fase, em que de alguma forma era arrojado, embora dentro de uma linguagem do que se fazia, e das referências do Fernando Távora. Depois, mais para a frente, acho que ele adotou uma posição mais acomodada em que se limitava a cumprir a sua tarefa como profissional, mas em que não arriscava tanto, era mais ponderando, se calhar pela idade. Eu tive sempre uma excelente relação com ele, nunca tivemos uma discussão, mas muitas vezes ao falarmos de arquitetura, eu com o curso acabado de tirar tinha tendências de ser mais arrojado, e lembro-me que quando falava de determinados materiais, como o caso do tijolo de vidro e as monomassas, ele dizia “Por favor, tu não uses tijolo de vidro. Porque, olha quando eu acabei o curso, há 40 anos atrás, o tijolo de vidro também estava na moda, e agora olho para as coisas em tijolo de vidro e acho aquilo horrível, e tu vais sentir o mesmo!”. Lembro-me de quando se começou a aplicar resinas fenólicas nas fachadas, ele também dizia:

“Olha que isto não vai dar bom resultado!”, e tinha razão claro. Portanto, em determinadas coisas, agora compreendo a preocupação dele, ou seja, uma preocupação de quando se faz um edifício, fazê-lo para sobreviver muito tempo. Quer em termos de linguagem, e quando arriscamos mais corremos mais o risco de datar uma determinada obra de arquitetura, quer nos materiais que utilizamos. Portanto, tem que haver determinada coerência, eu acho que ele era extremamente coerente nas coisas. Acho, que a obra dele, na fase do CODA, tem uma expressão mais jovem, mais irreverente, e depois mais tarde, adota uma postura mais conservadora, em que tomou uma posição mais confortável de uma linguagem mais conservadora.

M.A.: *Há algum acontecimento importante, ou acontecimentos, na vida do arquiteto? Prémios?*

M.N.: *Não, porque ele nunca concorria. Nunca os procurou.*

M.A.: *Quando é que se deu o final da carreira?*

M.N.: *Como disse, ele dedicou-se muito ao urbanismo. O meu pai dedicou grande parte da carreira dele ao urbanismo, por intermédio do arquiteto Brito e Cunha. Ele, foi consultor de várias câmaras do país em termos de urbanismo, como é o caso de Tomar, Baião, Torres Novas, andava por todo o lado. Houve uma fase até 1975, que fazia muito isso, e mais tarde foi convidado para ir para a câmara da Maia onde esteve uns 10 anos a trabalhar, em que houve grande obras estruturais, nomeadamente o caso da zona industrial da Maia. Também, o plano diretor da Maia foi desenvolvido pelo engenheiro Lameiras, em que o meu pai também teve alguma interferência por parte da câmara, como consultor do presidente. Ele teve essa vida mais ligada ao urbanismo e menos à arquitetura.*

M.A.: *E a fase que teve com o seu tio?*

M.N.: *Essa fase que teve com o meu tio foi muito curta. Foi, digamos, de 1967 a 1973.*

M.A.: *Qual foi o motivo? Fez alguma obra pequena nesse tempo?*

M.N.: *Não, ele reformou-se aos 69 anos, devido a um enfarte. Depois disso, reformou-se aos 70 anos da câmara, mas vinha quase todos os dias a este escritório até aos 86 anos.*

M.A.: *Causas da morte do arquiteto.*

M.N.: *Digamos que teve morte natural, ele começou por ter insuficiência cardíaca, motivada pela idade.*

M.A.: *Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre este assunto?*

M.N.: O Siza, o Soutinho, o Amaral, eles conheciam-se todos muito bem. Mas, na altura do 25 de abril houve ali um afastamento, por questões políticas. Não deixaram de ser amigos, mas deixaram de conviver. Foi um processo um pouco estranho, porque nós vivíamos todos no mesmo sítio, em frente ao Lima 5, e passavam todos férias entre Ofir, Mindelo. Então, tanto no verão como no dia-a-dia encontravam-se muito. No 25 de Abril, quando o arquiteto Siza se assumiu-se como comunista, o Soutinho não era comunista nem deixava de ser, então houve ali uma clivagem. O meu pai como não era comunista ficou num outro lado, como o arquiteto Pádua Ramos, o José Carlos Loureiro, o meu tio Eduardo Brito, o Márcio de Freitas, eram os que não eram comunistas. Muitos deles eram professores nas Belas-Artes e foram saneados, como foi o Gustavo Bastos, o Tito Reboredo, o Joaquim Machado. No processo pós 25 de Abril, os que não eram comunistas foram todos corridos das Belas-Artes, e foram tomados os lugares deles pelos comunistas. Mais tarde, foram readmitidos, mas eles não quiseram estar lá. O próprio Távora, que não era nada comunista, teve de se assumir como tal para não perder o lugar, e o filho dele Bernardo Távora, era tudo menos comunista, era extrema direita quase. Pronto, o 25 de Abril, embora houvesse respeito, deixou de haver o convívio na casa uns dos outros. Nos anos 60 há fotografias em festas, os filhos do Siza, o Alvarinho e a Joana eram meus amigos, nunca o deixaram de o ser. Mas, houve ali uma quebra, eles iam à minha festa de anos e deixaram de ir depois desse acontecimento. Embora, nos encontrássemos, mas houve ali um período muito complexo, que hoje em dia nos custa perceber o porquê de ter acontecido daquela forma. Mas, com o tempo tudo começou a ficar estabilizado, ultimamente já se davam todos outra vez, até porque a política deixou de ser o foco. Hoje em dia, as pessoas cada vez mais ligam muito menos à política.”.

Processo de Aceitação do Luziamar:

Carta 1:

*“L U Z I A M A R
SOC. PROMOTORA DO TURISMO VIANENSE
S.A.R.L.
CABEDELLO “VIANA DO CASTELO”*

MEMÓRIA DESCRITIVA

Refere-se a presente Memória Descritiva ao Projeto da Unidade Turística que a Luziamar, pretende levar a efeito na sua propriedade localizada no Cabedelo, em Viana do Castelo.

A programação foi estabelecida tendo em vista as necessidades da sociedade, bem como a localização da propriedade, sua área, topografia, insolação etc, como se indica:

- a) – Balneários, Boîte e Restaurante*
- b) – Armazém, dormitório do pessoal, cozinha e copas*
- c) – Piscinas de adultos e infantis*
- d) – Parque desportivo*
- e) – Parque infantil*
- f) – Zona comercial*
- g) – Motel com receção e administração*
- h) – Hotel residencial*
- i) – Infraestruturas.*

- a) – Balneários, Boîte e Restaurante*

Situa-se este corpo apoiado em duas elevações de terreno em frente ao acesso designado com o número 2 dispondo de R/c, andar e terraço solários.

Em r/chão aproveitando o desnível natural do terreno situa-se a entrada principal, a entrada para a boîte, o acesso vertical e o acesso aos balneários de homens que servirá o parque desportivo e piscina. Os balneários possuirão circuitos distintos os de calçados e descalços, tendo como núcleo os vestiários com dois balcões um destinado à entrega do cabide numerado na zona de calçados e outro para a receção do cabide numerado na zona de calçados e

outro para a receção de cabide com a respetiva roupa na zona de descalços. O conjunto é servido por uma bateria de instalações sanitárias e duches. O acesso à boîte é iniciado tendo a galeria de acesso uma tabacaria e vestiário agrupado, instalações sanitárias feminina e masculina e boîte propriamente dita. Na boîte procurou-se uma organização de espaço através de pequenos recantos acolhedores, que rodeiam a pista de dança cujo pé direito será reduzido a 2,40 utilizando uma ramada de madeira que será igualmente apetrechada de luz e fontes sonoras. Um pequeno bar serve o conjunto, à ilharga da copa-cozinha prevista que estará em ligação com o corpo dos serviços.

No 1º andar os vestiários destinados a senhoras e crianças são iguais aos que se situam em bateria no R/c apenas diferenciados nos serviços de higiene tal como se indica na planta. O grande hall situado no topo da escada e que a envolve é absolutamente transparente como convinha, à vista sobre a piscina. O restaurante dispõe de instalações sanitárias para ambos os sexos que lhe estão adstritos, sucedendo-se ainda neste piso o corpo administrativo que se compõe de gabinete do diretor, secretaria e sala de reuniões. O restaurante que se sobrepõe à boîte é definido por um octógono de vidro, que numa das faces se interpenetra com a água da piscina. De todos os ângulos as panorâmicas são atraentes, quer sobre a piscina, parque desportivo e infantil, quer ainda para NW, por cima das cristas das dunas sobre o espalho atlântico. Um fogão de sala, dá uma nota de insanidade e conforto ao local. A copa de distribuição situa-se à ilharga do corpo dos serviços.

Como cobertura do corpo dos balneários prevê-se um terraço solário que dispõe de um acesso vertical comum à bateria de vestiários.

b) – Armazéns, dormitórios do pessoal, cozinha e copas

A SW do corpo da boîte-restaurant situam-se os respetivos serviços de apoio. Em R/c e portanto complanar com a boîte, projetou-se o armazém de géneros e dormitórios para homens e mulheres apetrechados de serviços de higiene. No 1º andar servido por dois acessos verticais, temos as copas de distribuição e preparação, cozinha, refeitório do pessoal e respetivas instalações sanitárias.

c) – Piscinas de adultos e infantil

A piscina de adultos obedeceu a cuidadoso estudo tendo em atenção a obtenção de uma integração coerente do farol existente, com uma forma que se harmonizasse com a restante construção e ainda permitisse utilizando para o efeito o comprimento de 25,00 m pequenas provas de natação destinadas especialmente à classe

infantil. Foi com efeito intenção da Luziamar procurar através de uma piscina a formação de futuros nadadores, utilizando para isso a criação de uma escola de natação à altura.

A piscina dispõe ainda de 3 níveis nomeadamente 2,90, 1,50 e 0,90, respetivamente para saltadores, nadadores e não nadadores. Prevê-se ainda um grupo de regeneração de água devidamente equipado com filtro de areia, desinfecção e clarificação, que ocupará uma zona junto à boíte com acesso próprio ao exterior. A entrada de água da piscina far-se-á ao nível mais alto sendo a sua saída para o grupo de regeneração efetuado na cota mais baixa. Equipam ainda a piscina, uma prancha de saltos e de toboggan. O farol existente, no caso de não ser autorizada a sua retirada será colocado sobre uma base sobrelevada, sendo a sua estrutura motivo de estudo a efetuar quando oportuno. A piscina infantil de forma circular situa-se próxima do parque e na vizinhança conveniente da piscina dos adultos. O espaço envolvente das piscinas será devidamente tratado com uma gramínea que tenha bom comportamento. De apoio a esta área prevê-se ainda um serviço de esplanada devidamente assinalado em planta.

Os ventos dominantes NW foram evitados através da construção que se justapõe num “L” a esses dois pontos cardeais.

d) – Parque desportivo

Dois “courts” de ténis, um bate-bolas, e 4 filas de bancadas constituem o agrupamento. O vestiário dos homens, com o acesso por uma pequena galeria, serve toda esta zona. Junto da galeria prevê-se uma pequena arrecadação para bolas, redes etc. A planura do terreno facilitou e até certo ponto ordenou a implantação prevista, que por capricho topográfico nos ofereceu ainda as bancadas projetadas, para o ténis.

Os vestiários das senhoras dão acesso ao recinto por uma escada exterior, implantada na bancada.

e) – Parque infantil

A uma cota mais baixa relativamente ao planalto onde se localizam as piscinas, situa-se o parque infantil, que deste modo é vigiado pelos olhares atentos das mães. Possui um pequeno labirinto, um “toboggan”, um avião, a roda de cavalinhos e as caixas de areia tão apreciadas. É vedado em todo o seu perímetro, que assim nos defende de qualquer “fuga” para outros locais abertos ao tráfego automóvel.

f) – Zona comercial

Ao estabelecer-se a programação surgiu a necessidade da criação deste centro que disporá de estabelecimentos comerciais tais como, auto lavandaria, micromercado, etc.

A sua localização sem ser propriamente a de um lugar geométrico é aceitável até porquanto se destina não só a servir todo este agrupamento mas também os residentes na vizinhança, com a vantagem de não permitir um devassamento da unidade que se procura realizar.

j) – Motel c/ receção e administração

Na corda limite SW do terreno e paralelamente à estrada que a separa das dunas projetou-se o motel, que será constituído pelo edifício da receção e administração e de 20 unidades, de habitação.

A receção controlará todas as entradas e saídas sendo ainda aí efetuados os registos de admissão bem como a administração. Uma pequena sala de espera equipada com serviços sanitários, um quarto e banho para o empregado de serviço completam o conjunto. No motel prevê-se que a construção tenha em r/chão um abrigo para o automóvel e uma zona de lavagem e secagem de roupas devidamente recatadas de vistas do exterior, que é separada pelo acesso vertical da entrada. Em 1º andar temos uma sala comum com Kitchenette, banho e quarto podendo a unidade abranger 4 adultos, desdobrando-se para o efeito a sala em quarto. A exposição da sala é a Poente sendo o quarto a Nascente.

h) – Hotel residencial

O hotel residencial de que se apresenta a implantação constituirá objeto duma segunda fase dos trabalhos.

Prevê-se uma unidade com o carácter estritamente residencial, antevendo-se em 5 o número de pisos a projetar e de acordo com o conjunto local e apetrechamento disponível.

i) – Infraestruturas

A unidade de que se apresenta o anteprojecto dispõe de 4 entradas sendo em todo seu perímetro protegido por uma vedação de que apresenta o respetivo pormenor.

Assim temos a entrada para o centro comercial, a entrada para as piscinas, parque de jogos, restaurante e boíte, a entrada do motel e

por último a entrada para o hotel residencial. Todas as entradas serão iguais, sendo apenas distinguidas pela placa iluminada que se indica no desenho. A unidade dispõe ainda de 4 parques de estacionamento destinados a albergar amplamente todos os automobilistas que a procures.

Partido construtivo

Os edifícios que constituem esta unidade de recreio e turismo subordinam-se no seu aspeto construtivo aos Regulamentos vigentes.

As estruturas, devidamente esclarecidas no projeto, são mistas, de alvenaria e betão armado, com pavimentos pré-fabricados.

Prevê-se no exterior o emprego de betão aparente, reboco pintado e tinta plástica branca, cerâmica e caixilharia de madeira envernizada.

Os pavimentos serão de alvenaria de granito, tijoleira ou madeira conforme o destino das dependências. Do mesmo modo se aplicarão lambris laváveis e impermeáveis nas zonas de serviço, balneários e sanitários.

Haverá um especial cuidado nas impermeabilizações e drenagens, prevendo-se na cobertura o emprego de telas asfálticas.

A rede de esgotos será independente por cada edifício ou grupo de edifícios, com fossas sépticas e sumidouros separadas.

Outrossim no que diz respeito ao abastecimento de eletricidade de água, em que este será feito a partir duma central de pressurização.

Carta 2:

Porto, abril de 1969.

Exmo. Sr.

*Presidente da Câmara Municipal de
Viana do Castelo*

A LUZIAMAR – SOCIEDADE PROMOTORA DO TURISMO VIANENSE, S.A.R.L., com sede no lugar do Cabedelo, Cais Novo, Freguesia de Darque, deste Concelho, tendo adquirido um lote de terreno no pinhal da Praia do Cabedelo, vem requerer a V. Exa. se digne mandar passar a necessária licença para a construção da primeira fase dos empreendimentos que se propõe levar a cabo no referido local.

Compreende esta primeira fase de construção o que se encontra programado nas alíneas a) a f) da memória descritiva que acompanha o projeto junto, necessitando a requerente, para a efetivação das obras enunciadas, que lhe seja concedido o prazo de doze meses.

Pede deferimento.

Viana do Castelo, 14 de julho de 1969.

Informação:

O projeto terá que ser aprovado pelos serviços de turismo, conforme preceitua a Lei nº2073, de 23-12-1958. (22/7/69)

O Engenheiro-Chefe da Repartição de Obras, António Bacela

Carta 3:

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Francisco José Gouveia Alves Nogueira, casado, Arquiteto com escritório na Rua da Alegria, nº1714-B apart.34 da Cidade do Porto, declara para todos os efeitos da legislação em vigor, assumir a responsabilidade pela execução da obra, a que se refere o projeto junto, relativo a uma UNIDADE TURISTICA, que se pretende construir no Cabedelo em Viana do Castelo em que é Requerente a LUZIAMAR, Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L. com sede nessa cidade (VIANA DO CASTELO).

Porto, 14 de julho de 1969.

Carta 4:

**PRESIDÊNCIA DO CONCELHO
COMISSARIO DO TURISMO
REPARTIÇÃO DE FOMENT**

Exmo. Senhor

Presidente da Câmara Municipal de VIANA DO CASTELO

R. de S. Pedro de Alcântara, 81 – Tels. 36196376 - LISBOA

ASSUNTO: CONJUNTO TURÍSTICO – PRAIA DO CABEDELLO

(1ª FASE)

LUZIAMAR – SOCIEDADE PROMOTORA DO TURISMO
VIANENSE, SARL

Em referência ao ofício de V. Ex^a., acima mencionado, tenho a honra de solicitar para devida organização do processo, em epígrafe, o duplicado do anteprojeto, e bem assim o parecer dessa Câmara Municipal e/ou do respetivo urbanista sobre a localização, volume, integração, aspeto estético e interesse da presente iniciativa.

Entretanto, esclareço V. Ex^a., que em conformidade com a circular do ano transato da Direção Geral da Administração Política e Civil, do Ministério do Interior, deverão ser também enviados elementos à Direção Geral dos Serviços de Urbanização, acompanhados do parecer dessa Câmara Municipal e/ou do respetivo urbanista, para que o presente processo possa ser apreciado em reunião conjunta com a referida entidade.

Esta apreciação é feita a todos os processos relativos a iniciativas hoteleiras e similares que resultem de novas construções ou ampliações de edifícios existentes ou ainda quando nas iniciativas existentes se verificar alterações nos aspetos exteriores dos edifícios que ocupam. Para este efeito, consideram-se ainda as novas iniciativas hoteleiras ou similares quando venham a ocupar edifícios já existentes.

Assim, solicito a V. Ex^a., para bom andamento deste processo, que seja dado conhecimento a estes Serviços, o mais rapidamente possível, do envio dos elementos em causa à Direção Geral dos Serviços de Urbanização.

Apresento a V. Ex^a. os meus cumprimentos.

A BEM DA NAÇÃO
O CHEFE DA REPRESENTAÇÃO DE PROJECTOS

(Jorge Santos Costa)

Carta 5:

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO
DIRECÇÃO DE URBANIZAÇÃO DO DISTRITO DE VIANA DO
CASTELO

Exmo. Senhor
Presidente da Câmara Municipal de
VIANA DO CASTELO

Assunto:

“Urbanização do Cabedelo. Construção duma unidade turística na Praia do Cabedelo.

Requerente: LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L. ”

Relativamente ao ofício dessa Exma. Câmara nº 3980, de 21/8/69, peço a V. Exa. se digne remeter-nos o parecer dessa Entidade e o do Arquitecto Urbanista do Cabedelo, sobre a construção pretendida.

A BEM DA NAÇÃO

O ENGENHEIRO DIRECTOR,

(José Manuel Oliveira Valença)

Carta 6:

Exm.º Senhor

Arqt.º João António de Aguiar

Av. Paris, 13 – r/c – dt.º.

L I S B O A

Construção duma unidade turística na Praia do Cabedelo

Requerente: LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L.

Juntamento envio, a título devolutivo, o processo referente à unidade turística que a LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense, Ld.º. pretende construir na Praia do Cabedelo, da freguesia de Darque, deste concelho, rogando a V. Ex.ª. se digne emitir, com a maior urgência, parecer sobre o assunto, para satisfação do que foi solicitado a esta Câmara Municipal pela Direcção-Geral do Turismo e pela Direcção de Urbanização deste distrito, conforme seus ofícios constantes do mesmo processo.

Com os melhores cumprimentos, me subscrevo.

A bem da Nação

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

(Dr. Luís Monteverde da Cunha Lobo Júnior)

Carta 7:

*Exm^o. Senhor
Arqt.^o João António de Aguiar
Av. Paris, 13 – r/c – dt.^o.
L I S B O A*

Construção duma unidade turística na Praia do Cabedelo

*Requerente: LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo
Vianense, S.A.R.L.*

*Solicito a V. Ex.^a se digne devolver-me, na volta do correios e sem o
parecer pedido, o processo de obra em que é requerente o
LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L.,
que acompanhou o meu ofício nº 4 265, de 13 de Setembro findo.*

Com os melhores cumprimentos, me subscrevo.

*A bem da Nação
O PRESIDENTE DA CÂMARA,*

(Dr. Luís Monteverde da Cunha Lobo Júnior)

Carta 8:

*Exm^o. Senhor
Arqt.^o Carlos Alberto de Carvalho Dias
Rua 15 de Novembro, 89
P O R T O*

Construção duma unidade turística na Praia do Cabedelo

*Requerente: LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo
Vianense, S.A.R.L.*

*Juntamento envio, a título devolutivo, o processo referente à
unidade turística que a LUZIAMAR – Sociedade Promotora do
Turismo Vianense, Ld.^a pretende construir na Praia do Cabedelo,
da freguesia de Darque, deste concelho, rogando a V. Ex.^a se digne
emitir, com a maior urgência, parecer sobre o assunto, para
satisfação do que foi solicitado a esta Câmara Municipal pela
Direcção-Geral do Turismo e pela Direcção de Urbanização deste
distrito.*

Com os melhores cumprimentos, me subscrevo.

ANEXO:

Um exemplar do processo indicado em epígrafe.

A bem da Nação

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

(Dr. Luís Monteverde da Cunha Lobo Júnio)

Carta 9:

CARLOS CARVALHO DIAS

a r q u i t e c t o

Informação ao Requerimento da LUZIAMAR, para construção duma unidade turística na Praia do Cabedelo – Viana do Castelo.

Em parecer prestado em 16 de janeiro de 1966, informei não ver qualquer inconveniente na localização, neste terreno, dum empreendimento de carácter turístico, no género dum “clube de recreio”, com era então solicitado. O meu parecer baseava-se essencialmente no facto de que o estudo de revisão do Antepiano de Urbanização da Praia do Cabedelo previa “precisamente naquele local, a reserva de terreno para instalação congénere, integrando-o numa zona de Recreio e Turismo”.

É, pois, na continuação deste parecer que agora informo o projeto apresentado:

1.Quanto ao projeto de conjunto das diversas instalações previstas para este Centro Turístico:

Nada tenho a opor, parecendo-me correta a adaptação ao terreno, e equilibrados os volumes e o jogo dos vários corpos projetados. Igualmente, no que diz respeito às áreas de espaços livres de utilização comum (dentro da unidade) e ajardinadas ou arborizadas, contrapondo-se aos volumes construídos. Também julgo correta a diferenciação e consequente localização das várias entradas na unidade, cada uma para seu fim determinado, embora interiormente relacionadas entre si.

A única reserva que faço é a respeitante às áreas de estacionamento previstas, as quais me parecem insuficientes para servir todas as instalações projetadas. Proponho, assim, que a faixa a este fim destinada, à ilharga do arruamento nordeste, seja modificada na

sua configuração e dimensões, podendo em áreas sensivelmente igual, quase triplicar a sua capacidade; por outro lado, a capacidade de estacionamento servindo o hotel residencial na extremidade sul do terreno, a qual é francamente reduzida, poderá ser igualmente ampliada com áreas bem determinadas entre os próprios pinheiros, na zona verde de proteção que lhe fica à ilharga. De ambas estas sugestões esbocei uma hipótese, a lápis, na planta de localização do processo.

2.Quanto ao projeto do edifício do restaurante, “boîte”, etc.:

Nada tenha igualmente a opor, uma vez que, esteticamente, satisfaz. A articulação no terreno e o aproveitamento dos seus desníveis parecem-me bem conseguidos, podendo resultar um volume agradável e variado. A fachada norte, por exemplo, que transparece, em desenho, com o seu quê de maciço, virá certamente a apresentar-se de modo muito mais favorável, atendendo à sua posição em relação ao arruamento, atrás duma zona ajardinada – de que terá de ser tirado partido adequado – e “fugindo” na direção sul, para o interior do terreno.

Porto, 14 de outubro de 1969

(Carlos Carvalho Dias)

Carta 10:

CARLOS CARVALHO DIAS
a r q u i t e c t o

r u a d e 1 5 d e n o v e m b r o , 8 9
P O R T O

(15.10.69)

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de
Viana do Castelo

Assunto: Urbanização da Praia do Cabedelo

Em resposta ao ofício de V. Exa. Nº 4471, de 3 do corrente, cumpre-me informar que devolvi por este mesmo correio, em encomenda postal, o processo que com aquele ofício me fora remetido, acompanhado da correspondente informação.

Aproveito a oportunidade para, na sequência das minhas cartas de 16 de janeiro e 10 de novembro de 1966, referir novamente a V. Exa. a necessidade de ser empreendido, como num recomeço, o estudo urbanístico daquela zona, tão importante para a vida da cidade.

Este recomeço tem a sua razão de ser na multiplicidade de novos aspetos que foram surgindo e que condicionarão ou afetarão uma área considerável daqueles terrenos, ou em virtude de situações que com o tempo se foram agravando. Refiro-me, por exemplo, à projetada ampliação do porto de Viana para a margem sul do rio, à instalação e abertura da Colónia de Férias da F.N.A.T., à progressão – em alguns locais – das dunas para o interior do terreno, etc.

Elemento indispensável para se encetar este trabalho é o correto levantamento topográfico de toda a área, dado que os elementos existentes se encontram extremamente desatualizados, além de terem sido deficientemente coligidos a partir de levantamentos parciais efetuados em épocas distintas e apresentados em escalas diversas.

Julgo ser do máximo interesse a comunicação desta minha sugestão à D.G.S.U., a qual a encarará, certamente, o melhor possível.

Apresento a V. Exa. os meus melhores cumprimentos, subscrevo, atentamente,

(Carlos Carvalho Dias)

Carta 11:

COMISSARIADO DO TURISMO

PROCESSO DA D.C.T.:

(data: 5/3/70)

LOCAL: PRAIA DO CABEDELLO

DA D.G.S.U. U-406-A-17

EMPREENDIMENTO: CONJUNTO TURISTICO

VIANA DO CASTELO

**INTERESSADO: LUZIAMAR – SOC. PROMOTORA DO
TURISMO VIANENSE, S.A.R. L.**

PROCESSO: Nº 305

A Direcção-Geral do Turismo aceita a localização da primeira fase do empreendimento, referida nas alíneas a), b), c), d), e) e f) da memória descritiva, de acordo com o parecer do urbanista no que respeita à necessidade de aumento da capacidade de estacionamento e da proposta da Direcção-Geral dos Serviços de

Urbanização quanto à supressão dos acessos ao hotel pela Rua E e consequentes ajustamentos.

Quanto ao hotel afigura-se-nos ter um desenvolvimento excessivo em extensão.

No que respeita à unidade residencial julga-se também excessivo o número de pisos propostos.

Assim, quanto aos dois últimos empreendimentos motel e residencial, reserva-se o parecer definitivo para quando da apresentação dos respetivos projetos.

Esta decisão é válida por seis mês

Carta 12:

D G S U
DIRECÇÃO DE URBANIZAÇÃO DO DISTRITO DE BRAGA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE
PLANEAMENTO URBANISTICO
FA/MA 2ª. ZONA DE URBANIZAÇÃO E ARQUITECTURA

INFORMAÇÃO

REQUERENTE

LUZIAMAR

N.º 418 DATA 9/12/69

SOC. Promotora do Turismo Vianense

REFERÊNCIA Of. N.º 2155 de 4/11/69

CONCELHO Viana do Castelo

da Direcção de Viana do Castelo a solicitar

FREGUESIA

(parecer sobre o projeto)

I – DESCRIÇÃO

A – Do estudo, projeto ou plano

1. Natureza do estudo ou da obra.

Construção duma unidade turística.

2. Localização (indicada em planta anexa).

Praia do Cabedelo, conforme planta anexa.

3. Finalidade (do edifício, instalações ou urbanização).

Construção de uma unidade hoteleira e arranjo urbanístico envolvente.

4. Índices Técnicos Característicos.

O estudo abrange uma área a urbanizar com cerca de 2 hectares parecendo corresponder nesta 1ª. fase a construção de balneários, boîte e restaurante, armazém e casa do guarda com área aproximada de 1.000 m2, além de piscinas, parques infantil e desportivo, centro comercial, etc.

5. *Infraestruturas.*

Os arruamentos previstos na planta de localização e todas as demais – abastecimento de águas, esgotos, electricidade, etc. – necessárias ao funcionamento da unidade projetada.

6. *Faseamento e prazos de execução.*

Está previsto em 1ª. fase todo o empreendimento projetado, ficando para uma 2ª. fase dos trabalhos a construção do Hotel residencial e Motel, visto este estar projetado num terreno que ainda não é pertença da Sociedade embora por informações obtidas já estar sancionado pela Câmara Municipal de Viana do Castelo.

O Urbanista, no seu parecer de janeiro de 1966 baseava-se no facto de que o estudo de revisão do Antepiano de Urbanização da Praia do Cabedelo previa, “precisamente naquele local a reserva do terreno para instalações congénere, integrando-o numa Zona de Recreio e Turismo”.

II – ANTECEDENTES E PARECERES DE OUTRAS ENTIDADES ANTECEDENTES:

Em janeiro de 1966, o Arquiteto Urbanista já emitiu parecer favorável sobre a localização, neste terreno, de um empreendimento de carácter turístico, no género dum “clube de recreio”.

PARECER DO URBANISTA:

Junta-se cópia em anexo.

PARECER DO MUNICIPIO:

Pelo seu ofício nº. 4810 de 31/10/69 informa “esta Câmara Municipal não vê inconveniente na construção requerida”.

OUTROS PARECERES:

Carta 13:

CÓPIA DA ACTA DA 55ª REUNIÃO CONJUNTA DOS TÉCNICOS DA D.G.S.U. COM OS DA D.G.T.

55ª REUNIÃO /CI - 5/3/70

PROCESSO NA D.C.T. : CT. 87
NA D.G.S.U.
LOCAL: Praia do Cabedelo
CONCELHO Viana do Castelo
DISTRITO: Viana do Castelo
EMPREENDIMENTO: CONJUNTO TURÍSTICO
INTERESSADO: LUZIAMAR – SOC. PROMOTORA DO
TURISMO VIANENSE, S.A.R.L.

DECISÃO:

A Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização é de parecer que, do ponto de vista urbanístico e na generalidade, e estudo apresentado para o empreendimento pela requerente pode ser aprovado na condição de:

- se aumentar a capacidade do estacionamento automóvel;
- que a entrada para o hotel (18) deixe de fazer-se pela Rua E mas sim pela Rua C, ficando o hotel claramente “livre” para o mar;
- se eliminarem todos os autoataques e acessos com serventia direta para Rua E, (20);
- que a Rua E no contexto do Plano de Urbanização seja prevista como esplanada para peões, para o que a Câmara com o seu urbanista providenciará pelo respetivo estudo.

Em relação aos elementos do Complexo já projetados concede-se aprovação ao conjunto “Balneários – Boîte – Restaurante – Piscina de adultos”, devendo quanto à piscina, balneários e anexos ser apresentado anteriormente um projeto completo para ser presente aos organismos especializados para pronunciar sobre o ponto de vista sanitário.

Quanto à segunda fase do empreendimento só em face dos respetivos estudos se poderá emitir parecer.

Fixa-se o prazo de seis meses para apresentação dos elementos em falta relativos à primeira fase, findo o que caducará a parecer decisão.

ANEXO:

- Cópia da informação nº 418

A BEM DA NAÇÃO
O ENGENHEIRO DIRECTOR,

(José Manuel Oliveira Valença)

Carta 14:

*PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
COMISSARIADO DO TURISMO
REPARTIÇÃO DO FOMENTO*

*Exmo. Senhor
Presidente da Câmara Municipal de*

VIANA DO CASTELO

ASSUNTO: CONJUNTO TURÍSTICO – PRAIA DO CABEDELO

*(PROJECTO DA 1ª. FASE) – LUZIAMAR,
S.A.R.L.*

Em referência ao ofício de V. Exª., acima mencionado, tenho a honra de junto enviar, em anexo, a decisão destes Serviços sobre o assunto em epígrafe, emitida em reunião conjunta, realizada com a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

Esta decisão respeita apenas aos aspetos de localização, volume e partido arquitetónico, do estudo apreciado.

Em conformidade com esta decisão, vão estes Serviços apreciar o referido estudo no seu aspeto funcional, motivo porque brevemente se procederá à sua devolução com o parecer que vier a ser emitido.

Apresento a V. Exª. os meus cumprimentos.

*A BEM DA NAÇÃO
O CHEFE DA REPARTIÇÃO DE PROJECTOS*

(Jorge Santos Costa)

Carta 15:

*MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO
DIRECÇÃO DE URBANIZAÇÃO DO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO*

*Exmo. Senhor
Presidente da Câmara Municipal de VIANA DO CASTELO*

Assunto:

*“Conjunto turístico na Praia do Cabedelo
Luziamar Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L.”*

Relativamente aos ofícios n.ºs 3980 e 4810 de, respetivamente, 21/8/69 e 31/10/69, dessa Câmara Municipal, remeto a V. Ex.ª uma cópia da informação n.º 418 de 9/12/69 da 2ª Zona de Urbanização e Arquitetura e transmito, seguidamente, as informações e despachos exarados superiormente, incluindo o teor da ata da 55ª Reunião conjunta dos técnicos destes Serviços com os da Direcção-Geral de Turismo, realizada em 5/3/70:

INFORMAÇÃO N.º 404 de 27/1/1970:

“Informação

*ASSUNTO: Urbanização da Praia do Cabedelo
LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense
Viana do Castelo*

I – RELAÇÕES DO EMPREENDIMENTO COM O ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO

I – 1 – Os terrenos onde a S.P.T.V. Luziamar pretende levar a efeito uma unidade turística, então na Revisão ao Antepiano de Urbanização, classificados como zona de recreio e turismo.

I – 2 – Na Revisão ao Antepiano de Urbanização (datado de 1963) prevê o autor três grandes zonas:

- residencial em parque*
- recreio em turismo*
- especial*

I – 3 – No projecto apresentado pela Luziamar, verifica-se que o empreendimento anexa uma faixa da zona residencial confrontante com a Rua E (arruamento marginal).

I – 4 – Esta apropriação da dita faixa da zona residencial, julgamo-la justificável e até aconselhável porque:

- amplia a área do núcleo turístico*
- torna o núcleo turístico uma continuação lógica do areal, destruindo-lhe o carácter de interioridade dispensável ao caso.*
- elimina as moradias implantadas junto do arruamento marginal (Rua E) que só contribuíam para definir alinhamentos rígidos, compartimentações desnecessárias, e incidências de trânsito mecânico.*

- determina em nosso entender, uma solução mais correta ao traçado da zona verde de recreio e turismo fazendo-a participar as dunas, como se fosse uma extensão natural delas, o que significa que toda a restante faixa da zona residencial que confronta com o areal deveria dar lugar a zonas verdes determinadas a parques, pequenos cafés, bares, esplanadas etc. por eliminação das moradias previstas.

II – INFORMAÇÃO E PARECERES

II – 1 – Tanto a informação da zona (418 de 9.12.69) como o parecer do urbanista, admitem o empreendimento no local previsto. Parece à Zona que o espaço mobiliado tem uma ocupação demasiado densa e ao urbanista haver carência de parque-automóvel. Ambos concordam em que tanto as plantas como as alçadas das instalações previstas nesta primeira fase não oferecem especiais motivos de reparo sendo “equilibrados os volumes e o jogo dos vários corpos projectados”.

III – PROGRAMA DO EMPREENDIMENTOS E FASES DA SUA EXECUÇÃO

III – 1 – As instalações que a Luziamar pretende levar a efeito apresentam o seguinte programa:

- Balneários, boíte e restaurante*
- Armazém, dormitórios do pessoal, cozinha e copa*
- Piscina de adultos e crianças*
- Parque desportivo*
- Parque infantil*
- Zona comercial*
- Motel com recepção e administração*
- Hotel residencial*

III – 2 – Este programa é dividido em duas fases de execução, cabendo à primeira a construção dos balneários, boíte, restaurante, piscina e centro comercial e à segunda o Motel e Hotel.

IV – SOLUÇÃO URBANISTICA E ARQUITECTÓNICA

IV – 1 – Conforme se aludiu no CAPÍTULO I desta informação, seria de toda a vantagem, urbanística e económica, que a Rua E deixasse de ser uma artéria de trânsito mecânico, melhor dizendo, uma violentação da continuidade natural “praia – duna – zonas verdes”. A vantagem da eliminação deste arruamento mecânico,

seria não só o de criar um “espaço esplanada” para peão (com os seus cafés) livre de todos os perigos, principalmente para as crianças, mas também a da ligação directa e confortável do Motel e Hotel ao mar.

IV – 2 – Nesta ordem de ideias propõe-se que:

- o Motel e o Hotel tenham acesso mecânico pela Rua C (o que nos parece possível).

- que a restante fila de moradias previstas junto à Rua E, caso não possam ser eliminadas, tenham serventia também pela Rua C, ou por arruamentos que derivem dela (esta objecção não diz respeito ao projeto apresentado pela Luziamar).

V – CONCLUSÕES

V – 1 – Sem prejuízo do que a D.G.T. vier a pontificar sobre o esquema funcional, propriamente dito, das edificações julgamos de propor à consideração superior que do ponto de vista urbanístico e na generalidade, o projeto seja aprovado com a condição de:

- se tentar um aumento da capacidade do estacionamento automóvel

- que a entrada para o Hotel (18) deixe de fazer-se pela Rua E mas sim pela Rua C ficando o Motel claramente “livre” para o mar

- se eliminem todos os autoataques com serventia direta pela Rua E (20)

- não ser esta aprovação na generalidade extensiva na especialidade, ao Hotel, e ao Motel antes que destes seja aprovado o projeto

V – 2 – Do ponto de vista arquitetónico e em reforço do ponto IV. 3 desta informação, nada temos a objetar podendo o assunto ser levado à reunião conjunta com a D.G.T.

V – 3 – Superiormente se decidirá como for tido pelo melhor.

O ARQUITECTO

a) Mário Bonito”

INFORMAÇÃO AO EXMº. ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

“Concordo com a informação antecedente nos termos da qual julgo da sancionar a localização proposta, natureza e amplitude do empreendimento turístico que a S.P.T.V. pretende levar a efeito na Praia do Cabedelo em Viana do Castelo.

Pelo que respeita à sua articulação com o antepiano de urbanização e, nomeadamente no que respeita à proposta eliminação da Rua E como via de trânsito mecânico, julgo inteiramente pertinentes as sugestões feitas e merecedoras de serem atendidas depois de cuidadoso exame por parte do urbanista e empresa.

Quanto ao restante nada mais julgo acrescentar.

O processo terá de ser submetido à discussão com os técnicos da Direção Geral de Turismo.

a) José Gomes de Almeida
18/2/70”

INFORMAÇÃO AO EXMº. ENGENHEIRO DIRECTOR GERAL

“Concordo. Julgo de se levar à reunião com os técnicos da Direção Geral de Turismo, nas condições propostas.

a) Celestino da Costa
20/2/70”

DESPACHO DO EXMº. ENGENHEIRO DIRECTOR GERAL

“Concordo.

a) Macedo dos Santos
23/2/70”

Carta 16:

*Ex.mo Senhor
Administrador da LUZIAMAR – Sociedade
Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L.*

VIANA DO CASTELO

*“Conjunto turístico na Praia do Cabedelo”
LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L.*

Relativamente ao requerimento dessa Sociedade apresentado na secretaria desta Câmara Municipal em 16 de Julho último, onde foi registado sob o n.º 1 613, transcrevo seguidamente, para os devidos efeitos, o ofício n.º 908, P.º U/9.2.7, de 15 de Abril findo, que, sobre o assunto, me foi endereçado pela Direção de Urbanização deste distrito:

“Relativamente aos ofícios n.ºs 3 980 e 4 810 de respetivamente, 21-8-69 e 31-10-69, dessa Câmara Municipal, remete a V. Ex.ª uma cópia da informação n.º 418 de 9-12-69 da 2.ª Zona de Urbanização e Arquitetura e transmito, seguidamente, as informações e despachos exarados superiormente, incluindo o teor da ata da 55.ª Reunião conjunta dos técnicos destes Serviços com os da Direcção-Geral do Turismo, realizada em 5-3-70:

INFORMAÇÃO N.º 404 DE 27-1-1970:

“Informação

*ASSUNTO: Urbanização da Praia do Cabedelo
LUZIAMAR – Sociedade Promotora do Turismo Vianense
Viana do Castelo*

I – RELAÇÕES DO EMPREENDIMENTO COM O ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO

I – 1 – Os terrenos onde a S.P.T.V. Luziamar pretende levar a efeito uma unidade turística, então na Revisão ao Antepiano de Urbanização, classificados como zona de recreio e turismo.

I – 2 – Na Revisão ao Antepiano de Urbanização (datado de 1963) prevê o autor três grandes zonas:

- residencial em parque*
- recreio em turismo*
- especial*

I – 3 – No projeto apresentado pela Luziamar, verifica-se que o empreendimento anexa uma faixa da zona residencial confrontante com a Rua E (arruamento marginal).

I – 4 – Esta apropriação da dita faixa da zona residencial, julgamo-la justificável e até aconselhável porque:

- amplia a área do núcleo turístico*
- torna o núcleo turístico uma continuação lógica do areal, destruindo-lhe o carácter de interioridade dispensável ao caso.*

- elimina as moradias implantadas junto do arruamento marginal (Rua E) que só contribuíam para definir alinhamentos rígidos, compartimentações desnecessárias, e incidências de trânsito mecânico.*

- determina em nosso entender, uma solução mais correta ao traçado da zona verde de recreio e turismo fazendo-a participar as dunas, como se fosse uma extensão natural delas, o que significa que toda a restante faixa da zona residencial que confronta com o areal deveria dar lugar a zonas verdes*

determinadas a parques, pequenos cafés, bares, esplanadas etc. por eliminação das moradias previstas.

II – INFORMAÇÃO E PARECERES

II – 1 – Tanto a informação da zona (418 de 9.12.69) como o parecer do urbanista, admitem o empreendimento no local previsto. Parece à Zona que o espaço mobiliado tem uma ocupação demasiado densa e ao urbanista haver carência de parque-automóvel. Ambos concordam em que tanto as plantas como as alçadas das instalações previstas nesta primeira fase não oferecem especiais motivos de reparo sendo “equilibrados os volumes e o jogo dos vários corpos projetados”.

III – PROGRAMA DO EMPREENDIMENTOS E FASES DA SUA EXECUÇÃO

III – 1 – As instalações que a Luziamar pretende levar a efeito apresentam o seguinte programa:

- Balneários, boîte e restaurante*
- Armazém, dormitórios do pessoal, cozinha e copa*
- Piscina de adultos e crianças*
- Parque desportivo*
- Parque infantil*
- Zona comercial*
- Motel com receção e administração*
- Hotel residencial*

III – 2 – Este programa é dividido em duas fases de execução, cabendo à primeira a construção dos balneários, boîte, restaurante, piscina e centro comercial e à segunda o Motel e Hotel.

IV – SOLUÇÃO URBANISTICA E ARQUITECTÓNICA

IV – 1 – Conforme se aludiu no Capítulo I desta informação, seria de toda a vantagem, urbanística e económica, que a Rua E deixasse de ser uma artéria de trânsito mecânico, melhor dizendo, uma violentarão da continuidade natural “praia – duna – zonas verdes”. A vantagem da eliminação deste arruamento mecânico, seria não só o de criar um “espaço esplanada” para peão (com os seus cafés) livre de todos os perigos, principalmente para as crianças, mas também a da ligação direta e confortável do Motel e Hotel ao mar.

IV – 2 – Nesta ordem de ideias propõe-se que:

- o Motel e o Hotel tenham acesso mecânico pela Rua C (o que nos parece possível)
- que a restante fila de moradias previstas junto à Rua E, caso não possam ser eliminadas, tenham serventia também pela Rua C, ou por arruamentos que derivem dela (esta objecção não diz respeito ao projeto apresentado pela Luziamar)

V – CONCLUSÕES

V – 1 – Sem prejuízo do que a D.G.T. vier a pontificar sobre o esquema funcional, propriamente dito, das edificações julgamos de propor à consideração superior que do ponto de vista urbanístico e na generalidade, o projeto seja aprovado com a condição de:

- se tentar um aumento da capacidade do estacionamento automóvel.
- que a entrada para o Hotel (18) deixe de fazer-se pela Rua E mas sim pela Rua C ficando o Motel claramente “livre” para o mar.
- se eliminem todos os autoataques com serventia direta pela Rua E (20).
- não ser esta aprovação na generalidade extensiva na especialidade, ao Hotel, e ao Motel antes que destes seja aprovado o projeto.

V – 2 – Do ponto de vista arquitetónico e em reforço do ponto IV. 3 desta informação, nada temos a objetar podendo o assunto ser levado à reunião conjunta com a D.G.T.

V – 3 – Superiormente se decidirá como for tido pelo melhor.

O ARQUITECTO
b) *Mário Bonito”*

INFORMAÇÃO AO EXMº. ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

“Concordo com a informação antecedente nos termos da qual julgo da sancionar a localização proposta, natureza e amplitude do empreendimento turístico que a S.P.T.V. pretende levar a efeito na Praia do Cabedelo em Viana do Castelo.

Pelo que respeita à sua articulação com o antepiano de urbanização e, nomeadamente no que respeita à proposta eliminação da Rua E como via de trânsito mecânico, julgo inteiramente pertinentes as

sugestões feitas e merecedoras de serem atendidas depois de cuidadoso exame por parte do urbanista e empresa.

Quanto ao restante nada mais julgo acrescentar.

O processo terá de ser submetido à discussão com os técnicos da Direção Geral de Turismo.

b) José Gomes de Almeida
18/2/70”

INFORMAÇÃO AO EXMº. ENGENHEIRO DIRECTOR GERAL

“Concordo. Julgo de se levar à reunião com os técnicos da Direção Geral de Turismo, nas condições propostas.

b) Celestino da Costa
20/2/70”

DESPACHO DO EXMº. ENGENHEIRO DIRECTOR GERAL

“Concordo.

b) Macedo dos Santos
23/2/70”

“CÓPIA DA ACTA DA 55ª REUNIÃO CONJUNTA DOS TÉCNICOS DA D.G.S.U. COM OS DA D.G.T.

55ª REUNIÃO /CI - 5/3/70

PROCESSO NA D.C.T. : CT. 87

NA D.G.S.U.

LOCAL: Praia do Cabedelo

CONCELHO Viana do Castelo

DISTRITO: Viana do Castelo

EMPREENDIMENTO: CONJUNTO TURÍSTICO

*INTERESSADO: LUZIAMAR – SOC. PROMOTORA DO
TURISMO VIANENSE, S.A.R.L.*

DECISÃO:

A Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização é de parecer que, do ponto de vista urbanístico e na generalidade, e estudo

apresentado para o empreendimento pela requerente pode ser aprovado na condição de:

- se aumentar a capacidade do estacionamento automóvel;*
- que a entrada para o hotel (18) deixe de fazer-se pela Rua E mas sim pela Rua C, ficando o hotel claramente “livre” para o mar;*
- se eliminarem todos os autoataques e acessos com serventia direta para Rua E, (20);*
- que a Rua E no contexto do Plano de Urbanização seja prevista como esplanada para peões, para o que a Câmara com o seu urbanista providenciará pelo respetivo estudo.*

Em relação aos elementos do Complexo já projetados concede-se aprovação ao conjunto “Balneários – Boîte – Restaurante – Piscina de adultos”, devendo quanto à piscina, balneários e anexos ser apresentado anteriormente um projeto completo para ser presente aos organismos especializados para pronunciar sobre o ponto de vista sanitário.

Quanto à segunda fase do empreendimento só em face dos respetivos estudos se poderá emitir parecer.

Fixa-se o prazo de seis meses para apresentação dos elementos em falta relativos à primeira fase, findo o que caducará a parecer decisão.”

Juntamente envio uma cópia da informação n.º 418, de 9-12-1969, a que se alude no ofício transcrito.

*A BEM DA NAÇÃO
PRESIDENTE DA CÂMARA,*

(Dr. Luís Monteverde da Cunha Lobo Júnior)

Carta 17:

*D G S U
DIRECÇÃO DE URBANIZAÇÃO DO DISTRITO DE BRAGA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE PLANEAMENTO URBANISTICO
FAMA 2ª. ZONA DE URBANIZAÇÃO E ARQUITECTURA*

INFORMAÇÃO

REQUERENTE LUZIAMAR
N.º 418 DATA 9/12/69
SOC. Promotora do Turismo Vianense
REFERÊNCIA Of.º N.º 2155 de 4/11/69
CONCELHO Viana do Castelo
da Direção de Viana do Castelo a solicitar
FREGUESIA

(parecer sobre o projeto.)

Concorda-se inteiramente com a informação da 2ª. Zona de Urbanização e Arquitetura
DIRECÇÃO DE URBANIZAÇÃO DO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO, em 10/12/1969

O ENGENHEIRO DIRECTOR,

Percorrido o local onde se situará o Centro Turístico projetado verifica-se que de um modo geral da ocupação do terreno previsto no estado do conjunto, satisfaz, podendo resultar uma agradável valorização do local.

Quanto aos imóveis projetados a sua localização afigura-se-nos adequada à natureza e configuração do terreno e suas finalidades, embora a sua ocupação nos pareça um pouco compacta em relação aos elementos projetados tendo em vista o Motel e o Campo de Jogos que se encontram muito próximos da construção principal projetada (ver desenho nº. 1 dos corpos 4, 5 e 6).

Ao que respeita os arruamentos o seu esquema afigura-se satisfatório, não só em relação a área correspondente ao empreendimento em si, mas também quanto ao seu delineamento geral e ligação com as vias existentes.

Quanto aos projetos apresentados, tanto em planta como em alçados não oferecem quanto a nós, motivos especiais de reparos, concordando-se com a opinião do Urbanista quando afirma no seu parecer que lhe parece “equilibrados os volumes e o jogo dos vários corpos projetados”, embora a única reserva que faz é a respeitante às áreas de estacionamento previstas que são na verdade insuficientes para servir as instalações projetadas.

CONCLUSÃO

Julga-se que a obra projetada tanto em si como no que respeita a integração no ambiente geral, virá a constituir motivo de grande valorização pelo que se julga o projeto em condições de vir a merecer aprovação tanto em atenção às observações acima formuladas, se estas merecerem aceitação superior, devendo, ainda ser submetido o parecer do S.N.I. (Direção Geral do Urbanismo).

Por último, o autor deverá apresentar os esquemas das infraestruturas necessárias ao completo funcionamento do Centro Turístico e levar a efeito no Cabedelo, bem como os projetos do Hotel residencial e Motel para apreciação, antes do início da 2ª fase.

Braga e 2ª. Zona de Urbanização e Arquitetura, 9/12/1969

O ARQUITECTO CHEFE,

(Francisco Augusto Batista)
(16/2/74)

Carta 18:

Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo,

Luziamar, Sociedade Promotora do Turismo Vianense, S.A.R.L., sita na Praia do Cabedelo, na Freguesia de Darque, conselho de Viana do Castelo, vem por este meio junto de V. Ex.cia solicitar se digne conceder-lhe o Alvará Sanitário, para exploração de um Restaurante de 1.ª sito no local acima indicado.

Muito atenciosamente
Pede deferimento

Viana do Castelo, 18/2/74

O Gerente,

(Alcino Ferreira Lemos)''.

Entrevista – Eng. Agostinho Rites:

M.A.: *Queria saber o que acha do edifício do Luziamar. Se tem alguma opinião do edifício que me possa dar.*

A.R.: *O Luziamar é um edifício que como nos sabemos está lá à longa data, que está desativado, e onde se está a tentar reabilitar a área total, que está lá no fundo semiabandonada. Portanto, estamos a trabalhar em projetos para reabilitar aquele edifício de tal forma a que seja viável. Estamos a tentar que aquilo deixe de ser um cemitério.*

M.A.: *Mas acha o edifício bonito?*

A.R.: *O edifício foi bonito, tal qual agora como está deixou de o ser. Agora, só mesmo depois da reabilitação é que ele voltará a ter o êxito que já teve.*

M.A.: *Gostaria de saber se é o proprietário desde a época de construção?*

A.R.: *Não, não. O terreno do Luziamar pertencia a uma grande quantidade de acionistas, tinha centenas de acionistas, e há cerca de 30 anos a partir daí o Luziamar começou a ir abaixo economicamente. Os acionistas começaram a desanimar e começaram a vender as ações que tinham, e fui eu que comprei a maioria das ações do Luziamar. Só não comprei a totalidade porque havia pessoas que já tinham morrido. Comprei essas ações e cheguei a ter para lá um projeto com cerca de 100 apartamentos, que já se encontrava licenciada. Mas, depois desisti da construção, porque o projeto não me agradou, não fui feliz com o arquiteto que me fez esse projeto. O projeto era redondo e as habitações por dentro também eram em redondo e com isso tudo ficava fora de esquadria, e então desisti.*

M.A.: *Então até agora não tem nenhum projeto em mente?*

A.R.: *Tenho uns arquitetos agora a fazer um projeto para reabilitar aquele imóvel que lá está, mas não se encontra nada realizado.*

M.A.: *Segundo o PDM o local encontra-se caracterizado como Zona de Empreendimento Turístico proposto, está a pensar fazer algum hotel ou apenas habitação?*

A.R.: *Dentro disso.*

M.A.: *Já pensou em reabilitá-lo ou demoli-lo?*

A.R.: *Não estou a pensar demoli-lo na totalidade, estou a pensar demoli-lo deixando aquela parte frontal, em forma de octógono, que é a parte mais bonita daquele edifício. Nessa forma não estou a pensar mexer, poderei reabilitá-la e alterá-la. Contudo, há ali uma*

parte que são zonas perdidas, não dá para nada. O Luziamar tem uma extensão bastante grande e a mais importante e mais bonita é aquela que disse há pouco. Até por cauda do desenho da cobertura, era uma parte que eu queria manter. A zona mais a sul se for alterada não me faz diferença nenhuma, tal como está não tem viabilidade nenhuma. A parte direita é muito estreita, por isso pretendia manter o resto menos esta, construir algo que se encaixe dentro disto de outra forma. Está morto completamente.

M.A.: *Sabe-me dizer se o edifício do Luziamar tem algum valor económico, quanto à estrutura que o suporta? Será que o facto de o deitar abaixo traria algum prejuízo? Já fez alguma avaliação, com um engenheiro relativamente à estrutura do edifício? De como se encontra após o incêndio?*

A.R.: *A estrutura está ótima, não tem problema nenhum. Sim, houve um incêndio, mas tal não danificou nada, foi um incêndio fraquinho, provocado pelos toxicodependentes que habitavam no edifício por ele estar devoluto. O incêndio que lá houve, quanto à estrutura provocou zero problemas. A zona direita quero demoli-la, mas não por causa do incêndio, apenas porque não tem áreas para nada, não é viável deixa-la de pé. Precisamos de a adaptar àquilo que se pretende fazer. O exemplo de umas paredes em pladur, de umas casas de banho desatualizadas? Isso não é estragar, estragar seria se as deixássemos estar como estão. O que se pretende é deixar a carcaça e mudar o interior todo, é isso que prevejo fazer no Luziamar.*

M.A.: *Já lhe ocorreu alguma ideia de fazer um hotel de 5 estrelas no local, acha que seria uma boa proposta? Ou apenas habitação?*

A.R.: *Dá para as duas coisas. Como já temos lá o hotel Feel Viana, o Cabedelo já está servido de hotéis. É uma solução, não me parece é que seja muito rentável. É um investimento brutal um hotel desses, mais requintado e de 5 estrelas, e com isso morremos todos sem ver a rentabilidade de um hotel. Economicamente a habitação é a melhor proposta para o local. Pode ser habitação tipo Aparthotel, que no fundo é habitação, mas também é hotel, dá para as duas coisas. Se alguém quiser passar lá uma ou duas semanas há sempre essa disponibilidade acessível. Os apartamentos mais altos e os blocos à volta foram feitos por mim, inicialmente eram para ser um hotel. Antigamente, quanto a PDM não se fala e nada, agora é que se tem de respeitar essas leis. Neste caso é a Câmara que decide. Mas, para a zona do Luziamar o que importa é reabilitá-lo.*

M.A.: *Acha que o Luzimar deve ser caracterizado como património?*

A.R.: *Não. Não, me parece, mas cada um tem a sua ideia. Aquilo nunca chegou a ser hotel, o Luziamar era apenas uma discoteca,*

tudo aquilo era uma discoteca. Não era mais nada, tinha restaurante, mas era a discoteca que geria aquilo tudo.

M.A.: *Pensa em reabilitar o Luziamar e reabrir a discoteca? Não como era, mas apenas pela lembrança.*

A.R.: *Não penso, porque está ultrapassado. Não seria viável, porque daqui a 2 anos estaria fechado. Penso sim, reabilitar o Luziamar como aparthotel, incluindo nessa construção uma zona de almoços, um bar sem ser muito industrial, onde um casal posso ir jantar, tomar café, mas sem cheiro a discoteca.*

M.A.: *A minha proposta estava a redirecionar-se para uma torre, na zona de quartos, para que a paisagem fosse apreciada pelos hóspedes, o que acha? Ou um projeto mais horizontal?*

A.R.: *Depende do tipo de torre. Mas, não me choca que haja lá uma torre de 6 pisos, até porque o Luziamar, em relação ao mar está num buraco, as dunas tapam no mínimo dois pisos. Sai assim um pouco em que da praia só se vê uma coisinha a surgir. Com fica no meio de um pinhal era interessante surgir daí alguma coisa. Mas, não me choca nada. Uma torre de 14 pisos é muito grande, não. Ali no Luziamar, uma torre dessas não acho bem. Mas, haja quem defenda isso, os moradores do cabedelo dizem que uma torre gigante ali ficaria bem, com cafés, bares, restaurantes, eles defendem isso, um prédio em altura. O Mário Guimarães não se cansa de falar disso. Mas, eu não arrisco nisso, mas agora uma construção com alguns pisos sim. O que desvaloriza é ter aquilo como está, dar vida aquilo é o objetivo. Ainda estou à espera de uma proposta. O que estão a fazer os arquitetos não ultrapassa a altura que lá está. Aquilo que eles vão propor fazer é aquela parte para sul, que não tem dimensões para nada, ficaria tudo atrofiado lá dentro. Tem de ter boas áreas no seu interior.*

M.A.: *Gostaria de acrescentar alguma coisa a esta entrevista?*

A.R.: *Aquilo que gostaria de ver era o Luziamar reabilitado, como já disse, para uma coisa ou outra. Estou na disposição disso, para vários estudos e várias propostas. Só digo que a parte que falamos deve ser demolida, tirar e por, com alguns ajustes, terá que haver uma ocupação não em comprimento, mas para trás, para o edifício ter algo rentável. A piscina deve ficar, claro que tem de fazer alguma intervenção nela, modernizá-la, tal como campo de ténis. Agora só preciso de um projeto aprovado para reabilitar o Luziamar, e que não me criem problemas. A cidade só tem a ganhar com isso!”.*

